

Chris Salles

Diário INTERNACIONAL de Babi

"Babi nos ensina que a vida real
também tem seus momentos de
contos de fadas. Basta a gente
permitir que eles aconteçam."

Paula Pimenta



Chris Salles

O Diário
INTERNACIONAL
de Babi

A decorative graphic consisting of a dashed line that starts from the top right, loops around the word 'Diário', passes through the word 'INTERNACIONAL', loops around the word 'Babi', and ends at the bottom left. The line is adorned with three small hearts and a small cross.

 Planeta

Copyright © Chris Salles, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ler & Escrever – Produções Editoriais
Revisão: Maria Luiza Almeida e Elisa Nogueira
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Giovana Medeiros
Ilustrações de capa e miolo: Giovana Medeiros
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S163d

Salles, Chris

O diário internacional de Babi / Chris Salles. – 1. ed. – São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0768-2

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-33897

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br



Sumário

2 de junho (quinta-feira)

Ainda 2 de junho (quinta-feira)

Ainda 2 de junho (quinta-feira)

3 de junho (sexta-feira)

4 de junho (sábado)

5 de junho (domingo)

6 de junho (segunda-feira)

7 de junho (madrugada do dia 8, quarta-feira)

8 de junho (quarta-feira)

10 de junho (sexta-feira)

12 de junho (domingo)

13 de junho (segunda-feira)

14 de junho (terça-feira)

15 de junho (quarta-feira)

15 de junho (madrugada do dia 16, quinta-feira)

16 de junho (quinta-feira)

17 de junho (sexta-feira)

18 de junho (sábado)

19 de junho (domingo)

20 de junho (segunda-feira)

21 de junho (terça-feira)

25 de junho (sábado)

26 de junho (domingo)

29 de junho (quarta-feira)

30 de junho (quinta-feira)

3 de julho (domingo)

4 de julho (segunda-feira)

5 de julho (terça-feira)

6 de julho (quarta-feira)

7 de julho (quinta-feira)

8 de julho (sexta-feira)

9 de julho (sábado)

11 de julho (segunda-feira)

12 de julho (terça-feira)

13 de julho (quarta-feira)

15 de julho (sexta-feira)

16 de julho (sábado)

17 de julho (domingo)

18 de julho (segunda-feira)

19 de julho (terça-feira)

Ainda 19 de julho (terça-feira)

23 de julho (sábado)

24 de julho (domingo)

26 de julho (terça-feira)

Ainda 26 de julho (terça-feira)

27 de julho (quarta-feira)

28 de julho (quinta-feira)

29 de julho (sexta-feira)

30 de julho (sábado)

31 de julho (domingo)

Ainda 31 de julho (domingo)

2 de agosto (terça-feira)

3 de agosto (quarta-feira)

3 de agosto (madrugada do dia 4, quinta-feira)

4 de agosto (quinta-feira)

Agradecimentos

2 de junho (quinta-feira)

No avião, sobrevoando o Rio de Janeiro



18h08 – Ao meu lado, uma mulher também acha que vamos morrer. Digo isso porque ela está com as mãos unidas e os olhos fechados, rezando.

Alice, minha irmã mais velha, pergunta como eu, a dramática da família, consigo escrever no diário numa hora dessas.

Bem, mamãe me deu isso aqui para que eu pudesse desabafar. Ela disse que seria uma ótima forma de eu sair da concha onde me escondo por causa da timidez. Além do mais, falou que eu adorava contar histórias para as minhas bonecas e

que com este diário eu teria a chance de fazer o mesmo, mas com as minhas próprias histórias. E é o que estou fazendo. Só espero que esta não seja a primeira e a última história.

Por falar nisso, agora há pouco ela se levantou e perguntou se estou bem e se minha asma não está atacando por conta de todo o estresse da situação. Fala sério, qualquer coisa faz minha asma atacar! Faço parte do seleto grupo de pessoas que passa mal só de chegar perto de um aerossol. O que, traduzindo, significa que posso sufocar até a morte apenas com cheiro de desodorante. Um final glorioso...

Para não deixar mamãe ainda mais preocupada, menti dizendo que estou bem, mas a verdade é que sinto um aperto no peito e estou me esforçando para não fazer igual àquela garota de *O exorcista*. Quero dizer, o lance de vomitar uma gosma verde no chão, não o de girar a cabeça 360°.

Ah, que ótimo. Para melhorar ainda mais a situação, uma mulher acaba de desmaiar perto de mim.

“Posso dar um tapa para ela acordar?”, perguntou um garotinho de uns oito anos.

“O que é isso, menino! Ficou louco?”, esbravejou a mãe.

“Vi isso num filme...”

Alguém está gritando pela comissária de bordo, com certeza para ajudar a senhora desmaiada.

Ops! Não. O cara só queria mais vinho mesmo. A solidariedade humana é uma coisa incrível!

Atrás de mim, uma mulher com sobrancelhas que parecem dois acentos circunflexos está dizendo para a outra desviar a mente para coisas boas.

“Pensa no *free shop*, amiga! Pensa no *free shop*!”

Claro. Paz de espírito e perfume sem imposto. Tudo a ver.

Mas ninguém está nervoso à toa. Há umas duas horas o piloto informou que foi detectado um defeito no trem de pouso do avião e que a torre de controle está vendo como vamos pousar.

Nesse meio-tempo, estamos dando voltas sobre o Rio de Janeiro porque, segundo as comissárias, é melhor que a aeronave esteja mais leve para a aterrissagem. O que, de acordo com a Alice, significa que vamos gastar gasolina para que o avião não exploda com o impacto e a gente vire churrasquinho.

Pois é. Tranquilizador. E minha irmã ainda cursou alguns períodos de psicologia na UFRGS...

Pela expressão de mamãe, sei que ela está se culpando agora, como eu mesma a culpei durante semanas, desde que ela veio com essa ideia maluca de mudarmos para outro país. Mas é que ela tinha um problemão a resolver. Quero dizer, quase cinquenta anos, mais de duas décadas sem trabalhar, três filhos,

três merrecas de pensões alimentícias, poucas vagas de emprego em uma cidadezinha pequena... Mamãe vinha tentando lidar com toda essa matemática perversa e achou que a solução era nos mudarmos.

O que ela não percebeu é que isso só multiplicou os MEUS problemas!

Só para se ter uma ideia, se eu morrer agora ninguém vai herdar nada de mim, porque não existe mais nada meu fora desse avião. Sapatos, roupas, bichinhos de pelúcia, bolsas, livros... Toda a minha vida teve de caber em duas malas de 90 x 40 x 20 centímetros. É, eu medi! A maior parte do que não pude trazer foi doada. O resto acabou em um lixão.

Sério, não achei que aquela coisa toda da mamãe de que íamos recomeçar quase do zero fosse pra valer. O único item valioso que tenho no momento é a pulseira de prata que meus amigos me deram de presente de despedida.

Ah, meus amigos...

Eles fizeram uma festa ontem para mim, quando me deram a pulseira, e minha amiga Cecília explicou que cada pingente representa alguém da turma. Ela própria escolheu um pingente em forma de câmera por causa da nossa paixão por *selfies*. A Isabella me deu um no formato de sorvete, para eu me lembrar das sorvetadas que a gente fazia no verão, e a Joana preferiu um

de joaninha, por causa do nome dela, lógico.

Já a Camilla escolheu um floco de neve, por todas as mil vezes que a gente assistiu ao filme *Frozen* juntas, enquanto o Douglas preferiu um símbolo da paz, em nome das nossas eternas brigas quando íamos ao cinema e ele queria ver um filme de ação, enquanto as meninas e eu queríamos ver os que ele chama de “mela-cueca”.

O pingente da minha melhor amiga, a Mari, é o mais bonito. Uma fechadura rosa com detalhes em ouro branco, para eu lembrar que meus segredos estarão eternamente seguros com ela.

Além de todos esses, há mais um, no formato de estrela, e Mari disse que esse representa o nome da nossa cidade. A ideia é poder olhar, quando eu estiver nos Estados Unidos, e lembrar que há pessoas em Estrela que gostam muito de mim.

Certo. É melhor parar de pensar nisso. Não posso chorar. Não agora. Senão todo mundo vai achar que sou uma criancinha com medo.

Meu próprio irmãozinho, Dani, não está preocupado. Tudo bem, é pedir demais que uma criança de quatro anos, enfiadora de dedo no nariz e comedora da própria meleca, compreenda a dimensão do drama que estamos passando.

Ai, o piloto acabou de dizer que vamos tentar pousar. Ele

pediu às equipes de emergência que nos esperem na pista e vai reiniciar o sistema do trem de pouso, ou pelo menos foi o que entendi.

Falta de ar, não é hora de você aparecer!

Alguém gritou desesperado no fundo do avião e uma das comissárias de bordo fez discretamente o sinal da cruz.

Ai, meu Deus! A gente vai morrer!

Ainda 2 de junho (quinta-feira)

Na área de embarque do Galeão



Código localizador

GEHEFK

AMERICAN AIRLINES®
www.aa.com.br



Ida

qui, 02/jun/2015

Voo: 4011

GIG Rio de Janeiro

MCO Orlando

Saída: 21:00

Chegada: 06:25

IDA	Passageiros	Trecho	Nº fidelidade	Assentos
	DOS SANTOS/ BARBARA HENKELS MS	GIG-MCO	0012191998401	22A
	DOS SANTOS/ ALICE HENKELS MS	GIG-MCO	0012191596761	22B
	DOS SANTOS/ VALKIRIA HENKELS MRS	GIG-MCO	0012191910002	23A
	DOS SANTOS/DANIEL HENKELS MR	GIG-MCO	0012191896754	23B

20h10 – Douglas diria que a cena parecia ter saído daquele jogo

GTA quando tem cinco estrelas na tela. Eram tantos carros de bombeiro, ambulâncias e viaturas de polícia nos esperando enquanto o avião descia que achei mesmo que íamos nos esborrachar no chão.

Mas o pouso acabou sendo perfeito, ninguém se machucou, e, apesar da confusão depois do desembarque, a companhia aérea nos encaixou em outro voo rapidinho, no melhor estilo “desculpa aí”, já que perdemos a conexão.

O papelzinho do nosso *check-in* está guardado aqui no diário porque eu pedi. É minha forma de mostrar à mamãe que sou uma garota madura e responsável de quase 15 anos e não uma criança birrenta que só sabe cruzar os braços, amarrar a cara e revirar os olhos como ela tem dito que sou.

E, por falar neste diário, ok, de fato, ele me acalma. Quero dizer, as pontas dos meus dedos ainda estão dormentes de nervoso, e tive que usar minha bombinha para controlar a crise de asma no avião. Mas me sinto mais relaxada. A dose de adrenalina no meu sangue está diminuindo, depois de subir à estratosfera durante a experiência de quase morte.

Acho que a dobradinha música mais desabafo escrito é a combinação perfeita neste momento, já que não posso falar com meus amigos agora, porque meu celular ficou na mala. Estou com meus *headphones* amarelos, ouvindo “Airplanes”, da Hayley

Williams, e ignorando tudo ao meu redor.

Quero dizer, quase tudo... Mamãe não consegue fazer o Dani ficar quieto. Ela já o mandou sentar várias vezes, mas ele prefere pular pela área do portão de embarque como um coelho que tomou *ecstasy*.

Eu disse para não dar doces ao hiperativo, não disse? Mas não. Vamos fazer as vontades do filhinho preferido. É sempre assim.

Deus! Meu irmãozinho acabou de tropeçar na mochila de alguém. Mamãe está pedindo desculpas a um garoto meio alto com *headphones* no pescoço e... óculos escuros?

Bah! Ele deve ser o tipo de cara que gosta de atenção e quer ostentar o Ray-Ban aviador. Por que outro motivo alguém ficaria andando de óculos de sol dentro de um aeroporto às oito horas da noite?

Droga, acho que o garoto me pegou olhando pra ele. Que vergonha! Vou fingir que estou concentrada escrevendo aqui. O que, bom, agora estou mesmo.

Será que ele já parou de olhar? Hum... Já. Agora está conversando com umas meninas de blusas amarelas, iguaizinhas, de uma excursão para a Disney. Aposto que o convencido está jogando alguma conversinha pra cima delas.

Ih, agora o exibido pulou para outro grupo de garotas da

excursão. Será que as primeiras deram um fora nele? Que persistência e que cara de pau! Bom, o que ele faz não é da minha conta, tenho problemas reais para me preocupar neste momento.

Mesmo que eu sinta pena da minha mãe por tudo que ela passou, ainda acho a ideia de mudarmos bem precipitada. O fato de meus tios viverem bem nos Estados Unidos não significa que vai acontecer a mesma coisa conosco quando colocarmos nossos pés por lá.

Além disso, eu amo o lugar onde ~~more~~ morava. Quando meu tio Oscar decidiu deixar o Brasil, nós sabíamos que ele nunca mais voltaria, porque dizia que Estrela cheirava a bosta de vaca, o que, posso dizer, é uma grande mentira. Nós temos um bom nível de urbanização no bairro Imigrantes, ou seja, nada de animais se aliviando pelas ruas.

Minha tia Vivian, desde que ficou viúva, perdeu o apego pela cidade. Foi só o vovô Henkels morrer, deixando a fazenda dele como herança, para ela pegar a parte dela na venda do imóvel e meus dois primos, Ana e Vinícius, e ir embora sem olhar para trás. É claro que não foi para os Estados Unidos com rios de dinheiro, mas vive bem lá há sete anos graças ao negócio que montou. Por isso, sabendo dos nossos problemas financeiros, sugeriu que minha mãe, meus irmãos e eu nos

juntássemos a ela e ao tio Oscar em Orlando.

A única do clã Henkels que não herdou o gene “aventureiro” foi minha tia Vera. Ela até alertou mamãe sobre a burrada de acreditar no clichê do sonho americano, mas dona Val não ouviu.

Tudo bem. É verdade que nem tudo está perdido. Ainda posso voltar para Estrela e morar com meu pai se não me adaptar aos Estados Unidos. O problema é que isso também significa morar com a *nova* mulher dele. Então, por enquanto, estou passando a oferta.

Xiii. Acho que o guri convencido está olhando para mim de novo. Nem me preocupo. Duvido que uma garota de aparelho móvel e com o cabelo frisado no melhor estilo filhote de *cocker spaniel* seja o tipo dele.

Ah, não. Minha pulseira! Sumiu! E o pior é que os passageiros do nosso voo já estão embarcando, e mamãe está nos chamando toda irritada. Não. Preciso procurar. Não embarco sem minha pulseira nem amarrada!

Ainda 2 de junho (quinta-feira)

Próxima parada: Orlando



21h45 – É, acabei vindo. Mas só porque mamãe me convenceu com bons argumentos ~~como castigo perpétuo e nunca mais ver a luz do dia.~~

O que não significa que esteja bem com a situação. Na verdade, desde que o avião levantou voo venho tentando segurar as lágrimas, sentindo um nó sufocante na garganta. Alice acha que ainda estou só assustada por causa do nosso voo anterior. Mas isso é porque ela não tem sentimentos.

Aquela pulseira foi um presente dos meus amigos, poxa! E talvez eu nunca mais os veja pessoalmente.

E só faltava essa: o arrasador de corações de Ray-Ban está

neste voo. Bom, pelo menos agora ele tirou os óculos escuros. Pelo visto, se deu conta de que já é noite. Demorou, hein, amigo?

Ele está na primeira classe, mas desde que o avião decolou, o bendito do guri já passou umas três vezes pelo nosso corredor na classe econômica. Na última, ele fixou o olhar nos *bottons* do Paramore e de outras bandas que tenho presos na minha mochila. Coloquei meus singelos fones amarelo-vibrante, apesar de eles estarem descarregados, só para evitar que ele puxasse assunto como fez com todas aquelas garotas.

Será que era essa a sensação do meu primo Vini quando ainda morava em Estrela e eu ficava o tempo todo atrás dele, enchendo a paciência?

Ai, o Vini, a Ana... Como vou sobreviver nesse novo país e, ainda por cima, com os meus primos? Quero dizer, é verdade que o Vini e a Ana são da minha família e tal. Só que convivi com os dois durante um bom tempo aqui no Brasil, antes de eles se mudarem, e posso dizer que, considerando o nosso desastroso histórico infantil, a nova convivência não vai dar certo.

E falo sério quando digo “desastroso”.

Ana e eu tínhamos uma relação familiar altamente conflituosa. Eu até a chamava de Ana Banana só para irritá-la. Já o Vinícius... Ok. Isso já foi há muito tempo, e nós éramos crianças. Mas não sei se vou conseguir não morrer de vergonha

quando ficar frente a frente com a guria que tentei afogar na minha piscininha de plástico e com o guri para quem eu escrevia cartas de amor e que eu dizia ser meu namorado.

Sem falar que minha mãe adora relembrar meus ternos momentos infantis. Até o balconista da farmácia perto de casa já ouviu falar sobre o dia em que enfiei um lápis quase inteiro (já tinha sido bastante apontado, tá?) em uma das minhas cavidades nasais.

O que significa que os tópicos Babi-odiava-Ana e Babi-amava-Vini com certeza serão levantados em algum momento de nossa estadia na casa da tia Vivian. Argh! Já posso sentir meu rosto ardendo em chamas de tanta vergonha.

O que fiz para merecer tudo isso? Carma? Castigo? Maldição? Mau alinhamento planetário no momento em que nasci?

Sério, não dizem que estou indo morar na terra dos sonhos e das princesas encantadas? Será que não dá para pular a parte do sofrimento e ir direto para o “felizes para sempre”? Estamos precisando tanto disso...

1h30 – A maioria dos passageiros da classe econômica (até mesmo o pessoal da excursão para a Disney) está roncando ou babando bem encolhidinha debaixo das mantas dadas pela

companhia. E isso inclui também mamãe, Dani e Alice.

Já fiz de tudo para adormecer, tentei até atividades muito maduras e de alto gasto energético como levar um biscoito da testa à boca sem usar as mãos (meu novo recorde é de trinta segundos, u-hú!), mas ainda não consegui pregar os olhos.

Pelo menos aprendi que prejulgamentos são uma furada.

Tudo começou assim: eu estava na minha poltrona, deprimida, pensando nos meus amigos e com a garganta seca de nervoso por causa da turbulência. Como já era bem tarde e as comissárias não passavam mais com os carrinhos de serviço, decidi dar um pulinho ao fundo do avião e pedir um copo d'água.

O problema é que meu inglês não é bom e que a tripulação não fala português. Então, quando uma comissária veio me atender, fiquei tão nervosa tentando lembrar como se pede água que só gesticulei feito uma retardada segurando um copo imaginário. A comissária, nada solidária e zero de paciência, só apontou para os refrigerantes em seu carrinho, mas não havia água entre eles.

Foi quando alguém atrás de mim perguntou em inglês se ela poderia nos dar água. Eu me virei e dei de cara com o garoto do Ray-Ban. E tenho de ser sincera, sem os óculos dava para notar que ele tinha uns olhos azul-piscina de dar inveja aos meus, que são cor de mel.

Claro que não o encarei por muito tempo, até porque a comissária logo estendeu um copo de água para mim e outro para ele. Só que o garoto, em vez de beber, começou a puxar papo comigo.

“Não consegue dormir também, né?”, ele disse, abrindo o lacre do copo enquanto se apoiava na parede.

Dei um sorriso meio forçado e fui andando de volta à poltrona. Não tinha percebido que ele estava vindo atrás de mim, e levei um susto quando o vi sentar bem no assento de corredor vizinho ao meu. Por sinal, um dos poucos que estavam abandonados por seus donos. Pensei logo em dar um fora naquele garoto folgado quando ele se pronunciou.

“Desculpe incomodar, mas você perdeu alguma coisa no aeroporto?”, ele perguntou, com um sotaque engraçado que tinha algo de carioca.

Aquilo me pegou de surpresa. Como ele sabia? Será que tinha ouvido o escândalo que fiz com minha mãe antes do embarque? Na dúvida, falei sobre o presente dos meus amigos, e então o garoto tirou minha pulseira de pingentes do bolso de sua jaqueta jeans!

“Perguntei para quase todas as garotas na área de embarque, mas nenhuma tinha perdido nada. Até pensei em falar com você, só que parecia tão concentrada ouvindo música

que achei melhor não incomodar.”

Uhhhh. Ele não estava “cantando” as garotas como eu tinha pensado. Só estava procurando pela dona da pulseira perdida. Isso que dá estereotipar as pessoas.

“Obrigada, mesmo. Ela significa muito para mim”, eu agradei, tonta de felicidade. Tanto que me atrapalhei toda com o fecho da pulseira. E aí, mais uma vez o guri foi gentil e se ofereceu para me ajudar.

Tudo bem que ele também demorou para conseguir colocar, e, como estávamos próximos, acabei reparando bem nele. Sua pele era bem branquinha e o cabelo, liso, tinha franja e estava aparado nesse corte que era moda. Aquele em que as pontas das mechas dão voltas fofas no ar, sabe?

Quando ele terminou de colocar a pulseira, estendeu a mão para mim.

“Theodore Medina, mas pode me chamar de Theo.” Achei engraçado o primeiro nome e também ele se apresentar com o nome todo.

“Bárbara.” Apertei a mão dele.

“Então? Está indo para os Estados Unidos a passeio ou a negócios?”, ele brincou.

“Nenhum dos dois. Vou morar em Orlando com a minha família”, disse, apontando com a cabeça para Alice e para Dani.

“Eu também. Quero dizer, nasci nos Estados Unidos, mas fiquei três anos com minha mãe no Brasil. Agora meu pai sugeriu que eu termine o ensino médio em Orlando, e achei uma boa ideia, até porque quero estudar produção musical na faculdade.”

“Que legal. Você toca algum instrumento?”

“Não. Músicas são sons diferentes que se cruzam e se combinam. Então, para mim, escolher um instrumento seria como escolher apenas uma estrela e deixar um universo inteiro para trás.”

Eu ri e disse que já tinha ouvido músicas sobre estrelas, mas nunca alguém comparar duas coisas tão diferentes.

“Mas faz sentido, juro. Pensa comigo: alguns cientistas dizem que estrelas são como máquinas do tempo. Quando você olha para elas, na verdade está vendo o passado, porque a luz demora a chegar aqui. Algumas nem existem mais. Se você for ver, as músicas fazem quase o mesmo. Só algumas notas, um punhado de palavras, e seu corpo pulsa no ritmo do passado, trazendo de volta um lugar, uma pessoa, uma lembrança.”

Soltei um “uau” porque nunca tinha ouvido ninguém falar com tanta paixão sobre algo, e Theo me disse que um dia eu provavelmente acharia a minha paixão também.

Acho que teríamos ficado a noite inteira conversando (o que

é bizarro, já que não sou a pessoa mais falante da face da Terra) se o dono da poltrona ocupada pelo Theo não tivesse aparecido. Ele devolveu o lugar, pediu desculpas em inglês e foi para a primeira classe sem se despedir de mim.

Alguns minutos depois ele voltou com duas coisas nas mãos. Perguntou se eu gostava de avelã e me deu duas embalagens bonitinhas com três bombons Ferrero Rocher em cada uma.

“As aeromoças deram isso depois do jantar, mas não curto avelã”, ele disse, sorrindo.

Agradei, e então ele também me estendeu seu celular e um par de *headphones*.

“Acho que isso aqui pode te ajudar a se distrair, já que a bateria dos seus acabou.”

Acabei aceitando sua oferta, claro. Ele disse que eu poderia devolvê-los assim que o avião pousasse, me ensinou com toda a calma a mexer neles e escolheu uma pasta chamada Relax para eu escutar. A *playlist* incluía de Red Hot Chili Peppers a Coldplay.

Depois voltou para a poltrona dele, onde acabou pegando no sono. Sei disso porque fiquei dando umas esticadelas de pescoço de hora em hora para ver o que ele estava fazendo.

Quanto a mim, ainda não sinto vontade alguma de dormir.

De acordo com o mapa na tela da poltrona do avião,

estamos deixando o espaço aéreo das Bahamas. Lembro que esse lugar foi um dos primeiros lugares que Cristóvão Colombo avistou na América. O que soa perfeito para o momento. Afinal, também estou indo descobrir o Novo Mundo. Só não sei ainda, assim como ele não sabia, que perigos enfrentarei ao desbravar esse lugar desconhecido.

3 de junho (sexta-feira)

Primeiro dia do resto da minha vida



22h10 – Depois de tomar o café da manhã, fui até a primeira classe devolver os *headphones* do Theo. Ele perguntou onde iríamos morar em Orlando e, como eu ainda não sabia e não podia ir até a mamãe para perguntar, pois o piloto já tinha dado o aviso para nos sentarmos para o pouso, Theo escreveu o número de telefone da casa do pai dele no meu pulso.

Não nos vimos depois disso, nem na Imigração, o setor por onde entram estrangeiros no país. Enquanto Alice falava com o oficial e ele analisava nossos passaportes, fiquei quieta encarando a placa de *Welcome/Bienvenido* sobre nossas cabeças.

Na fila ao nosso lado, duas pessoas choravam porque haviam sido barradas no país.

Se o meu humor já estava péssimo por ter passado a noite acordada, ele só piorou quando descobrimos que a companhia aérea perdeu jus-ta-men-te a minha bagagem.

Alice e eu fomos reclamar no balcão, enquanto mamãe procurava meu primo, que viria nos pegar no aeroporto.

Quando voltamos ao saguão percebi um cara alto conversando com a minha mãe. Não dava para ver o rosto, mas, no momento em que forcei os olhos para enxergar melhor, minha mãe gritou, apontando para a gente: “Olhe elas ali!”, e ele virou em nossa direção.

À primeira vista, não o reconheci. Na última foto do Vini que eu tinha visto, ele usava cabelo comprido, *piercing*, delineador e uma camiseta preta de uma banda como Avenged Sevenfold ou Slipknot. Mas os olhos verdes, inconfundíveis, não deixaram dúvida. Aquele, ao lado da minha mãe, sorrindo de um jeito tão familiar, cheio de covinhas, enquanto olhava para mim, era o meu primo. Seu cabelo loiro escuro, cheio de cachos, o fazia parecer um anjo. Quanto aos *piercings*... Bem, não havia nenhum à vista. Só um rosto bem barbeado.

Ah, e o Vinícius não parecia prestes a completar dezessete anos. O corpo forte e sua altura (1,80 m no mínimo!) davam a ele

a aparência de um cara de vinte e poucos.

Fiquei olhando pro Vini sem acreditar no quanto ele tinha mudado, até que minha mãe falou: “Bárbara, não vai abraçar seu primo?”

Vini franziu a testa.

“Babi?! É você?! Achei que fosse a Alice”, ele disse, meio tímido, parecendo não acreditar que era eu.

Como uma idiota, apenas fiz um “sim” com a cabeça e continuei parada, vermelha como um tomate. Eu me lembrei das cartas de amor ridículas que tinha escrito e isso me deixou com uma vergonha brutal.

* Pequeno intervalo para uma leve amostra dessa mancha no meu passado:

[Se a cada vez que eu pensasse em você, um pouquinho de mim sumisse... Ué! Cadê eu?]

ARGH! Pelo menos meu primo reagiu como se não se lembrasse de nada, me abraçou e nos levou para a casa da tia Vivian.

Não vimos muita coisa pelo caminho, a não ser placas com anúncios dos parques da cidade. Vini disse que vai nos levar para passear por Orlando. É, Vini tem um carro só dele, e um dos que, no Brasil, custaria uma fortuna. Ele comentou que os

automóveis aqui são bem baratos e que, como o sistema de ônibus é horrível, todo mundo tem um.

A casa da tia Vivian fica numa rua chamada Pineapple Court. Não me contive e soltei uma gargalhada quando Alice traduziu o nome e disse que significa Quadra Abacaxi.

Não é a casa mais luxuosa daqui, mas é bonita e enorme. Sem muros – como todas na rua –, é separada do vizinho apenas por uma árvore frondosa e uma cerca viva, bem verde por sinal. Tudo aqui é muito verde, desde a grama até as árvores.

Vini levou as malas para dentro e nos mostrou todos os cômodos, a mesa de piquenique no quintal e o quarto onde meus irmãos, minha mãe e eu vamos ficar até nos organizarmos para alugar uma casa.

É tão espaçoso que acomoda uma cama de casal, uma de solteiro e um criado-mudo, além de ter um *closet* tão grande que dá até para se esconder lá. Como tia Vivian ainda estava em sua tinturaria, guardamos nossas malas no *closet* e ficamos vendo TV para passar o tempo.

O dia passou rápido e lá pelo entardecer a Ana chegou. Ela cresceu (ficou um pouco mais alta do que eu), tem a pele hiperbranca, usa um blush quase rosa-chiclete nas bochechas, e o seu cabelo loiro escuro dos tempos de criança agora é de um louro quimicamente dourado. Apesar de nossas antigas brigas,

Ana não parece me odiar.

Na verdade, ela até foi legal comigo. Mostrou o quarto rosa dela (ou, melhor dizendo, LAVANDA), com pôsteres do Black Eyed Peas (finado grupo que ela adora), disse que está feliz por me ver e que posso perguntar para ela qualquer coisa que eu não saiba em inglês (ah, pode apostar que vou fazer isso).

À noite, tio Oscar chegou com a mulher Jane e nossos primos americanos, Markus e Emma, que eu não conhecia, e começou a preparar um churrasco.

Sentei ao lado do Vini na mesa de piquenique, ao som do Neto Fagundes, que o tio Oscar colocou para tocar achando que gostaríamos de lembrar da música gaúcha. Mark e Vini conversavam em inglês, mas pararam assim que cheguei. Vini então me perguntou se eu estava gostando de Orlando e falei que não dava para saber ainda. Daí minha irmã quis saber da Odyssey High School, a escola dele, porque vou estudar lá também.

“Estou lá há pouco tempo, mas não tenho do que reclamar”, ele disse, e então minha prima falou algo que me deixou de orelha em pé: “Dããã, depois do que rolou na Gunther Middle qualquer escola é uma maravilha pra você”.

Perguntei o que tinha acontecido lá, e Vini respondeu apenas “nada” e voltou a ficar daquele jeito caladão dele.

Quando afinal chegou da loja, tia Vivian me abraçou, dizendo que estou muito crescida, e depois foi paparicar o Dani.

De repente, tio Oscar levantou a voz: “Você vai adorar este país, mana”, disse para mamãe, enquanto remexia a carne na churrasqueira, que parece um brinquedo com rodas. “A Flórida é o 28º estado brasileiro! Tem brasileiro em todo canto, o clima é ótimo, você nem vai notar que saiu do Brasil.”

É. Tá legal...

Nessa hora meus primos e meu irmãozinho foram jogar videogame.

Como mamãe estava conversando com a tia Vivian e com a Jane, não me restou muita opção a não ser ficar calada. Ana era legal, mas eu não sabia sobre o que poderíamos conversar, e ela misturava tanto o inglês com o português que às vezes era difícil entender a criatura. Por isso fiquei enchendo a cara de refrigerante para manter a boca ocupada e não precisar dizer nada.

O churrasco não demorou a sair depois disso tudo. Nós nos reunimos à mesa e brindamos por nossa família estar junta novamente. Foi legal, e a tristeza por estar longe do Brasil até passou um pouco quando o Dani soltou um arrote enorme por causa do refrigerante, deixando minha mãe vermelha de vergonha.

A noite seguiu sem novidades (mamãe, por um milagre, não tocou nos assuntos Babi-odiava-Ana nem Babi-amava-Vini), e tio Oscar e família foram embora agora há pouco.

Minha irmã pediu para eu ajudar a tirar as coisas da mesa de piquenique, mas Vini mandou a gente deixar isso com ele e a Ana, pois devíamos estar cansadas da viagem.

Não contei que estou há mais de trinta e duas horas acordada para não chocar ninguém, mas agradei e *muito* o favor. Só estou chateada porque vou ter de dormir em um colchonete no chão, já que a cama de solteiro ficou para a Alice. Mas já me acostumei a ver a filha preferida sempre ganhando o melhor.

Mamãe não veio deitar ainda porque está botando os assuntos em dia com tia Vivian e mostrando os presentes que trouxemos do Brasil (camisas do Inter e duas cuias de chimarrão). Mas amanhã vai ser um longo dia, pois vamos ao shopping comprar roupas para mim, enquanto a companhia aérea não encontra minhas malas.

Achei isso ótimo, afinal pela primeira vez vou ter roupas minhas de verdade, e não usar os restos da Alice (irmã mais nova sofre, viu!). Então melhor parar de escrever e ir para a cama antes que pegue no sono e babe em cima do diário ou, pior, que a Alice o roube enquanto isso, só para ver o que tanto

escrevo.

Ah, e o suor acabou apagando o número de telefone do Theo no meu pulso. Uma pena. Ele parecia ser legal.

4 de junho (sábado)

Tentando me encontrar



10h30 – Sabe aquela confusão mental que dá quando você abre os olhos pela manhã e não reconhece nada ao redor? Foi o que senti ao acordar agora há pouco.

Todo mundo já estava na cozinha, tomando café, então, graças a Deus, ninguém viu minha cara de assustada quando pulei do colchonete tentando me situar. Todos já estavam arrumados, esperando que eu acordasse para irmos ao shopping.

Até tia Vivian vai com a gente. Ela disse que deixou uma funcionária de confiança cuidando da loja e vai dedicar o dia a nos “pajear” (ou “pagear”? Preciso ver no Google o que significa

isso).

Ah, a Ana passou em frente ao quarto agora e me viu escrevendo. Não se aguentou de curiosidade e perguntou o que é que eu estava fazendo logo de manhã com um caderno nas mãos. Se eu era nerd ou coisa parecida. Respondi que é um diário, e aí ela ficou toda: “Nossa, que coisa mais antiga! Por que você não cria um blog? É muito mais *cool!*”. Falei que preferia usar papel e caneta e que o caderno é pequenininho e bom de carregar para qualquer lugar, e ela disse: “Ah, tá. Você é meio *old school*. Até que tem seu charme, né?”.

Gente, esse negócio de a Ana misturar os idiomas me deixa confusa. E o pior é que aposto que ela não faz isso para se exibir.

De qualquer maneira, vou me arrumar (botar alguma roupa da Alice, já que estou sem as minhas) antes que minha mãe grite pela terceira vez dizendo que sou muito “mole”. Pelo visto, todo mundo está mesmo só me esperando para sair.

Ah, e preciso encontrar um lugar mais sossegado, à prova de bisbilhoteiros, para escrever minhas coisas neste diário. Mas onde?

Hummm... Esse *closet* aqui, no “nosso” quarto de hóspedes, é bem grande e tem até lâmpada. Definitivamente é uma possibilidade a analisar.

14h10 – Só estava querendo ter um momento sozinha, para chorar em paz e escrever sobre esse dia tenebroso, daí peguei a primeira blusa que vi pela frente e me enfiei nesse provador. Depois de tudo o que aconteceu, seria melhor que o chão se abrisse e eu fosse engolida por ele. Como isso não é possível, acho que vou ficar aqui para sempre.

Quero dizer, hoje é meu primeiro dia de verdade em Orlando e, ainda que eu mal tenha chegado de viagem, já quero ir embora. E não é para menos! Mas vamos começar a tragédia, ou melhor, a *história* do começo.

Minha família veio ao *outlet* para fazer umas comprinhas básicas. Segundo tia Vivian, esse é um dos melhores *outlets* de Orlando, pois dá para encontrar coisas bem em conta mesmo. É o paraíso suburbano dos brasileiros!

Alice, Ana e eu viemos no carro do Vini enquanto mamãe e Dani pegaram carona com tia Vivian. Depois de uns quinze minutos, chegamos ao shopping, um lugar muito bonito, porque, ao contrário dos que conheci no Brasil, é ao ar livre, como vários outros aqui na cidade. Não é aquele monte de concreto cheio de andares no qual você entra e perde a noção do tempo, sem saber se é noite ou dia.

Como eu precisava de blusas de verão, tia Vivian me indicou a Gap, e foi lá que aconteceram as primeiras gafes

internacionais.

Na loja, escolhi o que queria e fui ao provador. Quando saí, a vendedora começou a falar em inglês comigo e entrei em pânico. Só sabia dizer “*Excuse me?*”, “*Sorry?*” e “*Brazilian. Don’t understand*”. E eu jurava que meu inglês nível básico 3 daria conta desse tipo de conversa mais... básica.

No desespero, achei que ela estivesse falando em português. “*Iúnou araminho?*”

Que raio de araminho era esse?

“No. No araminho”, falei devagar, apontando para as peças. “*Roupas. Clothes.*”

A mulher revirou os olhos, bufando, e o impasse só foi resolvido quando a Ana veio até a gente. Ela perguntou à mulher, que contou que queria saber se eu tinha achado uma bolsa no provador. A Ana gargalhou, sem conseguir (ou tentar) parar, quase a ponto de chorar, quando descobriu que eu entendi “*iúnou araminho*” quando a mulher havia perguntado “*you know what I mean?*” (você entende o que eu quero dizer?). Ana contou a história para todo mundo.

Mas esse não foi o pior vexame.

Saindo da loja, fomos até a praça de alimentação, onde nossa família estava começando a lanchar. A Ana sugeriu que a gente comesse no Subway e eu aceitei, já que lá os atendentes

perguntam o que você quer no seu lanche enquanto vão apontando para os ingredientes. Ou seja, dificuldade zero para mim, né?

É... Certo.

A atendente foi simpática e começou a colocar as coisas no meu sanduíche conforme eu balançava a cabeça. Queijo, tomate, pepino, azeitona, pickles, alface... Até que ela apontou para um pote cheio de coisinhas meio amareladas cortadas em rodela e perguntou: “*Jalapeño?*”.

Eu não fazia ideia do que era, mas, como lembrava pimentão, deixei ela colocar um monte no sanduíche.

Depois, na mesa, assim que dei uma mordida enorme no meu lanche, comecei a sentir a boca arder.

E então ardeu mais, e mais, e absurdamente mais, e os meus olhos se encheram de água, e eu não sabia o que fazer para parar aquela queimação horrorosa na língua, até que comecei a tossir, tossir, tossir. Fiquei nesse desespero por uns bons minutos, sentindo minha garganta arder como se o próprio fogo do inferno estivesse dentro dela. Aí foi a deixa perfeita para minha família perturbada entrar em ação. A Ana sugeriu que eu tomasse refrigerante, minha mãe – achando que eu tinha engasgado – deu uns tapas tipo “descola pulmão” nas minhas costas, a Alice ficou me zoando, dizendo para eu não ir em

direção à luz, enquanto o Vini tentava fazer a manobra de Heimlich, me dando cada tranco no estômago que eu chegava a pular na cadeira. Foi simplesmente O CAOS e, claro, nada adiantou.

Só voltei ao normal mesmo quando... Bem... Quando o Vini fez uma pressão um pouco mais forte contra o meu diafragma, eu coloquei tudo, *tudinho* para fora, inclusive o *jalapeño*, que como a Ana me contou depois, é um tipo de pimenta das brabas.

Agora imagina só a cena tragicômica: eu, vermelha igual a um tomate, com os olhos inundados de água, cercada pelos malucos da minha família, sendo agarrada por trás pelo meu primo e despejando no chão limpinho da praça de alimentação a parte do lanche que tinha comido, enquanto todo mundo ao redor assistia enojado.

Ótimo começo nos Estados Unidos, hein?

Será que a proposta do meu pai de eu ir morar com ele ainda está de pé?

5 de junho (domingo)

Nice to meet you



10h19 – Hoje, por conta dos meus micos de ontem, minha irmã resolveu me ajudar um pouco com o inglês. Certo, ela só usou isso como desculpa para fugir do Dani, que queria ficar jogando Uno com ela, apesar de não saber as regras direito e sempre se achar o vencedor no final – experimente só dizer para o guri que ele perdeu para ver o que te acontece!

Alice me mostrou algumas frases úteis no dia a dia. Então aqui estão elas:

I'm so sorry. It was an accident.

Tradução: Desculpe-me. Foi um acidente. (o-ho-ho, essa

vou usar, com certeza!)

No problem!

Tradução: Sem problema! (dã, essa eu já sabia)

Nice to meet you.

Tradução: Prazer em conhecê-lo. (idem)

Sorry, I don't get it.

Tradução: Desculpe, não entendo. (outra que vai ser útil)

My feet stink and I smell like a monkey.

Tradução: Você sabe onde fica o banheiro?

11h49 – Estava meio que com vergonha de pedir o *notebook* da Ana emprestado, mas acabei criando coragem, pela Mari. Eu precisava dar sinal de vida e dizer que tinha chegado bem em Orlando, senão ela iria colocar a polícia, o Exército, a Aeronáutica e o restante das Forças Armadas atrás de mim.

Minha prima, apesar de ter rido de mim no shopping, me emprestou o computador sem reclamar e disse que posso usar quando quiser. Na real, ainda estou tentando entender qual é a dela.

Quando abri o Whatsapp vi que a Mari já tinha me deixado

umas quinhentas mensagens! Pelo menos conversamos um pouco e isso me fez bem. O que não vai ser fácil é conviver com o fato de que nunca mais vou poder atravessar a rua para ficarmos conversando até tarde deitadas na cama dela como a gente fazia.

12h10 – Está vendo? É nisso que dá ouvir minha irmã mais velha. Por precaução, resolvi checar na internet a tradução da última frase que ela me ensinou. Descobri que eu ia dizer que “tenho chulé e cheiro igual a um macaco” toda vez que quisesse ir ao banheiro!

13h40 – Até que enfim uma boa notícia no meio desse pesadelo chamado Estados Unidos. A American Airlines achou minhas malas e acabou de entregá-las aqui, na casa da tia Vivian.

Ebaaaaaaaaaaaaaa!

Dei uma olhada rápida dentro delas e vi que não sumiu nada. Está tudo intacto, do meu celular aos DVDs infantis do Dani (que, por sinal, não sei por que estavam na minha mala, certeza que isso foi obra da minha mãe), passando pela minha coleção de canetas em gel coloridas. Agora este diário vai parecer um arco-íris!

Isso melhorou um pouco meu humor, mas ainda estou

morrendo de vergonha pelos micos de ontem.

6 de junho (segunda-feira)

Desastres de Babi :(



12h10 – Depois do café, Vini pegou o carro para nos levar até a loja da tia Vivian, na rua Hiawassee.

É uma tinturaria e fica numa galeria de lojas. Quase não existem prédios nessa área, o que é bom, já que odeio muito concreto junto.

Tia Vivian tem seis funcionários na loja, e eles são simpáticos e nos receberam bem quando fomos apresentados. A maioria é americana ou mexicana, mas também tem uma brasileira muito simpática, a Carla, que veio de Feira de Santana, na Bahia, e ainda não perdeu o sotaque.

O Dani ficou esquadrinhando a loja, estranhamente quieto,

até que achou um taco e uma bola de beisebol jogados num canto. A Carla explicou que um cliente os esqueceu na loja e nunca apareceu para pegá-los de volta.

Vini então levou o Dani para trás da tinturaria, onde tem um estacionamento, para ensinar ao meu irmão um esporte verdadeiramente americano, pois a gente só estava acostumado com futebol e vôlei no Brasil.

Vou dizer, fiquei preocupada com o Dani de posse de um taco e uma bola de beisebol. Cá entre nós, essa combinação poderia virar uma arma letal nas mãos diabólicas do moleque. Mas não foi ele quem estragou tudo. Fui eu, mais uma vez!

Depois que o Dani não conseguiu arremessar nenhuma bola forte o suficiente para o Vini rebater, meu primo teve a *brilhante* ideia de me chamar para jogar.

Na primeira vez não arremessei com muita vontade, e a bola nem chegou perto do Vini, mas então, irritada porque a Alice riu de mim e disse que eu não passava de uma fracote, lancei de novo o mais forte que pude.

Bem, você tem cinco segundos para adivinhar o que aconteceu. 1, 2, 3, 4, 5... péééééé. Tempo esgotado!

Vou dizer o que aconteceu: a maldita bola, que deve pesar uns três quilos, atingiu, diretamente e com toda força, a lanterna traseira do carro do Vini!

A cena foi ridícula. Lá estava eu, de boca aberta, congelada, enquanto o alarme do carro do Vini apitava feito louco por causa da lanterna esfaqueada.

O Vini fez uma cara de desolação, mas não brigou comigo. Pedi milhões de desculpas, só que isso não iria trazer a lanterna de volta, claro, daí meu primo partiu na mesma hora para levar o carro ao conserto. Segundo a Ana, aqui em Orlando a polícia não perdoa se você transitar com uma lanterninha do carro quebrada e multa mesmo. O Vini não poderia correr esse risco.

Era só o que faltava, meu primo levar uma multa por minha causa!

Na boa, eu queria entender como consigo ser tão desastrada! Porque, vamos combinar, desde que cheguei a Orlando não tenho dado uma bola dentro (só em lanternas de carro!). Até a Ana, que se mostrou legal comigo, tirando anteontem no shopping, disse que sou a rainha dos “*clumsy moments*”, das mancadas.

Mas o que mais me preocupa é o que o Vini está pensando. Não o culpo se estiver me odiando, porque dei um prejuízo enorme, mas não queria que ficasse com raiva de mim.

Gosto do Vini, quero dizer, não do jeito como costumava gostar, mas meu coração dói só de pensar que meu primo vai ficar irado quando receber a conta do mecânico.

Devo ser mesmo uma experiência que deu errado. Não há outra explicação para o meu grau elevado de demência. Eu realmente e totalmente me O-D-E-I-O.

7 de junho (madrugada do dia 8, quarta-feira)

Uma noite e tanto



0h45 – Estou morta de cansaço, mas sem qualquer ânimo para dormir. Acho que desenvolvi insônia desde que cheguei a Orlando, porque dificilmente pego no sono antes das duas da madrugada. Também, com tanta novidade não é fácil relaxar. Fico repassando mentalmente tudo o que aconteceu comigo e, de repente, puf! O sono vai embora.

E, como agora estou bem acordada, preciso contar todos os detalhes desta noite.

O Mark, meu primo americano, ligou para cá no fim da

tarde chamando a gente para sair com uns amigos dele. Daí a Ana ligou para as amigas e marcou no mesmo lugar em que o Vini e o Mark iriam, mais para aproveitar a carona, pois ela ainda não tem idade para dirigir o carro da tia Vivian.

A Alice meio que se convidou para ir com o grupo, e o Vini, sempre muito legal, não conseguiu dizer não. Então todas nós corremos para nossos quartos para nos arrumarmos. Eu ia apenas colocar uma roupa básica, mas a Ana não me deixou ir com meu jeans e a blusa que comprei na liquidação da Gap.

Ela me fez usar um vestido preto e me maquiou toda, principalmente nos olhos, dizendo que assim tiraria o foco dos meus dentes tortos. Poxa. Obrigada. Eu acho...

Quando aparecemos no jardim, depois de o Vini já ter buzinado umas duzentas vezes, mamãe – que estava na varanda com a tia Vivian – me deu um sermão sobre comportamento, como se eu fosse a própria *bad girl* saindo para aprontar, e instituiu meia-noite como meu horário de regresso.

Achei um absurdo. Não sou mais criança, muito menos a Cinderela, só que não consigo confrontar minha mãe nessas horas. E ela nunca vai mudar, já que foi criada de maneira bases tão rígida e conservadora. Muito obrigada, vovô Henkels, o senhor criou uma freira e quem se ferra sou eu!

Assim que entrei na minivan da tia Vivian (o carro do Vini

ainda está no conserto) e me sentei no banco do carona, meu primo parou de mexer no som e olhou para mim espantado, como se eu estivesse com um terceiro olho nascendo na testa.

“Gostou, maninho?”, a Ana perguntou, do banco de trás. Não entendi a pergunta. Pela cara do meu primo, eu devia estar horrorosa.

“Babi não é sua boneca Barbie para você fazer o que quiser com ela”, o Vini disse, voltando ao normal e colocando o cinto.

Sério, aquilo só não foi um banho de água fria completo porque eu já meio que esperava ele notar o quanto eu estava estranha naquela produção toda. Mas, mesmo assim, a reação dele foi tão negativa (e parte dela provavelmente motivada pela raiva com o prejuízo da lanterna quebrada) que me encolhi, magoada, e fiquei quietinha até chegarmos ao bar onde encontraríamos o Mark.

O Miller's Ale House fica na International Drive e é um lugar bem legal. Além de muitas mesinhas com bancos altos, tem duas mesas de sinuca, máquinas de fliperama num canto e televisores enormes espalhados, pelos quais um bando de americanos assistia a uma partida de basquete. Mesmo gostando do estilo, estranhei um pouco. Nunca tinha ido a um lugar assim.

Entramos no bar e logo vimos as amigas da Ana sentadas

próximas às mesas de sinuca e a alguns passos de distância do grupinho do Mark.

Na mesma hora nossa turma se dividiu. Ana e eu fomos falar com as meninas, enquanto Vini e Alice foram se juntar ao Mark. Daí minha prima me apresentou às amigas dela. A maioria delas era brasileira ou nascida nos Estados Unidos, mas filha de brasileiros. Só duas garotas, Brittany e Jennifer, eram americanas sem origem latina, e todas estudavam na Odyssey High.

A Luana, que veio de São Paulo, perguntou o que eu estava achando de Orlando, e respondi o mesmo que disse ao Vini no churrasco de boas-vindas. No meio da conversa, a Carol, uma das nascidas na Flórida, cutucou minha prima, e as duas olharam para alguém atrás de mim. Como todas as outras garotas da mesa se voltaram para descobrir quem era, fiz o mesmo. E simplesmente não acreditei em *quem* estava no corredor, ao lado de uma menininha, meio distraído, girando uma chave de carro no indicador. Era ninguém menos que o... Theo! E logo naquele momento em que eu estava tão maquiada que parecia um *cosplay* do Coringa.

Já o Theo estava lindo, usando um boné vermelho do time Tampa Bay Buccaneers, uma calça jeans e uma regata preta por baixo de uma camisa xadrez em tons de azul, desabotoada.

Ele continuou a se aproximar de nossa mesa com a criança, sem reparar no bando de garotas que olhava para ele, e acenou para o fundo, onde uns garotos jogavam sinuca. Achei que ele não ia me enxergar ali, no meio de tanta gente, mas, ao passar pela nossa mesa, olhou para mim de relance, voltou o rosto para a frente como se não tivesse me visto e, um centésimo de segundo depois, virou para mim de novo, com cara de surpresa.

“Babi!”, ele disse, parando de repente e me olhando de cima a baixo, com um olhar que me pareceu ser de aprovação.

Eu sorri e devolvi apenas um “oi” meio encabulado. Ele perguntou o que eu estava fazendo no Ale House e expliquei que tinha vindo com minha prima para encontrar as amigas dela. Com essa pequena deixa, a Carol se intrometeu, estendendo a mão para cumprimentar o Theo, e fui obrigada a apresentar todas as meninas a ele. Tive que fazer um esforço para lembrar o nome de algumas delas. Só que no momento em que apresentei o Theo, ou melhor, quando *tentei* apresentá-lo, só disse: “Meninas esse é o...”, e elas completaram imediatamente, pronunciando o nome dele de um jeito engraçado, igual a “tio” em português.

Fiquei pasma com aquilo, e o Theo também, tanto que perguntou de onde elas o conheciam. Minha prima Ana se adiantou e disse que ela e as amigas estudaram anos atrás na

mesma escola que ele, a Gunther Middle School.

Theo pediu desculpas por não se lembrar delas (embora elas lembrassem muito bem dele, pelo visto) e me apresentou a sua irmãzinha americana, Ruby, uma garotinha linda e loirinha de quatro anos que deu um sorriso para mim. Antes de ele ir falar com seus amigos americanos que estavam jogando sinuca, disse que voltaria para falar comigo.

Nem bem o menino saiu, a Ana e as gurias me perguntaram se eu era amiga dele e só ficaram satisfeitas quando contei tim-tim por tim-tim como a gente se conheceu na viagem do Rio para Orlando.

As meninas ainda comentaram o quanto o Theo parecia fofo com a irmã, até que nossa rodada de refrigerante e asinhas de frango chegou. Passada a sessão de comilança, e depois de eu ter bebido litros de refrigerante para rebater as asinhas superapimentadas, as meninas começaram a falar em inglês para não deixar a Brittany e a Jennifer alheias à conversa, o que acabou me fazendo boiar. Por isso minha atenção se desviou automaticamente para as mesas de sinuca. Theo estava apoiado em uma delas, com um taco nas mãos enquanto conversava com uma loira linda, o que me deixou inquieta, não sei por quê. Tentei não ficar olhando, mas era difícil, porque de onde eu estava tinha uma visão privilegiada do Theo, que estava bem de

frente para mim.

Fixei a vista numa das TVs de plasma só para desviar o olhar, mas jogos de basquete decididamente não me atraem, então minha atenção voltou para a mesa de sinuca e, dessa vez, meus olhos e os do Theo se cruzaram.

Ele sorriu para mim, mas a loira linda começou a estalar os dedos diante do rosto dele, e daí ele voltou a encará-la.

Pelo jeito como ela exigia a atenção dele, os dois deviam ser muito mais do que amigos. Cheguei a essa conclusão porque ela era estupidamente linda e os dois, tenho de admitir, meio que combinavam. Apesar de o cabelo do Theo ser preto e o dela de um loiro quase branco, eles tinham os mesmos olhos azul-piscina e nariz arrebitado. Pareciam até aqueles casais perfeitos de filme romântico adolescente: o garoto popular e a líder de torcida.

Só que, mesmo estando com a suposta namorada bem ali, sempre que olhava para o Theo eu o pegava olhando para mim! É claro que quando isso acontecia nós desviávamos nossos olhares bem rápido para outro lugar. Eu até apelei para meu típico olhar furtivo, minha visão periférica do tipo “estou-te-vendo-mas-você-não-sabe”, e peguei o Theo me encarando várias vezes.

Mais tarde, quando uma música antiga da Rihanna, “Hate

that I love you”, tocou nos alto-falantes, quebrando a sequência de hip-hops e pops, fiquei tão absorta pelo ritmo calmo dela que só depois de algum tempo percebi que meu primo Vini não estava mais na mesa dele. Ana explicou que ele tinha ido pegar um amigo perto dali, mas estaria de volta em pouco tempo para me levar pra casa.

O detalhe é que isso havia sido mais de meia hora antes e ainda não havia nem sinal do meu primo. E, pior, já passava de onze e meia! Minha mãe ia me dar uma bronca se eu chegasse em casa depois do horário combinado, isso era certeza. Mas nem tive tempo de pensar no castigo que me esperava, pois o Theo deixou os amigos e a loira linda na mesa de sinuca para vir falar comigo junto com sua irmãzinha.

“Desculpe pela demora”, ele disse, sorrindo, e apontou para os bancos vazios próximos ao meu. “Podemos sentar aqui?” Fiz que sim com a cabeça.

“E aí? Já se adaptou à vida em Orlando?”, ele perguntou enquanto dava para Ruby um encarte do lugar, desses gratuitos, com passatempos para crianças.

“Quase... Quero dizer, mais ou menos... Ok. Na verdade, nem um pouco”, eu disse, suspirando. Senti uma vontadezinha de chorar ao pensar nisso, mas me segurei.

“Não se preocupa, não. Você só está aqui há alguns dias.

Com o tempo se acostuma, acredite. De readaptação eu entendo bem demais”, ele respondeu, rindo como quem está acostumado a levar uma vida cigana.

Eu sorri e olhei apreensiva para o relógio de pulso dele. Quase surtei quando vi que era vinte para a meia-noite. Theo percebeu que tinha algo errado e perguntou o que estava acontecendo. Contei que ia virar abóbora, e ele riu (não o culpo, eu também riria), mas depois se ofereceu para me levar em casa, já que ia ter de levar a Ruby também.

De cara não aceitei, já que nem o conhecia direito e não sabia se podia confiar na direção de um guri de dezesseis anos, mas a Ana e as meninas, que estavam ligadíssimas na conversa, insistiram tanto para eu aceitar, e faltava tão pouco pra meia-noite, que não tive escolha. Quando estávamos saindo do restaurante, a Barbie ficou olhando para a gente com cara feia. Senti uma imensa vontade de mostrar a língua para ela, mas não fiz isso. Óbvio!

No estacionamento, o Theo parou diante de um carro enorme e preto. Como não reconheci a marca daquilo, li o nome na traseira: era algo como Land Rover LRX. Tenho que dizer, eu nunca tinha visto um carro tão grande.

Theo abriu a porta para mim, e eu, ainda abismada com o tamanho daquilo, entrei, dizendo que ele tinha um carro muito

legal. Ele acomodou Ruby numa cadeirinha e depois entrou, explicando que o Land Rover foi uma tentativa do pai de fazê-lo ficar em Orlando em tempo integral (que inveja, minha mãe tenta me comprar com canetas coloridas). Então o Theo se esticou para pegar alguma coisa no porta-luvas. Quando vi o Ray-Ban, não consegui me conter.

“Você vai usar óculos escuros para dirigir à noite?”

Ele riu.

“Não. O Ray-Ban é apenas para sol... ou emergências”, ele disse.

Fiz cara de quem não tinha entendido, e o Theo estendeu os óculos escuros para mim. Na hora em que os coloquei, não consegui enxergar nada. O mundo parecia um grande borrão confuso e meus olhos até doeram um pouco.

“Esses óculos têm grau!”, falei, tirando o Ray-Ban.

“É. E eles me salvaram quando eu quebrei meus óculos de nerd no meu último dia no Brasil”, ele disse, e então mostrou seu outro par de óculos no porta-luvas. Um daqueles bem comuns, de grau, com hastes pretas. “Pra não passar mais esse tipo de perrengue, aproveitei e fiz essas lentes de contato que estou usando, mas me acostumar com elas não está sendo fácil.”

“Você tem miopia?”, perguntei.

“Três horríveis graus e continua aumentando. Tive de

andar com o Ray-Ban para cima e para baixo no Rio, até de noite. Foi vergonhoso, mas era isso ou não enxergar nada”, ele disse, arrancando com o carro afinal.

Senti remorso por ter julgado o Theo como fiz no aeroporto. Escrevi aqui que o garoto era exibido quando, na verdade, ele era míope. Que vergonha. Aposto que o meu nome está na lista VIP do inferno. Devo ser uma pessoa horrível.

Em compensação, o Theo, que é uma ótima pessoa, ligou seu celular ao rádio do carro e deixou que eu escolhesse uma *playlist* para tocar durante o caminho, enquanto ele me levava para casa.

“E aí? Para o que no passado a sua máquina do tempo vai te levar? Lugar? Pessoa?”, Theo sorriu.

Eu não queria me lembrar dos meus amigos nem de Estrela, ainda doía demais. Por isso respondi que preferia o presente.

“Então vamos ter de construir uma *playlist* dia a dia”, ele disse, enquanto entrávamos na Pineapple Court. “Tipo me mandar sugestões de músicas todos os dias?”, eu ri.

“Boa ideia. O que acha?”

“Seria legal”, respondi.

Ele então estendeu o celular e pediu que eu digitasse meu contato no *app* de mensagens. Aproveitei e dei o número da casa da tia Vivian, só para garantir. Quando ele me deixou no jardim

faltavam cinco para a meia-noite!

Eu agradei a carona, dei um *goodbye* para Ruby, que não me respondeu porque já estava dormindo, e entrei correndo em casa para receber um olhar satisfeito da minha mãe.

E, nesse exato momento, Alice, Ana, Vini, Mark, Theo e seja lá quem for aquela garota loira que falou com ele devem estar se divertindo no Ale House enquanto eu estou aqui, debaixo dos lençóis, escrevendo neste diário e vendo meu irmãozinho, vestido com o pijama do Pluto, se remexer na cama, ao lado da minha mãe, por causa de um pesadelo.

Mundo injusto.

8 de junho (quarta-feira)

My universe will never be the same



9h58 – É. Ele não se esqueceu da promessa. Acabei de receber uma mensagem do Theo:

Primeira indicação

“Glad you came”

The Wanted

The sun goes down

The stars come out
And all that counts
Is here and now
My universe will never be the same
I'm glad you came

(Espero que goste)

Não reconheci a letra, mas dei um Google nela e descobri que eu AMO essa música.

11h33 – Minha prima chegou em casa agora e me disse para não contar ao Vini que o Theo me trouxe ontem. Perguntei por que, e ela respondeu que era para facilitar as coisas.

Tipo facilitar o quê?

Ela não quis dizer. Só riu e fechou a porta do quarto na minha cara, pois queria se trocar.

Humm.

10 de junho (sexta-feira)

Minha vida sem mim



2h34 – É madrugada, mas não consigo dormir. Fiquei rolando na cama e fui à cozinha beber água. Vi que tinha deixado meu celular na mesa da sala e aproveitei para dar uma olhada nele. Havia mais de cem mensagens acumuladas no grupo dos meus amigos. Boa parte era fofoca, mas o que mexeu comigo foi vê-los combinando de ir ao cinema em Lajeado.

Fiquei com inveja da animação da minha turma para sair no fim de semana. Por que será que dói tanto ver meus amigos levando a vida sem mim? Como se eu não existisse mais? É tão estranho, tão anormal, tão... tão... angustiante!

Por mais que soubesse que isso iria acontecer, eu me sinto

passada para trás. Ou, melhor dizendo, esquecida. Porque foi isso que eles começaram a fazer: me esquecer! Ninguém soltou um reles comentário do tipo: “Ah, que pena a Babi não poder ir com a gente!” ou “Queria que a Babi estivesse aqui”. Não! Nada! Zero! Bárbara se foi e agora é vida que segue! Até a Mari, que parecia estar sentindo absurdamente a minha falta, já está arranjando programas para o fim de semana, e eu nunca mais vou fazer parte deles, por mais que queira.

Fiquei tão chocada com essa constatação que não tive estômago para ver o restante das mensagens. Larguei o celular com os olhos cheios de lágrimas e corri para o quarto para escrever. Mas não quero e *não vou* chorar por causa do que acabei de ver! Só preciso botar para fora a frustração de estar nessa terra estranha. Só isso...

Tenho certeza de que vai ser o suficiente para eu melhorar.

13h14 – Acordei me sentindo mal. Não é nada físico, por isso nem contei à minha mãe. Ela já estava preocupada demais por ser o primeiro dia em que ia sair com tio Oscar para procurar emprego. Então preferi ficar quieta, pelo bem da dona Valkíria.

O que estou sentindo é meio difícil de explicar. Parece uma mistura de tristeza com desânimo e piora quando penso no Sul.

É incrível como tudo hoje está me fazendo lembrar o Brasil.

Uma foto num porta-retratos na sala da tia Vivian, uma música saindo do quarto da Ana (“Mas que nada”, do Sérgio Mendes, com o Black Eyed Peas, para ser mais precisa), o bolo de cenoura com cobertura de Nutella que a Alice está preparando pra entupir o Dani e evitar que ele faça mais besteiras – atitude muito válida, por sinal, já que é isso ou continuar assistindo ao guri raspar a cabeça da Lola para tentar um corte em estilo moicano na pobre da gata da Ana. E, detalhe, com o barbeador do Vini!

Mas nem a bagunça do Dani conseguiu me distrair. Eu estava tão deprimida mais cedo e com uma vontade tão grande de gritar que sentei no *closet* e chorei por horas no escuro. A Ana ouviu os soluços (graças a Deus, ela ainda não viu o novo visual *punk* da Lola), entrou no armário e se sentou ao meu lado para descobrir o que eu tinha. Acabei desabafando com ela sobre aquela sensação horrorosa. E ela disse que devo estar sofrendo de *homesick* (saudades de casa), que é algo bem normal e acontece com a maioria dos brasileiros que se muda para cá, inclusive, aconteceu com ela e o Vini.

“Você está acostumada com um tipo de gente, um tipo de vida, e, diferentemente de Estrela, Orlando é onde o mundo todo se reúne. Não é fácil lidar com isso. Acredite, eu sei. O que posso garantir, pelo menos, é que a gente supera”, ela falou. Depois

minha prima secou minhas lágrimas com uma blusa caída por ali e me abraçou, dizendo que no final tudo melhora. Reconheço que foi legal da parte dela, mas, para falar a verdade, sinto que nada vai ficar bem. Acho que só agora, com mamãe procurando emprego, me dei conta de um fato: nós não estamos aqui para visitar tia Vivian ou bancar os turistas, nós estamos aqui para morar, e DEFINITIVAMENTE! Adeus, Sul! Adeus, Brasil!

Só de pensar nisso me dá uma reviravolta no estômago.

O que faço para essa sensação ruim ir embora?

Que tal EU ir embora?

Com certeza eu ficaria boa e meus olhos desinchariam rapidinho!

15h29 – AI-MEU-DEUS! Theo acabou de me ligar! Fiquei surpresa quando Ana me estendeu o telefone de casa, sorrindo, e mais ainda quando ouvi a voz dele. Por isso corri para o meu quarto, para bem longe dos ouvidos curiosos da Alice e do meu primo Vini, que não sabia nem metade da história sobre o Theo. Ou melhor, não sabia NADA sobre o Theo, já que Ana disse a todos que um amigo dela tinha me trazido para casa.

No quarto, Dani estava comendo mais um pedaço de bolo de cenoura – e fazendo a maior sujeira – enquanto assistia, num volume absurdo, a uns vídeos do Youtube que a Alice tinha

baixado no *notebook* da tia Vivian para ele ir se familiarizando com o inglês. Pedi gentilmente para a pequena encarnação do mal criança abaixar o som, mas ele só me mostrou a língua e jogou um pedaço do bolo na minha direção, do qual habilmente desviei no melhor estilo *Matrix*.

Não tive outra opção senão falar com o Theo dentro do *closet*, entre os cabides com as roupas da Alice e os sapatos da mamãe. Ainda dava para ouvir a musiquinha que vinha do computador entrando pelas frestas (o vídeo era a versão americana de “Quem tem medo do lobo mau?”).

A conversa foi mais ou menos assim:

Eu: Oi. Desculpa pela demora.

Theo: Que nada. O lobo mau deve estar dando trabalho.

Eu: Ah, que ótimo! Você consegue ouvir daí...

Theo (meio que rindo): É. Mas não se preocupe. Não vou contar a ninguém que você mora com os três porquinhos.

Eu: Na verdade aqui tem um só e com tendências psicopatas. Se bem que, analisando os hábitos higiênicos do Dani, acho ele que vale por três porquinhos mesmo.

Risos.

Theo: Está a fim de ir à minha festa de boas-vindas? Um amigo meu, o Kevin, está planejando e eu gostaria que você

fosse.

Eu: Não sei. Tenho que falar com a minha mãe...

Theo: Ah, se você quiser passo aí para pegar vocês.

Eu: Não, acho que não é uma boa ideia.

Voz do além: É verdade. Oops! Falei...

Eu: Ana????????

Ana (na extensão): Eh... Oi. Desculpe aí, prima. Fui pegar o meu telefone para ligar para a Britt e ouvi um pouquinho da conversa.

Eu: Tá, dá para fazer o favor de sair da linha?

Ana: Claro! Claro! Já estou desligando! Tchau, Theo.

Theo (rindo): Bye, Ana.

Ruído de telefone sendo desligado.

Eu: Onde a gente estava mesmo?

Theo: Na parte em que você recusava minha oferta de carona.

Eu: Ah, é... Não é nada pessoal. É só que a minha mãe é meio paranoica. Ela achou você legal pelo lance da pulseira, mas a criatura não me deixa sair com ninguém antes de ter certeza de que a pessoa não faz parte de nenhuma quadrilha internacional de tráfico de órgãos.

Theo: Se ajudar, não tenho nenhuma passagem pela polícia.

Voz do além: Haha, essa foi boa...

Eu: ANAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

“Tá bom! Tá bom! Já desliguei!”, ouvi minha prima dizer ao longe.

Eu: Desculpa.

Theo: Relaxa. Da próxima vez ligo pelo Whats. Só não fiz isso porque não consegui.

Eu: Ah, é que a bateria do meu celular acabou.

Theo: Tudo bem. Mas, e então? Você vai?

Eu: Vou perguntar para minha mãe e te aviso.

Theo: Certo. Gostou da música que te enviei?

Eu: Sim. Eu já conhecia, mas gosto dela.

Voz de mulher ao fundo.

Theo: *Dammit!*

Silêncio, como se ele tivesse tapado o bocal.

Theo: Babi, olha, mil desculpas, mas minha madrasta está me chamando. É algum problema com o carro dela. Liga depois para dar a resposta, ok?

Eu: A-hã.

Theo: Ok. Um beijo.

Eu: Outro.

12 de junho (domingo)

Sem coragem nenhuma



9h10 – Estou totalmente falando sobre o convite do Theo com a minha mãe... por telepatia!

Sendo sincera, ela nunca vai me deixar ir a uma festa desse tipo em um lugar que ela não conhece. Mamãe está sempre com o alarme de perversão ligado, então a chance de ela me deixar ir é mínima. Além do mais, aposto que o Theo não vai sentir minha falta.

Nem sei como contar para Ana que não vamos. Ela parecia tão animada.

11h10 – Não! Ela não fez isso! Meu Deus, como ela consegue? Sim, porque uma coisa é você inventar uma mentirinha inocente, outra é tramar uma verdadeira teia intrincada de mentiras!

E foi isso que a Ana fez para convencer nossas mães a nos deixarem ir à festa do Kevin. Ou, nas palavras da minha prima, “a uma minifesta do pijama na casa da Brittany, dar uma força nesse momento de dor pela morte de seu avô”.

O pior é que a mentira colou!

O detalhe é que o avô da Britt morreu vinte anos atrás. A Ana decididamente não tem escrúpulos, e eu não tenho juízo, por participar de uma armação como essa. Onde está aquela garota boazinha e inocente de Estrela, que quase nunca mentia para a mãe e o máximo de maldade que conseguia praticar era tentar afogar a prima na piscininha que não tinha nem trinta centímetros de profundidade, hein?

Morta e enterrada igual ao pobre vovozinho da Brittany?

Pois é, que lista VIP do inferno que nada. Eu vou é passar a eternidade por lá limpando os banheiros com escova de dente!

15h30 – Eu estava aqui pensando em inventar uma “hepatuberculose viral”, *tipo D*, ou qualquer outra doença contagiosa fictícia para não ir à festa, quando o Theo ligou

perguntando se eu já tinha pedido para minha mãe, porque ele precisava saber o número de pessoas que vão, já que o Kevin disse que não poderia fazer nada grande devido às regras do condomínio onde mora. Nisso, eu, movida por uma estranha força vinda sabe-se lá de onde, disse que a Ana e eu apareceríamos na festa com certeza! (Um minutinho só que vou pegar minha consciência ali no lixo!)

13 de junho (segunda-feira)

Dia de compras



7h10 – Eu totalmente amo ser despertada de um sono profundo pelo meu irmãozinho hiperativo enquanto ele pula em cima da minha cama (ainda durmo naquele colchonete tosco), dizendo musicalmente: “Ô, Babiê. A-cor-da! Babi cara de me-le-ca, a-cor-da que a gente vai sa-i-ir!”

Ah, como eu queria um quarto só pra mim...

Pelo menos recebi a notícia de que nós “meio que vamos fazer compras”. Ainda não entendi o porquê desse “meio”, mas nem ousou reclamar. Talvez até ache alguma coisa legal para ir à festa do Theo. Sim, ainda estou com a consciência pesada, mas

pelo menos preciso ficar apresentável no dia, né?

9h34 – “Já estamos chegando, Vini?”, o Dani perguntou.

“Não.”

9h36 – “Já estamos chegando?”

“Não.”

9h38 – “Já estamos chegando?”

“Não!”

9h39 – “Já estamos chegando?”

“Nãããããão!!!!”

10h – “Já est...”

“Já! Já! Já”, meu primo respondeu, aliviado, apontando para a direita. “Olha o condomínio OakView ali!”

E todos nós olhamos para o muro de tijolinhos vermelhos com uma grande faixa amarela:

“Community Garage sale

This week 8 a.m. – 2 p.m.”

Só ainda não entendi direito o que viemos fazer aqui.

18h30 – Mamãe quis saber o que era uma *garage sale* (para ser

sincera, eu também), e minha prima explicou que é uma oportunidade bem brega de os americanos se livrarem das tranqueiras de que não precisam mais e de nós, estrangeiros, comprarmos a preço de banana essas mesmas tranqueiras de que também *não* precisamos. Ao que mamãe resumiu: “Ah, é um brechó”.

E foi aí, no meio de uma conversa banal, que a minha mãe se virou para mim e perguntou: “Babi, e aquele seu amigo do avião? Você não o viu mais depois daquele dia, não é?”

“Que amigo?”, Vini quis saber, intrigado, olhando para mim pelo retrovisor.

“Qual o nome dele mesmo, filha? Thiago?”, minha mãe perguntou.

“Ah, é. O Theo....”, respondi e “...AU!!!!”, não pude nem completar o que ia dizer porque a Ana me deu um beliscão.

“Não, ela não viu”, minha prima respondeu, me lançando um olhar estranho. “Orlando é muito grande, tia Val! Talvez a gente nunca mais o veja.”

“Que pena. Seria bom Bárbara se enturmar. É sempre bom fazer novos amigos”, mamãe disse.

Vini nos encarou, a Ana e a mim, sentindo que tinha alguma coisa no ar, mas, como Alice e Dani já tinham saído do carro, ele se juntou aos dois.

Minha prima só cochichou um “depois explico” no meu ouvido e saiu também.

Mamãe mal tirou os pés do carro e já encontrou uma família de brasileiros numa das casas. Acho engraçado como neste país a gente encontra um bando deles e já sente uma familiaridade absurda. É só falar da terrinha e todo mundo vira amigo de infância.

Como percebi que, por causa dos brasileiros, a Ana tinha esquecido o assunto do Theo (ou fingiu esquecer), puxei a conversa antes que a gente chegasse perto do Vini.

“Você vai me contar por que seu irmão não pode saber sobre o Theo?”

Ela suspirou e falou para sentarmos embaixo de uma árvore próxima.

“A questão, Babi”, ela começou, enquanto se sentava, “é que o Vinícius *odeia* o Theo”.

“Eles se conhecem?!”, perguntei, embasbacada.

“Há anos”, Ana respondeu. E contou o que tinha acontecido entre os dois.

Theo, Vini e ela estudavam na Gunther Middle School, sendo que Theo e Vini eram da mesma turma. Um dia, Vini disse para o professor que precisava ir ao banheiro, e o Theo também pediu licença, para ir beber água. Quando Vini estava voltando

para a sala, o alarme de incêndio disparou e todo mundo começou a correr, em pânico, para fora da escola. Só quando os bombeiros chegaram é que foram perceber que não havia fogo nenhum. Aí começou uma caça às bruxas para descobrir quem tinha disparado o alarme porque, segundo a Ana, isso é uma coisa muito grave nos EUA.

Todos os alunos que estavam fora da sala naquela hora foram interrogados pelo diretor, e Theo contou que as únicas pessoas que tinha visto no corredor haviam sido um japonês do sétimo ano e o Vini. E aí a culpa, logicamente, recaiu sobre o Vini, porque ele era repetente, imigrante, andava com aquelas roupas de gótico e já tinha sido expulso de uma escola por dar um soco num colega que o tinha xingado.

Com isso, Vini foi expulso da Gunther Middle, mesmo jurando que não tinha culpa, e até hoje acha que o Theo foi o responsável. Por isso, os dois não podem nem se ver. Se bem que, segundo minha prima, ambos estão tão diferentes agora que, provavelmente, nem se reconheceriam (pelo menos não se reconheceram quando passaram bem perto um do outro no Ale House), mas ela disse que não valia a pena arriscar.

Fiquei triste pelo Vini e também um pouco pelo Theo, que ganhou um inimigo mortal e fama de dedo-duro, e um pouco surpresa após Ana explicar que não queria arriscar porque está

interessada num amigo dele.

“E como você ficou ‘amiga’ do Theo”, ela continuou fazendo aspas com os dedos ao dizer “amiga”, “tenho chances de chegar mais perto do Kevin. Por isso é que venho tentando manter o ‘cabeça de cogumelo’ do meu irmão longe do seu amigo. Porque sem Theo, sem Kevin. Entendeu?”

Fazia sentido. Só não saquei as aspas aéreas em “amiga”.

Pelo menos o dia foi proveitoso. Comprei um uniforme de quadribol do Harry Potter por uma bagatela, e descobri o mistério que cercava o Vini e o Theo, e agora é só esperar pela quarta-feira. Porque, fora isso, não tem nada legal para acontecer na minha vida e, segundo a Ana, essa vai ser a festa do ano! Ai, ai. Já estou me vendo no meio daquela americanada toda, sem saber quase nada de inglês e com a maior cara de tacho do mundo! Acho que vou seguir o conselho dos pinguins do *Madagascar*: “Apenas sorria e acene, sorria e acene...”

14 de junho (terça-feira)

Intensivão de inglês



11h40 – Tentei aprender um pouco mais de inglês para nossa ida à “casa da Brittany” amanhã, e Ana me sugeriu ver algumas séries, com as legendas em inglês. O que faz sentido. Tudo o que consegui entender na última cena a que assisti antes dessa ideia foi “I cxrvwtgp GO ukdjwidg FRIENDS ahsduwdiabd DINNER”. Mesmo assim acho que estou melhorando.

Até a Alice me ajudou de novo, ensinando novas frases para eu não passar vergonha.

Can you repeat that please?

Tradução: Desculpe, você pode repetir isso?

Já prevejo minha cara de tacho se eu também não entender na segunda vez.

I understand more than I speak.

Tradução: Eu entendo mais do que falo.

Bondade sua, Alice. Bondade sua.

My english is a little rusty.

Tradução: Meu inglês está um pouco enferrujado.

Estamos mesmo falando de mim?

Sorry, I always make a fool of myself.

Tradução: Desculpe, eu sempre pago mico.

É. Não posso dizer que minha irmã não me conhece.

18h30 – Minha mãe entrou na sala e fez sinal para eu desligar. Respondi com a cabeça que não, afinal era a primeira vez que eu falava ao telefone com Mari desde que cheguei em Orlando, mas mamãe pegou o aparelho da minha mão, se despediu da Mari por mim e desligou.

Fiquei chocada (para não dizer morrendo de ódio), mas mamãe estendeu uma caixinha preta para Alice e outra para mim, pedindo toda empolgada que abrissemos.

Eram *chips* com números da AT&T para que colocássemos

nos nossos celulares, já que mamãe não entende como funcionam as ligações por Whatsapp ~~ou qualquer tecnologia moderna~~. Além disso, queria ficar em contato conosco o tempo todo agora que (pausa dramática) CONSEGUIU UM EMPREGO!

Apesar de ainda estar chateada por ela ter desligado o telefone, fiquei feliz pela mamãe na hora. Ou melhor, nos primeiros minutos, porque depois veio a notícia estranha: ela ia vender casas com tio Oscar.

Tá, tudo bem, ser corretora é legal, e mamãe só foi professora de espanhol por poucos anos, porque aí veio a Alice e ela preferiu seguir a “carreira de mãe”. Só que ela é tão tímida quanto eu e sempre foi péssima para vender coisas. Nem cartelas de bingo, para ajudar as obras de caridade da igreja, ela conseguia fazer a vizinhança comprar. Imagine uma casa!

Mas aí ela veio toda explicativa: “Ah, filha, se quisermos viver em Orlando, vamos ter de nos reinventar. O dinheiro que a gente conseguiu com a venda do carro não vai durar muito tempo. Preciso ganhar algo logo para colaborar com as despesas da casa. Não quero mais mexer na poupança de vocês.”

É, foram argumentos razoáveis.

Mas os *chips* e o emprego não foram as únicas novidades. Mamãe também comprou um carro (algo que é bem mais barato por aqui, como já disse) para poder trabalhar. Só não é o melhor

modelo do mundo e parece usado, mas serve para o que ela precisa. É isso que importa.

20h07 – Vini acabou de chegar em casa e... adivinha? Ele também conseguiu um emprego, no turno da noite, em um McDonald's! Eu nem sabia que ele andava procurando por um. Mas aí é que está. Meu primo disse que fez isso porque precisa devolver o dinheiro que a tia Vivian emprestou para o conserto da lanterna do Honda Civic dele, pois não quer ficar devendo nada à mãe. Ou seja, o Vini vai ter que trabalhar por MINHA CAUSA! E sabe o que foi mais incrível? Ele confessou que andava sumindo durante o dia para procurar emprego e não comentava com a gente para que eu não me sentisse culpada.

Muito legal da parte dele, eu sei, mas agora me sinto pior ainda! Tenho que recompensar o Vini de alguma maneira, coitado. Ele não merece pagar, literalmente, por um erro meu.

15 de junho (quarta-feira)

Dia da festa!!!



10h40 – Ana começou a “operação festa” hoje bem cedo, depois que a tia Vivian foi para o trabalho. E isso, é claro, me incluiu. Assim que minha prima acordou, ela ligou para a Britt e combinou a história sobre o avô defunto, caso tia Vivian resolva ligar pra lá. Depois baixou no celular o aplicativo para pegar táxi à noite, pegou a chave reserva da tinturaria e separou a mochila dela. Minha prima ainda não me contou todos os detalhes sórdidos do plano, mas já sei que vem algo grande por aí.

20h40 – É isso. Já conseguimos passar pela primeira trincheira: mamãe e tia Vivian. As duas estavam na sala, assistindo à novela

das sete pela Globo Internacional, quando nos despedimos para ir à casa da Brittany. Minha mãe quase me matou de susto nessa hora, pois eu nem bem tinha atravessado o quintal quando ela gritou meu nome. Tremi e rezei, mas ela só queria me dar o aparelho que eu tinha esquecido na caixinha em cima da mesa de jantar. A verdade é que esse esquecimento foi intencional, mas para disfarçar peguei o aparelho, enfiei na boca e saí correndo porta afora, com a desculpa de que estava atrasada.

A segunda trincheira foi o Vini. Quando já estávamos em frente à casa da Brittany, ele perguntou à Ana o que ela estava escondendo na mochila, ao que minha prima respondeu, na maior cara de pau, “é um tabuleiro de War, pra gente brincar um pouco (a-hã, invadir Sumatra depois de consolar sua amiga que perdeu o avô é o ápice da diversão!).

Claro que a desculpa não tinha como ser mais tosca, só que o Vini acreditou (cara, a Ana deveria ser atriz) e foi embora para seu primeiro dia de trabalho no McDonald's. Então minha prima chamou um táxi pelo aplicativo e agora estamos na tinturaria (que está fechada para os clientes), terminando de nos arrumar para a festa. Tenho de admitir que estou ficando nervosa. Apesar de a blusa que estou usando ter essa cor rosa-chá linda, ela é bem diferente do meu estilo (que a Ana chamou de Barbie caipira). Por que será que estou com mau pressentimento em

relação à festa?

15 de junho (madrugada do dia
16, quinta-feira)

O pior fim de festa



2h30 – Conclusão da noite: Megan é uma bruxa, Zoey é uma vaca, Theo é um galinha e eu sou uma perfeita idiota! Por quê? Não sei, talvez porque insistir para uma garota ir à sua festa de boas-vindas, onde sua namorada também vai estar, não seja a coisa mais decente que um menino possa fazer!

Sabe o que é mais triste? Tudo estava dando tão certo nessa noite que cheguei a pensar ter espantado de vez os meus *clumsy moments*, como minha prima diz. Ana e eu nem precisamos procurar muito pela casa do Kevin. Ela era a única dentro do

condomínio Lake Vilma de onde se ouvia música alta e que tinha fileiras enormes de carros estacionados em frente, inclusive uma chamativa moto R1, verde e branca, que a Ana comentou ser o sonho de consumo do Vini. Tocamos a campainha rezando para alguém ouvir no meio daquela barulheira toda, até que um garoto de brinco e cabelo arrepiado abriu a porta.

Nós nos apresentamos em inglês, e ele começou a falar em português, com sotaque nordestino. Seu nome é Fábio, e ele contou que é um amigo do Theo, que nasceu no Recife e que mora em Orlando há bastante tempo. Disse também que estudava na mesma escola da Ana, ao que minha prima respondeu, meio sem graça, que não se lembrava direito dele.

Mesmo assim o garoto foi simpático, falou que ia pegar duas Cocas para a gente e disse para ficarmos à vontade. Foi para a cozinha e nos deixou no meio daquelas pessoas desconhecidas que só falavam em inglês. Apesar de o Theo ter dito que seria uma festa pequena por causa das regras do condomínio, não foi o que me pareceu. Tinha gente por todo o lado, inclusive sentada nos degraus da escada que, imagino, levava aos quartos. Vários grupinhos conversavam e riam, outros dançavam mais adiante.

Ana não estava nem aí para isso. Parecia mais preocupada em procurar o Kevin e quase teve um treco quando o viu. “Ai,

meu Deus, olha ele lá!”, ela disse, apontando discretamente para um cara alto, cercado por um grupinho de garotos fortões. Ele é do jeito que ela tinha falado: loiro, atlético, olhos verdes. Não me admira que a Ana goste dele.

Enquanto minha prima babava, virei os olhos para o quintal da casa, pois a porta deslizante de vidro estava aberta, e foi quando eu a vi, sentada perto da piscina, com um bando de meninas ao redor. Era a garota com quem o Theo estava naquele dia no Ale House. Ela me olhou e percebi que me reconheceu, e, em vez de virar a cara, puxou o celular da bolsa, digitou algo e ficou me encarando enquanto falava ao telefone.

Nisso, um monte de gente começou a bater palmas e gritar “u-hus” animados. Eram para o Theo, que tinha acabado de chegar. Ele entrou cumprimentando todo mundo, totalmente maravilhoso dentro de uma calça jeans e uma camisa polo preta. Kevin puxou o Theo para o grupinho onde ele estava e foi então que ele finalmente me viu.

Meu coração deu um pulo quando ele se aproximou. Parecia feliz em ver a gente.

“Não acredito que vocês vieram mesmo!”, disse, dando um beijo na Ana e em mim. Eu estava vermelha de nervoso, mas tentei disfarçar. Ana saiu de perto da gente dizendo que ia procurar lenço de papel no banheiro, que ela nem fazia *ideia* de

onde era.

“Sua prima é uma figura”, Theo disse.

“Ela é louca, isso sim”, respondi.

Então um silêncio se instalou entre a gente, e o Theo ficou me olhando com aqueles olhos azuis lindos. Comecei a ficar vermelha de novo.

Para cortar o clima estranho, perguntei qual música estava tocando, e ele respondeu que era *My house*, do Flo Rida.

Silêncio de novo.

“Que festa, hein?”, comentei, ainda sem assunto.

“Coisa do Kevin e do Fábio. Eu disse que não queria nada grande, mas às vezes falar com esses dois malucos é o mesmo que falar para o vento.”

“Ah, pelo menos todos os seus amigos estão aqui. É isso o que importa, né?”

“Não conheço a maior parte desse povo e também não preciso de toda essa gente”, ele falou, enfiando as mãos nos bolsos. “Só de uma pessoa, e ela já chegou. Então...”

Fiquei encarando o chão por um tempo e, quando levantei a cabeça, reparei que a loira olhava torto para a gente lá da piscina. Por isso perguntei se ele estava se referindo à namorada, ao que Theo fez uma cara estranha e perguntou sobre o que eu estava falando.

Aí aponte para a loira com a cabeça.

“Aquele que estava no Ale House com você semana passada.”

Theo me olhou parecendo não acreditar no que estava ouvindo e deu uma gargalhada. Como continuei séria, ele pegou minha mão e me puxou em direção à garota.

Tentei me soltar, mas foi em vão. Quando chegamos perto da garota, ela me olhou com cara de quem ia vomitar e não tive como não retribuir a gentileza.

“Meg, essa é Bárbara, a amiga brasileira de quem te falei”, ele disse, virando para ela. “E, Bárbara, essa é a Megan. A minha outra irmã americana.”

Uuuuuuh. Como não tinha pensado nisso antes? E eu achando que a tal era namorada do Theo!

Bem *essa* realmente não era. A Megan me saudou em português (bem ruim, diga-se de passagem) e não conversamos muito porque ela não fez o mínimo esforço para ser simpática. Aliás, foi esse o motivo que o Theo deu para não ter me apresentado a ela no Ale House – disse que ela é meio antissocial quando conhece pessoas novas.

Nessa hora, Fábio chegou com dois copos nas mãos, o que foi a deixa para Megan se afastar e voltar a conversar com a sua gangue.

Ele pareceu desapontado por minha prima não estar por perto, mas mesmo assim abriu um sorriso e me deu um copo. Depois perguntou o que estava tocando, e o Theo respondeu que aquela música cheia de gemidos só podia ser obra do péssimo gosto musical do Kevin. Theo então disse que ia ligar o celular dele ao som, pois tinha uma *playlist* muito melhor para aquela festa, quando percebeu tê-lo esquecido em casa. Ele me disse que ia rapidinho buscar e eu entrei em pânico só de pensar em ficar sozinha ali. Não sabia onde a Ana estava, tinha certeza de que não ia poder contar com o Fábio (pois ele era um dos responsáveis pela festa) e não estava nem um pouco a fim de aguentar a chata da Megan.

“Você vai demorar?”, perguntei ao Theo.

“Vai sentir minha falta?”, ele rebateu, sério, mas depois riu. “Brincadeira. Moro quase aqui do lado. Volto em cinco minutos, tá bom? Conversa com a Megan enquanto isso.” E saiu com o Fábio, que foi ver alguma coisa na cozinha.

Theo não podia ter sugerido nada pior!

Primeiro a Megan não falou comigo. Claro. Estava mais interessada em conversar com as amiguinhas loiras que mais pareciam bonecas de palito de tão magras. Apesar de o meu inglês ser péssimo, notei que elas falavam de mim, porque olhavam na minha direção e riam. Ouvi também algumas delas

repetirem a palavra *fat* até que a Megan disse em bom português: “É, ela é gorda.”

Eu me recusei a acreditar que elas estavam falando de mim. Eu não sou gorda. Nunca fui. Meu IMC diz que estou totalmente dentro dos padrões saudáveis de peso para o meu tamanho! Onde elas viram gordura em mim?

E nessa hora de questionamento existencial descobri que era das minhas coxas que elas falavam. Tá, realmente as minhas são mais grossas do que as delas. Mas isso não significa que são gordas. Ou será que são?? Será que para os padrões daqui eu sou um tipo de... bem... hum... *gorda*?

Só sei que eu já estava começando a ficar paranoica com isso quando uma garota ainda mais magra que a Megan (como essas meninas conseguem ficar assim nesse reino do *fast food*?) saiu de dentro da casa e veio até a gente.

Bem no momento em que eu me preparava para sair de fininho a Megan segurou meu braço. Eu me virei com um sorriso fingido na cara, e a magrela deu uma boa olhada em mim de cima a baixo.

“Bárbara, *querer* apresentar *você* minha *best friend*, Zoey”, a Megan disse, agora com um “portunglês” sofrível. Eu podia ser solidária em relação a esse lance da língua, afinal pago micos todos os dias por causa disso, mas aquela garota não merecia

nada de mim, nem um livro de gramática!

“Oh, e me esqueci de dizer *você*. Zoey *ser* namorada do Theo”, ela disse, soltando a bomba numa voz fina e irritante de quem tinha inalado uma bexiga de gás hélio.

A notícia teve em mim, o efeito de um soco no estômago. Eu me senti horrível. Horrível por ter pensado na possibilidade idiota de o Theo gostar de mim. Horrível por ser, provavelmente, só mais uma na lista enorme de traições dele. Horrível por ter ido àquela festa. E horrível por estar ali, bem ao lado da Zoey, esperando justamente o namorado *dela* voltar.

Fiquei tão abalada que procurei um lugar para sentar. Esqueci que tinha colocado o aparelho no bolso de trás da calça e só me dei conta quando senti uma coisa cutucar meu bumbum assim que sentei. Por reflexo, levantei e tirei meu aparelho do bolso para conferir se tinha quebrado, mas essa foi a pior coisa que poderia ter feito. A Megan viu aquele maço de lenços de papel e, rápida como um raio, o tirou da minha mão. Tentei pegá-lo de volta, mas ela abriu o embrulho e, ao perceber que era um aparelho, o jogou, cheia de nojo, para cima de uma amiga, gritando “*Eeewww*”. A outra o segurou até se dar conta do que era e o atirou em outra amiga, que fez cara de quem ia vomitar antes de arremessá-lo para a Zoey. Tentei agarrar o maldito aparelho, mas a namorada do Theo o jogou de volta para

Megan, e aí percebi que elas tinham começado a brincar de bobinho comigo.

As pessoas que estavam perto da piscina começaram a prestar atenção na gente e uma plateia se formou para ver a cena. As meninas pareciam estar se divertindo agora. Tanto que nem davam mais os gritinhos de nojo quando pegavam no meu aparelho. Ficavam apenas rindo e jogando-o umas para as outras.

Mas isso não foi o máximo da humilhação. O ápice aconteceu quando uma delas jogou meu aparelho para Zoey, e eu, sem reparar em nada à minha volta, me estiquei para tentar pegá-lo de volta. Consegui agarrar o aparelho no ar, mas senti um leve empurrão nas minhas costas e, numa fração de segundo... TCHIBUM! Caí dentro da piscina.

Nem preciso dizer o terror que senti ali, no meio daquele monte de água, enquanto me debatia feito louca, já que a piscina era funda e eu não sei nadar. O mais cruel foi que, por mais que eu gritasse por socorro, ninguém me ajudou. Pelo contrário, eu ouvia as pessoas rindo ao redor da piscina enquanto eu engolia litros e mais litros de água. Só depois de algum tempo – que me pareceu uma eternidade –, alguém saltou na piscina e me segurou. Era Ana, uma das últimas pessoas que eu achava que faria aquilo por mim.

Minha prima me arrastou para a parte rasa e me tirou da água num esforço tremendo. As garotas ainda riam, e então eu disse à minha prima que queria ir embora o mais rápido possível. Saímos da casa do Kevin e fomos esperar o táxi na entrada do condomínio. Só dentro do carro é que as minhas lágrimas começaram a cair, e daí em diante, não pararam mais.

Nem sei como agradecer a Ana por ela estar sendo tão legal comigo. Acabamos de chegar em casa, e ela disse que seria melhor eu dormir com ela para não correr o risco de assustar minha mãe ou acordar os meus irmãos. Afinal, eles acham que estamos na Brittany. Ela ainda tentou falar sobre o Theo, mas eu disse que nenhuma história que o envolvesse me interessaria mais, e então ela me fez uma pergunta que não sei responder até agora: “Você estava começando a gostar dele, não estava, Babi?”

Pensei bem e cheguei à conclusão de que talvez fosse muito cedo para isso; depois disse que não queria falar sobre o Theo e dei boa noite para ela. Mas é claro que não consegui dormir. Por isso estou escrevendo.

Minha única vontade agora é ir para casa. A de verdade. Tudo bem, minha vida podia não ser perfeita no Sul, mas pelo menos não era esse desastre total! Eu quero voltar. Eu PRECISO voltar! E, definitivamente, antes de as aulas começarem!

Depois desse vexame na piscina, não vou conseguir encarar

meus novos colegas na Odyssey High.

16 de junho (quinta-feira)

Uma dose de gordura saturada



11h40 – Acordei com um belo par de olheiras, que a Ana tentou disfarçar com corretivo. Só que, por mais que elas estejam escondidas sob quilos de maquiagem, o meu cérebro idiota não consegue ignorar as lembranças de ontem à noite. Tentei até assistir ao Discovery Kids com o Dani agora cedo para não pensar naquilo, mas ver uma sequência de desenhos chatos só piorou meu humor. Estou tentando apagar as cenas da festa do Theo na minha cabeça... Foco, Babi! Foco! Arrasta tudo isso para a lixeira do seu cérebro e deleta!

Melhor, vou preparar alguma coisa para comer. É isso aí.

Fritar hambúrgueres gordurosos vai ocupar meu tempo e me fazer sentir bem. Que se dane se estou descontando minhas frustrações na comida! Fui *eu* que quase me afoguei na piscina ontem. Mereço alguma compensação, mesmo que ela venha banhada em gordura saturada, não?

14h30 – Caos! Essa é a palavra que define minha vida neste momento.

Fui até o freezer pegar os hambúrgueres e os coloquei para fritar. Assim que terminei – já pensando em me empanturrar e virar uma obesa de verdade para fazer valer o comentário da Megan e das amiguinhas sobre o meu peso –, fui lavar a frigideira. Como ela estava quente, quando a água se encontrou com o óleo saiu *aquela* nuvem de fumaça. Comecei a tossir, e a Ana, que estava no sofá com o *notebook* no colo, deu um grito e jogou o computador de qualquer jeito sobre a mesinha de centro da sala, para me socorrer e dissipar a nuvem com um pano, depois de abrir a porta para a fumaceira sair.

Fiquei sem ação. Não entendi por que a Ana teve aquele ataque, até que ouvi um barulhinho engraçado. Olhei para cima e vi detectores de fumaça no teto da casa.

E aí juntei as coisas. A droga da frigideira tinha feito o sistema de incêndio disparar!

Ana nem teve tempo de brigar comigo. Gritou para o Vini desligar a energia elétrica da casa. Meu primo, que estava tomando banho, saiu de toalha do banheiro e correu para a lavanderia, onde fica o quadro de força.

Quando Vini voltou, ela virou para ele e disse, numa voz séria: “Reze para que eles não venham, seu cabeça de cogumelo”. Então Alice mandou a gente calar a boca, pois estava tentando identificar se o barulho que estava ouvindo era mesmo de uma sirene. A cor do Vini sumiu quando ela disse isso.

Ana mandou o Vini colocar uma roupa porque *eles* estavam chegando, então ele voou em direção ao quarto. E foi só meu primo sair do quarto, ainda colocando uma camisa de qualquer jeito, para um carro do corpo de bombeiros parar em frente à nossa casa com a sirene aos berros. Nessa hora a Ana soltou um palavrão em inglês e foi correndo ligar para a tia Vivian. Vini me mandou ir para o quarto com o Dani, que até então estava achando tudo a maior brincadeira. Não sei direito o que aconteceu depois, mas o saldo foi mais desastroso do que eu imaginava. A vizinhança toda apareceu aqui em frente (só assim mesmo para a gente ver os vizinhos) e a tia Vivian ganhou nada menos do que uma **MULTA POR ALARME FALSO DE INCÊNDIO!!!!!!!**

É isso mesmo! Os bombeiros vieram aqui, não encontraram

foco de incêndio e a tia Vivian acabou multada por isso! Ou melhor, por *minha* causa!

Deus, por que eu tinha de passar por isso hoje?! Castigo divino? Mas pelo quê? Eu não saio por aí sacaneando as pessoas nem nada! Ter me sentido pior do que uma ameoba ontem já não foi suficiente? Eu tinha de me sentir culpada também? Porque é isso que está ardendo agora dentro de mim. Uma culpa enorme.

Se eu ainda estivesse no Brasil, quietinha na minha casa, nada disso teria acontecido. Agora eu estaria saindo do colégio, rezando para as férias de julho chegarem logo, e não aqui, nesse lugar com costumes tão diferentes, causando estragos na conta bancária da tia Vivian.

E o jeito como o Vini e a Ana estão me olhando agora... Nossa, é terrível! Parece até que voltei aos tempos de criança quando ela me odiava e ele vivia me evitando.

Não sei se consigo continuar morando na mesma casa que eles depois de tudo. Não sei nem mesmo se consigo continuar vivendo nessa cidade.

16h10 – Argh! Theo já me ligou umas cinco vezes, mas não atendi. Para piorar ainda mais a minha vida, está circulando entre os alunos da Odyssey High um vídeo do momento em que eu caí na piscina! Ana recebeu uma mensagem da Britt, que

repassou o vídeo.

Sério. Não aguento mais tudo isso. Estou no meu limite!

Chega de Orlando. Por favor, chega!

Eu só quero ir embora.

Mas, quer saber? Já está decidido. Eu vou voltar para o Brasil. É. É isso. Não importa o que minha mãe diga nem o quanto ela tente evitar. Vou enxugar essas drogas de lágrimas e fazer as malas. Eu não sou bem-vinda aqui.

17h01 – Pensei melhor... Não, não é nada disso. Ainda quero voltar para o Brasil. Acontece que concluí que minha mãe não me permitiria botar nem o pé esquerdo para fora de casa se soubesse que quero morar com o meu pai. Além disso, não tenho dinheiro para a passagem, nem mesmo da companhia aérea mais barata. Pedir dinheiro ao meu pai também não daria certo. Ele está cheio de dívidas por causa da casa que comprou. Então estou meio que num beco sem saída. Mas tenho de arranjar uma solução, e rapidamente. Estou contando os minutos para sumir daqui.

Vamos lá, Babi! Bota esse cérebro para funcionar. Faça valer a pouca massa cinzenta que Deus te deu. Pensa.

17h40 – Sabe aquele momento em que uma lâmpada acende no

seu cérebro, aniquilando a escuridão de dúvidas que havia ali? Pois é, e a ideia que tive pode ser resumida em três palavrinhas: poupança do papai!

Claro! Como não pensei nisso antes? Ainda tenho uma poupança no Brasil! Tudo bem, ela não está rechonchuda como antes e ainda não vai dar para voltar ao Brasil, mas talvez consiga complementar o valor da passagem com... sei lá... trabalho? Até as princesas têm seus dias de gata borralheira, não?

E está todo mundo arranjando emprego, então acho que também posso conseguir um. Além disso, como é alta temporada em Orlando, a cidade está cheia de turistas, logo sobra trabalho. Até para adolescentes como eu. Está certo que nunca tive um emprego, mas não deve ser tão difícil trabalhar.

Vou perguntar ao Vini se ele sabe de alguma vaga aqui perto. Isso se o meu primo ainda estiver falando comigo. Porque depois do que aconteceu hoje... Ai, ai. Acho que mamãe não vai desconfiar de nada, pois tenho um motivo nobre para justificar o trabalho. E aí, depois de ganhar o suficiente para voltar para casa, ligo para a Mari pedindo para ela me pegar no aeroporto, em Porto Alegre. Depois, arrumo as malas em segredo, fujo no meio da noite, me mando para o aeroporto de Orlando de táxi e, chegando ao Brasil, vou morar com papai.

Pronto. Um plano perfeito. Claro que vou sentir falta dos meus primos, dos meus tios, da mamãe, do Dani e até da Alice, mas eles vão poder me visitar sempre que quiserem. Sem falar que a gente sempre vai poder matar a saudade via internet.

O que não dá é para ficar. Sei que ir embora é meio covarde, mas me sinto tão deslocada e infeliz aqui que, se eu não for logo, vou surtar, ter uma crise de depressão ou raspar a cabeça para me juntar a uma gangue de motoqueiros!

19h30 – Ebaaaaa! O Vini ainda está falando comigo! E sabe o que mais? Ele disse que tem uma vaga numa lanchonete perto daqui! Meu primo nem desconfiou quando falei que queria trabalhar para pagar a multa que a tia Vivian recebeu. Na verdade, ele disse para não me preocupar com isso, mas insisti e amanhã mesmo vamos à tal lanchonete.

Quanto à mamãe? Bem, na hora em que falei sobre ter um emprego ela ficou preocupada, disse que a menininha que até pouco tempo atrás pedia para ela comprar a sandália da Hello Kitty hoje já é uma mulher feita e está até querendo trabalhar. Mas acabou aceitando numa boa, não sei se porque o Vini disse que aqui os adolescentes costumam trabalhar no verão, se porque ela está muito feliz por ter sido oficialmente contratada pela imobiliária do tio Oscar ou se porque finalmente está

deixando de ser superprotetora. De qualquer maneira, acho que os ares da Flórida estão fazendo bem pra mamãe.

Alice é que falou, toda irônica, que queria me ver esfregando chão, já que, segundo ela, sou meio dondoca e mal arrumo a minha cama. Ah, claro. E ela que, quando a empregada lá de casa faltava, lavava a louça com duas luvas de borracha em cada mão para não estragar as unhas?

17 de junho (sexta-feira)

Entrevista de emprego!



9h30 – Hoje acordei antes de o alarme do meu celular tocar. Estou tão ansiosa pela entrevista de emprego que tenho logo mais no Al's Big Subs que nem tomei café da manhã direito, o que por um lado é bom, já que não vou ter muita coisa para botar para fora caso o meu estômago resolva ter alguma atividade nervosa.

Meu primo vai me levar daqui a pouco. Mamãe está saindo também, toda arrumadinha de saia e blazer cinza, pronta para o trabalho com tio Oscar, que acabou de buzinar aqui em frente. Ela disse para eu não me preocupar com a entrevista, pois, pelo tempo que fiquei ensaiando inglês com o meu primo ontem,

tudo vai dar certo. Só me lembrou de ter cuidado com produtos de limpeza, pois o cheiro deles pode me dar uma crise de asma.

Bom. Está na hora. Me deseje sorte.

13h10 – O Al's Big Subs vende sanduíches bem no estilo do Subway e fica na Old Winter Garden, uma rua mais ou menos próxima de casa.

Vini me levou até lá e perguntou pelo dono a um dos atendentes. Um homem gordo, de pele morena e cabelo bem escuro veio falar com a gente. O nome dele é Simón Alcazar, e ele é um simpático mexicano de Tijuana, como ele mesmo disse, todo orgulhoso, em espanhol.

Na hora em que reconheci a língua, fiquei feliz. Eu consigo entender espanhol (falar já é outra história) e vi que não vou ter muitos problemas com o inglês por ali. Isso até encarar um freguês americano, claro.

O *señor* Alcazar pareceu gostar de mim tanto quanto gostei dele. Perguntou se falo inglês e respondi que so so. Depois de algumas perguntas sobre minha idade e outras coisas, ele se deu por satisfeito, disse que parecia perfeita para o emprego, mas que precisava fazer um teste comigo antes e, quando perguntei quando, ele disse: “Agora mesmo”. Daí me deu uma camisa polo preta e um boné com o nome da lanchonete.

Respondi que tudo bem, estava preparada para o que desse e viesse, e então o Vini foi embora dizendo para eu ligar para o celular dele assim que terminasse para ele me buscar.

O *señor* Alcazar me apresentou a cada um dos atendentes do Al's Big Subs numa tentativa rápida de me enturmar. Tem um cubano, o Héctor, uma panamenha chamada Dulce, que se casou com um cara daqui para conseguir o *green card*, e uma americana, Norah, que me pareceu supersimpática. Só que minha impressão sobre ela mudou quando o *señor* Alcazar comentou baixinho que ela estava cumprindo prisão domiciliar (só podia sair de casa para trabalhar).

Um arrepio subiu pela minha espinha quando vi o aparelho de monitoramento que ela usa no tornozelo, mesmo o *señor* Alcazar tendo acrescentado que, apesar do lance da prisão, a Norah é inofensiva. (Ok. Por via das dúvidas, vou ficar de olho! Vai que dá vontade nela de fazer picadinho de Babi para montar um sanduíche?)

Por falar em sanduíche, meu chefe ensinou passo a passo como tenho de montar as opções do menu, como lidar com o forno para esquentá-los, caso o cliente queira, e me mandou escrever na mão frases básicas de atendimento, para eu não cometer nenhuma gafe em inglês (bem pensado, chefe).

Fiz tudinho o que ele mandou, fui ao banheiro colocar o

uniforme e, quando saí, ele olhou para a porta da loja e disse que se eu conseguisse gorjeta do cliente que estava chegando, eu estaria contratada.

Respondi que não iria desapontá-lo e fui até o balcão. Quando olhei para o cliente, quase caí para trás.

Era o THEO! Por impulso, me abaixei e fiquei ali sentada, bem embaixo do balcão, rezando para que ele não tivesse me reconhecido, mas era óbvio que tinha. Nós tínhamos ficado frente a frente, muito perto mesmo, e, além disso, ele devia estar usando suas lentes de contato, ou seja, chance zero de a miopia dele me favorecer naquele momento.

“Babi, eu já vi você. Aparece”, o Theo disse, falando sobre o balcão.

Como minha contratação estava em jogo, levantei, morrendo de vergonha, mas o encarei.

“*Good morning, sir, and welcome to Al’s Big Subs. May I help you?*”, respondi, usando a frase que eu tinha decorado.

“Babi, sou eu”, ele disse, estranhando.

“Olha aqui, eu sei exatamente quem você é”, respondi baixinho, com os dentes cerrados de raiva, “mas estou sendo testada para esta vaga e tenho que ganhar uma boa gorjeta se quiser continuar nela. Então só fala comigo se for pedir algum sanduíche. Tá legal?”

“Tudo bem. Me vê um Buffalo Chicken pequeno com uma Coca grande, então.”

“O que você quer?”, perguntei, indo à cesta de pães.

“Falar sobre a festa do Kevin.”

“Estou me referindo ao pão. Qual tipo?”

“Oh, hããã... Qualquer um, Babi! Só vim aqui por sua causa.”

Olhei o passo a passo da montagem do sanduíche e fui esquentar o pão no forno, detalhe que teoricamente eu tinha que perguntar ao Theo se ele queria, mas eu estava pouco ligando para as preferências dele. “Como você me achou?”, perguntei, enchendo o copo de Coca na máquina. Ele demorou a responder, mas confessou que tinha ligado tanto para Ana hoje, já que ignorei todas as ligações dele, que minha prima acabou contando onde eu estava.

“Ok, agora é a minha vez de fazer perguntas”, ele disse. “Posso saber por que você foi embora da festa sem falar comigo?”

Tirei o pão do forno e fui ao balcão de ingredientes.

“Vai dizer que você não sabe?”

“Não, não sei”, ele garantiu. “Do que você está falando?”

“Do assunto que provavelmente dominou a festa!”, disse, irritada. Já tinha colocado tomate, pickles e um bom punhado de *jalapeño* (vingança é um prato ardido que se come quente) no

sanduíche dele.

“O quê? Você está falando da garota que caiu bêbada na piscina?”

Bêbada? EU? Espremi com tanta raiva a bisnaga de maionese que voou um pouco do molho na minha blusa. Acho que ele entendeu que a garota era eu só pela minha cara.

Quase não acreditei que ele não tinha visto o vídeo ainda.

“Era. Mas eu não estava bêbada não, tá? Eu fui deliberadamente empurrada na piscina. Só não sei por quem, se pela sua irmãzinha ou pela sua namorada, Zoey.”

Theo pareceu chocado.

“Epa! Calma aí! Era você?! E quem disse que a Zoey é minha namorada?”

Não respondi, mas ele adivinhou. Era óbvio. E então explicou tudo. Que a irmã é muito amiga da Zoey e que, desde que terminaram o namoro, antes de ele ir para o Rio, Megan tem feito uma campanha enorme para eles voltarem, pois na cabeça dela os dois formam o casal perfeito (nisso tenho que concordar com a bruxa).

E o Theo ainda disse mais: que naquele dia do Ale House a irmã estava enchendo a paciência dele com essa história e que ela ficou cheia de raiva por ele me levar em casa, achando que eu era uma ameaça ao “reinado” da Zoey. E também frisou muito

bem que o que eles tiveram já acabou e que não há chance *alguma* de voltar. Quando ele terminou de falar, minha raiva tinha diminuído um pouco, mas em compensação eu estava vermelha de vergonha. “Babi”, disse Theo, segurando a minha mão quando estendi o sanduíche para ele. “Eu juro que não sabia de nada. Não continua brava comigo, não, vai? Por favor.”

Ele falou aquilo de um jeito MUITO fofo.

Mas, saindo do mundo da lua, eu disse a ele que não estava mais brava (verdade), que ele não tinha culpa de a irmã ser uma tremenda vaca (tá, não usei esse termo. Afinal, é a irmã do cara) e também para ele não se preocupar, porque já coloquei uma pedra sobre o assunto, e então o Theo sorriu, parecendo aliviado, procurou a carteira para pagar o sanduíche e colocou uma nota de cinquenta dólares no balcão.

Quando voltei com o troco, ele disse para eu guardar, pois era a minha gorjeta. Hein? Quarenta e quatro dólares? De gorjeta?! U-huuuuuuu!

Agradei demais ao Theo pela pequena ajuda e, como ele estava sendo muito legal comigo, achei que deveria retribuir, por isso o avisei sobre a quantidade exagerada de *jalapeño* que eu tinha colocado ~~maldosamente~~ deixado cair no sanduíche dele. Mas, para minha surpresa, ele disse que já estava mais do que acostumado com *jalapeño* e até deu uma mordida enorme para

me provar que não tinha problema.

De qualquer maneira, o que importou mesmo no momento foi que consegui a gorjeta que o *señor* Alcazar exigiu como teste e... quer saber mais? Fui contratada e ainda vou ganhar sete dólares por hora! Ou seja, vou conseguir o dinheiro da passagem para o Brasil em menos de um mês.

Não podia estar mais feliz!

22h16 – Acabei de receber uma mensagem! E é do Theo!

Olha o que está escrito:

Indicação do dia

“Nothin’ on you”

B.o.B. e Bruno Mars

Beautiful girls all over the world

I could be chasing

But my time would be wasted

They got nothing on you, baby

Nothing on you

Conheço a música, mas vou perguntar pra Ana se está naquela pasta dela do iTunes. Quero colocar logo no meu celular. Só não peço ao Vini porque ele está estranho comigo desde o jantar. Ah, e mamãe insistiu tanto para saber quem tinha mandado mensagem que acabei contando quando o Vini não estava mais por perto.

Fiquei encrencada na hora de responder como o Theo tinha o número do meu celular, mas a Ana me salvou dizendo que ele tinha aparecido no Al's, o que não era uma total mentira. Cara, se a Ana continuar caprichando assim, ainda vai ganhar um Oscar pelas suas atuações.

18 de junho (sábado)

Primeiro dia de trabalho



15h31 – Ok. Estou no meu intervalo, que vai durar uns cinco minutos ou até algum cliente aparecer. Sei que estava animada para trabalhar e tal, mas agora vejo o quanto é duro lavar louça e esfregar o piso, além de ficar boa parte do tempo em pé atendendo as pessoas. Sério, já estou morrendo de dor nas pernas. Mas é o preço a pagar se eu quiser dar o fora desse país.

Ok, a quem quero enganar? Isso aqui é quase trabalho escravo!

Argh! Zoey e Megan acabam de entrar aqui.

17h30 – Claro que isso tinha de acontecer uma hora ou outra.

Norah estava atendendo outro cliente, Dulce tinha ido ao estoque e Héctor estava fora. Resultado: tive de enfrentar os dois dragões louros logo no primeiro dia de balcão.

No início, a Megan agiu como se não tivesse me reconhecido. Pediu um Veggie Delite dizendo “por favor” e tudo, mas foi só eu começar a montar o sanduíche para o veneno também começar a escorrer de sua boquinha toda lambuzada de gloss pink.

Ela disse, no seu deprimente português ainda não apresentado à conjugação verbal, que o Theo a tinha mandado pedir desculpas, mas que não as mereço porque é da Zoey que ele gosta.

E então (segundo Norah, que estava ao lado, me disse depois, já que eu não tinha entendido) Zoey me mandou ficar longe dele. Eu teria deixado passar se ela não tivesse acrescentado ao final a palavra *bitch*. Sou uma negação em inglês, mas *bitch* eu sei o que é. E não é nada legal. Quem ela é para me xingar?

Em resposta, espremi a mostarda no vestidinho bege dela em vez de no sanduíche. É claro que as duas fizeram o maior escândalo e quiseram falar com o gerente, mas, quando o *señor* Alcazar apareceu, Norah assumiu o papel de meu anjo da guarda e disse que o pote de mostarda estava entupido e por isso

explodiu nas meninas. Meu chefe então pediu desculpas a elas, dizendo que pagaria a conta da lavanderia e que as duas ganhariam um vale para comer de graça aqui por um mês. Claro que elas não aceitaram e saíram revoltadas, mas não podiam admitir pra ele que tinham ido ali só pra me provocar.

Quanto a mim... Bem, graças a Deus não fui demitida. Só que não estou muito em alta com o *señor* Alcazar. Ele me deu um sermão sobre como atender clientes (quase chorei) e me fez prometer que acidentes como esse não vão acontecer de novo, ou cairei fora antes que consiga dizer *perdón*.

Antes que esqueça, combinei uma coisa importante comigo mesma. Haja o que houver, NÃO posso e NÃO vou me apaixonar pelo Theo. Vou evitar encontrar com ele a qualquer custo, não só para não provocar mais cenas como essa da Zoey e da Megan, mas também porque estou firme na decisão de voltar ao Brasil.

21h09 – Recebi outro torpedo do Theo.

Indicação do dia

“Você é linda”
Caetano Veloso

Você é forte
Letras e músicas
Todas as músicas
que ainda hei de ouvir

Ótimo. Ele também não colabora...

19 de junho (domingo)

Meu anjo da guarda



12h40 – Nem dá para acreditar no que aconteceu hoje. Um furgão preto, com vidro fumê, parou em frente à lanchonete, e um monte de caras usando camisas pretas e rádios na cintura saíram dele. Pareciam só clientes, mas, de relance, li o que estava escrito nas costas da camisa de um deles, e era *Police ICE*.

Héctor quase surtou quando comentei e correu para se esconder, pois está ilegal no país, e aqueles caras eram oficiais do departamento de imigração à caça de imigrantes ilegais. O coitado não encontrou nenhum esconderijo bom e acabou, acredite ou não, entrando num freezer daqui.

Isso me fez ficar com um pouco de medo, mas achei que não tinha com o que me preocupar, afinal meu visto é válido, certo? ERRADO! Norah atacou de anjo da guarda novamente e lembrou que pessoas como eu, com visto de turista (pelo menos enquanto mamãe não consegue um *green card* para a gente), não podem trabalhar no país, mesmo que sejam adolescentes em empregos de verão. E que, se os oficiais da imigração descobrissem isso, eu ia me dar mal.

Ai, minha Nossa Senhora das Adolescentes Desesperadas, o que eu podia fazer? Gritar socorro e sair correndo?

Não. Norah teve uma ideia melhor (ela é tão gente boa que quase não consigo acreditar que é uma criminosa). Falou para eu tirar o uniforme no banheiro e me sentar em uma mesa para me passar por cliente, e foi o que fiz.

Quando voltei, os policiais já estavam dentro da loja falando com a Norah, então sentei em uma cadeira bem no fundo e fiquei lá sentindo meu coração bater nos ouvidos, esperando que tudo acabasse. De repente, um dos homens olhou para mim e começou a vir em minha direção. Não conseguia pensar em mais nada enquanto ele se aproximava, a não ser na minha mãe, nos meus irmãos e, tenho que admitir, no Theo também. Por mais que eu queira ir embora, preferia que fosse com um mínimo de decência, e não expulsa como uma criminosa.

Não sei se a Norah percebeu a movimentação, mas ela rapidamente pegou um sanduíche (que deveria ser jogado fora, pois tinha caído no chão) e me serviu, como se eu fosse cliente mesmo. O oficial apenas passou por mim e, após falar algo com Norah, seguiu para o banheiro enquanto os outros esperavam fora do Al's Big Subs. Eles não se demoraram muito, e, assim que foram embora, Norah correu para abrir a porta do freezer, com medo de que o Héctor pudesse morrer de hipotermia, mas nosso colega saiu ileso (ainda que tremendo de frio) e disparou para o estacionamento, onde foi tomar um pouco de sol.

Agora parece engraçado, a gente até apelidou o Héctor de *Popsicle* (picolé, em inglês), mas na hora foi um susto brabo, e eu ainda estou meio tensa. Depois que acabou, tudo que eu queria era ir para casa. Aqui ou no Brasil, tanto fazia. Naquele momento só queria me sentir segura e protegida.

Acho que eu preciso de um abraço... ou de terapia!

20 de junho (segunda-feira)

Exploração infantil



15h53 – Hoje o dia está sendo desumano. Apareceram turistas aos montes por aqui. Sem mencionar que teve banheiro entupido, pilhas intermináveis de louça para lavar, chão para varrer.

Até pensei em processar meu chefe por exploração de trabalho infantil e desistir desse emprego sugador de vida. Mas lembrei que o salário daqui vai ser meu passaporte para dar o fora de Orlando, então continuo fazendo o serviço sujo... literalmente!

16h28 – Olha o que chegou agora:

Indicação do dia

“There she goes”

The La's

(mas acho q vc vai preferir a versão do Sixpence None The Richer)

There she goes

There she goes again

Racing through my brain

And I just can't contain

The feeling that remain.

Norah traduziu a letra para mim e acha que o Theo está insinuando que não consegue parar de pensar em mim. Falei que ela está doida, vendo coisa onde não tem, e fui cortar cebola. Só que fiz isso cantando. E foi quando me toquei que posso tentar esconder de todo mundo, mas não de mim mesma, a obviedade dessa situação. Claro que já estou gostando do Theo! Tenho todos os sintomas: perder o juízo, achar o mundo uma

maravilha, cortar cebolas cantando, sorrir de forma abobada o tempo todo.

Só tem um problema: a minha intenção de voltar para o Brasil. Tudo bem que, se o Theo só estiver querendo curtir comigo, não vai ser o fim do mundo para ele se eu for embora. Mas e se não for isso? E se ele estiver gostando de mim? Brincar com o coração dos outros não é justo. E, só de pensar na abstinência forçada de Theo, meu coração dói um pouco.

Por outro lado, é fato que não me adaptei a Orlando, estou morrendo de vergonha do meu vídeo da piscina circulando por aí, e ainda morro de saudades de Estrela e do Brasil. Não sei se consigo ficar aqui só pelo Theo. É pedir demais de mim. Talvez pela minha família.

Mas o melhor a fazer agora é trabalhar. Depois penso sobre isso. Não vou conseguir resolver nada agora mesmo.

21 de junho (terça-feira)

Início oficial do verão nos EUA!



14h19 – Estou sentada num cantinho entre o fogão e a geladeira. É difícil ter um tempo livre para escrever, o que por um lado é bom, pois não fico pensando o tempo todo no Theo. Ontem não deu para escrever quase nada aqui porque sempre tinha um clien... Argh, mais um.

14h35 – Pronto. Voltei. Então, continuando... Não tenho descanso, a cada minuto aparece um cliente. Ah, não! Uma van cheia de brasileiros acabou de estacionar!

18h50 – Meu reino pelo meu colchonete! Mal consigo ficar em pé de tanto que já trabalhei, mas vi uma coisa estranha hoje, e quero registrar antes que me esqueça e o Vini chegue para me levar para casa.

Depois que o bando de brasileiros sedentos por gordura saturada foi embora, Héctor guardou no bolso, bem discretamente, o pagamento que recebeu de um dos fregueses pelos sanduíches. Não comentei com ninguém, nem com a Norah, e acho que o Héctor não percebeu que vi isso. Estou em dúvida se conto ou não para o *señor* Alcazar. Não gosto de bancar a dedo-duro nem nada, só que tenho medo de sobrar para a Norah, por causa do histórico dela. Se isso acontecer, não vou ficar calada.

Por outro lado, talvez eu tenha me confundido e o Héctor estivesse, sei lá, botando só a gorjeta no bolso. Pelo que me contou um dia desses, ele sofreu muito para chegar aos Estados Unidos. Além de ter pagado um dinheiro absurdo para um *coyote* trazê-lo pela fronteira do México, ele passou fome e sede, quase levou um tiro da patrulha da fronteira e andou uma madrugada inteira no deserto do Texas, tendo que esfregar alho esmagado de hora em hora nos tênis para espantar as cobras (brrrr!).

Ele não correria o risco de estragar o seu sonho americano sendo deportado por causa de doze dólares.

25 de junho (sábado)

“O” encontro



20h40 – Theo passou no Al's para me levar para casa, já que eu tinha mandado mensagem dizendo que meu primo havia trocado de turno no McDonald's e não poderia me buscar.

No caminho, decidimos parar para tomar um sundae. Até aí tudo bem. O problema é que, quando Theo e eu entramos na lanchonete, rindo muito porque tínhamos visto um cara *a pé* no *drive-thru* (juro), me deparei com meu primo Vini bem atrás do balcão. Pois é. Com tanto McDonald's nessa terra do *fast food* fomos parar logo na unidade em que ele trabalha!

Meu primo estava com aquela roupa feiosa de atendente e

uma cara que era uma mistura de tédio e sono, mas minha chegada o despertou como se ele tivesse levado um beliscão.

“Bárbara?! O que você está fazendo aqui?”

“Dei uma passadinha rápida com... er... um amigo...”, disse, morrendo de vergonha e culpa.

Aí o Theo chegou atrás de mim. A expressão de surpresa do Vini deu lugar a duas sobrancelhas cerradas e uma cara de poucos amigos.

“Vocês se conhecem?”, perguntou Theo se aproximando do balcão.

Expliquei que éramos primos e rezei para que eles não se reconhecessem.

“Cara, você me lembra muito alguém”, Vini disse, disparando o relógio da bomba!

“A gente já se viu antes?”, perguntou Theo.

Iniciando contagem regressiva: 5...

“Quem sabe... Você está há muito tempo em Orlando?”

4...

“Na verdade, eu sou daqui, mas por causa da minha família brasileira.”

3...

“Entendi... Em que escola você estudou?”

2...

“Agora estou na Odyssey High, mas fiz o secundário quase todo na Gunther Middle.”

1...

“Hã. O seu nome, por acaso, é Theodore Medina?”

0...

“É. Como você sabe?”

BUMMMMMMMMMMMMMMM!

“Estudei com você na Gunther Middle”, Vini falou num tom calmo. Pois é. Nem sinal de briga, ranger de dentes, ou da raiva mortal que a Ana disse que meu primo sentia por ele.

Theo pareceu sem graça, se desculpou por não o reconhecer e perguntou o nome dele, mas a supervisora do Vini apareceu de repente e o mandou voltar ao trabalho. O que ele fez, servindo logo depois os sundaes que pedimos.

No estacionamento, Theo disse que ia jogar o sundae no lixo porque, além da calda e dos M&Ms, o sorvete estava coberto com algo estranho, o que pra mim só prova que o Vini ainda tinha raiva dele, porque aquilo era ranho. Não falei nada sobre isso e, vendo que Theo ficou chateado, tentei contornar a situação oferecendo um pouco do meu.

“Pelo menos o cara caprichou no seu”, ele disse, rindo, enquanto saboreava a colherada que dei na boca dele. Mas depois o sorriso do Theo se apagou, e ele ficou só olhando para mim.

“Você se sujou um pouco com a calda”, ele disse, apontando para o meu rosto.

Antes que eu pudesse limpar, Theo se aproximou de mim, segurou meu queixo e passou o guardanapo no cantinho da minha boca. Meu coração deu saltos. Eu esperava qualquer coisa naquela hora, menos que o meu telefone fosse tocar. E foi isso o que aconteceu. Argh!

Tirei do bolso e reconheci o número do Vini. Automaticamente olhei para o McDonald’s e o vi na vidraça sibilando: “Vai para casa ou eu ligo para sua mãe!”.

Revirei os olhos, disse para o Theo que a gente precisava ir embora e entrei no carro bufando.

1h03 – Olha a mensagem que o Theo me mandou em plena madrugada:

Indicação do dia:

“You give me something”
James Morrison

Cause you give me something
That makes me scared, alright
This could be nothing
But I'm willing to give it a try
Please give me something

26 de junho (domingo)

Reações químicas



20h37 – contei todo o lance do McDonald's à Ana. Os olhos da minha prima se arregalaram. Mesmo com a minha garantia de que não aconteceu nada demais (exceto pelo sundae com ranho). Ana achou tudo esquisito, e então ficamos um tempo pensando numa explicação para a reação civilizada do Vini. Mas já estava quase na hora de sair pro trabalho, então fui tomar banho.

Vini acordou quando saí do banheiro, lá pelas onze, e não trocou uma palavra sequer comigo enquanto me levava para o Al's. Só quando me despedi em frente à lanchonete que ele segurou o meu braço para eu não sair do carro e fez um verdadeiro interrogatório.

Perguntou de onde eu conhecia o Theo, se ele era o tal cara do avião que minha mãe falou, o que eu estava fazendo com ele ontem e se nós estávamos saindo.

Fui pega tão de surpresa por todas aquelas perguntas que não sabia por onde começar. Gaguejei, me encolhi toda no banco e só disse o básico: sim, ele era o cara do avião, e não, não estamos saindo. Ontem tinha sido um evento isolado.

Vini relaxou quando falei isso, mas não pareceu totalmente satisfeito. “É melhor mesmo que não esteja ficando amiga desse cretino. Você não sabe a sacanagem que ele fez comigo”, ele disse.

A verdade é que eu sabia bem o que tinha acontecido, a versão imparcial da coisa toda, só não iria falar isso para o Vini para não deixá-lo ainda mais revoltado. Ele ainda me alertou que um dia o Theo ia lhe pagar tudo o que devia e que se ele cruzasse seu caminho de novo iria voltar para casa com um monte de dentes a menos.

Nem parecia aquele Vini calmo e caladão que foi nos pegar no aeroporto, e isso me deixou mais nervosa. Por isso sacudi a cabeça mostrando que entendi o recado – “Ok, nada de Theo!” – e entrei correndo na lanchonete. Ainda faltavam dez minutos para o meu turno, então fiquei conversando com a Norah, meio em inglês, meio em portunhol.

Desde que ela me ajudou, despistando os caras da imigração, nos aproximamos bastante. Até descobri que ela estava cursando enfermagem que o crime que cometeu não foi tão grave. Quero dizer, distribuir remédios controlados sem receita é errado e pode prejudicar alguém, mas pelo menos a Norah não é uma psicopata ~~que retalha os outros para comer com bacon~~ e está pagando direitinho o que deve à sociedade. Ela acha que o Theo pode estar apaixonado por mim, mesmo me conhecendo há tão pouco tempo. Disse que a paixão é explicável pela ciência, que envolve um monte de reações químicas inundando o cérebro, e ela não sabe se um relacionamento baseado só nisso tem fôlego para durar, mas acha possível. Como tudo isso é novo para mim, acredito nela.

Quanto ao dilema envolvendo Theo e Vini, Norah disse que, independentemente da minha escolha (continuar amiga do Theo ou preservar a relação com meu primo), vai haver uma perda e que só cabe a mim optar pela menos dolorosa e traumática.

29 de junho (quarta-feira)

O tempo sumiu



13h45 – Sem tempo para respirar, quanto mais para escrever. Droga. E cadê o Theo que não mandou uma única mensagem hoje? Ele tem passado aqui no Al's todos os dias à tardinha para comer um sanduíche (e me ver, claro, mas hoje, nada. Humpf!).

30 de junho (quinta-feira)

Mistério



16h20 – Dulce disse que está faltando dinheiro no caixa. Espero que ela só tenha contado errado.

3 de julho (domingo)

Um pouco estrábico



23h35 – Imagine que o seu corpo não tem mais um pinga de energia e você não consegue nem ficar de pé porque tudo dói. Imagine que, mesmo você tendo usado tênis o tempo todo, os seus pés estão doloridos e cheios de bolhas. Imaginou? Prazer, esse bagaço sou eu depois de mais um dia no Al's.

E, para piorar, o desinfetante que a Norah passou no chão me deixou espirrando e com o nariz irritado.

Vini até veio, todo atencioso, sentou ao meu lado no sofá e ficou brincando com o meu cabelo enquanto eu via TV, mas tudo o que ele queria era perguntar se eu estava a fim de ir a uma

festa junina lá pelas bandas da Metro West, onde uns amigos brasileiros dele moram. Eu amo festas juninas, mas disse que ia ficar em casa com a Ana e as amigas dela vendo uma maratona de filmes no Netflix.

Meu primo pareceu chateado, mas acabou indo com a Alice e o Dani, enquanto mamãe e tia Vivian saíram para fazer compras. Nem bem o carro deles virou a rua, o pai da Britt despejou a filha, a Carol, a Jenn e a Luana no nosso quintal. Ana foi correndo fazer pipoca de micro-ondas e me pediu para ir ligando a TV e abrir a porta. Fiz isso, mesmo morrendo de vergonha ao lembrar que elas viram o vídeo da piscina.

Ainda estava tentando usar todo o meu inglês para elogiar o visual da Britt e a cor das suas recém-adquiridas tranças de lã quando a campainha tocou de novo. Fui atender achando que fosse o Mark, porque o Vini disse que talvez ele viesse pegar um jogo pro Xbox. Porém, em vez dos olhos verdes do meu primo americano, me deparei com duas piscinas azuis enormes.

Era o Theo na minha porta, aparecendo de surpresa! Ele deu um “oi” para as meninas e perguntou se podia falar comigo. Ainda não sei qual é a opinião da tia Vivian sobre garotos dentro de casa, mas mamãe com certeza ia surtar se o visse no meu quarto, por isso dei a ideia de conversar no carro, que o Theo achou ótima, pois ia aproveitar para me mostrar uns remixes

que tinha feito.

Quando entrei no carro, senti um cheiro tão forte de perfume que comecei a espirrar. Theo se desculpou e logo ligou o ar, tentando melhorar a situação, enquanto explicava que a Bibi tinha derramado leite no banco de trás e, como o cheiro não saiu, a madrastra tentou resolver o problema exagerando no desodorizador para disfarçar até ele poder levar o carro ao lava-rápido.

Então, ele conectou o celular ao rádio do carro e começou a me mostrar os remixes, bem legais por sinal, mas disse ainda estar aprendendo a mexer no *software* que faz isso e que com o tempo ia melhorar.

Depois dos remixes, Theo colocou uma *playlist* para tocar e eu finalmente perguntei o porquê de ele ter vindo.

“Minha tia vai casar e eu queria muito que você fosse”, ele explicou, pegando um convite no porta-luvas. Eu disse a ele que só conhecia a Megan e a Bibi da família Medina, ao que Theo rebateu, como se estivesse falando a coisa mais normal do mundo, que eu conheceria o restante na festa.

Tipo, a-hã, claro. Ir ao casamento da sua tia americana que eu nunca vi antes não tem nada demais! Fico imaginando como ele conseguiu aquele convite, pois, pela data da cerimônia, provavelmente todos já deveriam ter sido distribuídos há meses.

Eu disse que ia pensar, e ele então me deu um convite para a Ana também e contou que um amigo queria muito revê-la. Quis saber quem era, mas Theo não respondeu.

“Alguém já disse que você é muito impulsivo?”, perguntei.

“Sim. Já está anotado na minha lista de defeitos”, foi o que ele rebateu, rindo.

Aí resolvi provocar.

“Ah, é? E posso saber quais são os outros?”

“Brincadeira. Não tenho defeitos.”

Fiz cara de quem não acredita e ele riu de novo.

“Nada disso. Não quero te decepcionar.”

“Pouco provável. Fala.”

Ele pensou um pouco e pulou a música que estava tocando. *You and me*, do Lifehouse, foi a que veio na sequência.

“Tá legal. Não tenho foco, não consigo ficar quieto por dois minutos e, se você olhar bem nos meus olhos, vai ver que eu sou um pouco estrábico.”

Fiz o que ele disse e, como não percebi nada, Theo tirou os óculos e se aproximou mais. Respirei fundo, sentindo o coração acelerar no peito, e disse que aquele último defeito ele poderia cortar da lista.

“Bom. Mas, pensando bem, eu tenho outro defeito.”

“Qual?”

“Arrumar desculpas ruins só pra poder ficar te olhando.”

Eu sorri envergonhada e disse que ele não precisava de desculpas. E, assim, nós continuamos ali, nos olhando, quando escapei do olhar dele e me perdi nas pintas fofas do seu pescoço. Depois, com uma sensação diferente no peito, subi de novo o olhar e encontrei os seus lábios num sorriso de canto de boca.

Theo então se apoiou em meu banco e seu rosto ficou de frente pro meu, bem pertinho. Fechei os olhos, sentindo seu nariz já me tocando, quando abri a boca, mas para respirar fundo. Eu estava sem fôlego e meu peito doía quando eu respirava.

Pois é, todos os sintomas que achei que fossem de paixão, na real, eram uma crise de asma!

Theo se assustou com o chiado que eu estava fazendo e não entendeu nada no começo porque eu não conseguia falar. Foi só quando consegui sussurrar a palavra “bombinha” que ele correu para chamar a Ana.

Quando voltou, eu já estava com os lábios azuis e fora do carro, mas consegui controlar a crise com o inalador que eles trouxeram. Pedi desculpas a ele pelo ataque de asma e por ser um poço de defeitos, mas Theo disse que não tinha problema algum. Na verdade, ele foi embora arrasado, pensando que toda a culpa tinha sido dele.

Minha mãe chegou agora há pouco e me medicou, porque a bombinha só controla a crise, e a Ana está animada achando que o amigo do Theo que quer vê-la só pode ser o Kevin.

Ainda não falei com minha mãe sobre o convite, nem sei se vou. Preciso pensar mais sobre isso, mas agora acho melhor ir dormir.

23h59 – E agora essa...

Indicação do dia:

“Unconditionally”

Katy Perry

So come just as you are to me

Don't need apologies

Know that you are worthy

I take your bad days with your good

Walk through this storm

4 de julho (segunda-feira)

E agora?



11h40 – Acordei há pouco e meu celular estava cheio de mensagens. Theo deixou vários recados perguntando como eu tinha passado a noite e se estava bem. Apesar da tosse que tive durante a madrugada inteira, não podia estar mais feliz. E também não podia estar mais indecisa sobre a questão de voltar ao Brasil. E esse drama que tanto tentei evitar é o que está me corroendo agora, atrapalhando a felicidade suprema que sinto por saber que o garoto de quem eu gosto também gosta de mim.

Nada é perfeito, não é?

18h20 – Ai, meu Deus. Como isso pode ter acontecido? Como

posso ter caído das nuvens direto no inferno? E por que ele fez isso comigo? Por quê? Achei que éramos amigos! Ok, tudo bem, não amigos, mas pelo menos bons colegas de trabalho. Como ele pôde ser tão baixo?

Eu explico, se conseguir parar de chorar.

Bem, depois de eu ter trabalhado exaustivamente em pleno feriado americano por conta de mais uma excursão de turistas, o *señor* Alcazar foi dar uma olhada no caixa. Ele parecia desconfiado. Desde aquele dia em que a Dulce disse que estava faltando dinheiro, ele vinha tipo nos estranhando. E hoje, sabe-se lá o motivo, ele resolveu verificar o caixa antes do final do expediente e percebeu que estava faltando dinheiro. Perguntou para Norah, e ela disse que não sabia de nada, mas aí, quando perguntou para o Héctor se ele tinha notado algum problema com o caixa, ele disse que fui EU quem pegou o dinheiro! E o pior: quando a Norah pediu a ele que provasse, o bandido foi até minha mochila e tirou quarenta dólares de lá!

O *señor* Alcazar ficou tão irritado que nem me deixou explicar que a tia Vivian tinha dado aquele dinheiro para eu comprar um remédio para a Lola na *petshop* que tem aqui perto. Ele me expulsou da loja, falando para eu nunca mais voltar, senão ele vai chamar a polícia. A Norah insistiu que não fui eu e tentou explicar que o dinheiro era meu, mas não adiantou. Para

o *señor* Alcazar, eu já tinha sido declarada culpada.

Fui escorraçada do Al's Big Subs e agora estou aqui, no estacionamento, chorando tudo o que minha tristeza manda. Mas o que mais posso fazer? EU ESTOU DESESPERADA, ME SENTINDO HUMILHADA! O fato de eu ainda não ter botado o almoço todo para fora é quase um milagre. Meu estômago está revirado.

22h47 – Não sei como sobrevivi a tudo que aconteceu. Sem exagero. Quase me meti numa cilada, e o Theo... Só rezo para que esteja bem agora, pois, se alguma coisa acontecer com ele, não vou me perdoar. NUNCA!

E tudo por quê? Peguei carona com alguém que não conhecia. Mas entenda o meu lado, por favor, eu estava me sentindo tão sem chão que, apesar de o meu cérebro ter mandado vários avisos para eu desconfiar daquela brasileira aparecendo do nada no estacionamento do Al's, encarei a oferta de carona como um gesto de bondade.

Além disso, ninguém faz ideia do quanto é bom ouvir o seu idioma num país estranho quando tudo parece estar desmoronando ao seu redor. Então achei que não tinha problema ir com a tal.

Ela se apresentou como Rochele enquanto me estendia uma

caixa de lenços de papel das princesas da Disney e perguntou onde eu morava, porque daquele jeito eu não ia conseguir chegar a lugar algum. Depois prometeu me levar em casa e foi falando o tempo todo, enquanto fiquei a maior parte do tempo chorando e enxugando o nariz com os lenços.

Quase vinte minutos depois, reparei que a aparência da vizinhança tinha mudado. Mesmo ainda não sabendo andar direito por Orlando, me dei conta de que, pelo tempo que rodamos, eu já deveria estar em casa e não naquele lugar que nunca tinha visto antes. Não que fosse horroroso (acho que aqui nesta cidade nada consegue ser horroroso), mas as ruas tinham um clima estranho. Um ar meio abandonado e decadente.

Perguntei onde a gente estava, sem conseguir esconder o medo na voz. Na verdade, ele devia estar estampado em meu rosto já todo vermelho e inchado de tanto que chorei.

Rochele disse para eu não me preocupar, porque ela ia dar uma passadinha no antigo trabalho dela, mas logo em seguida me deixaria em casa. De alguma forma, senti que aquilo não iria terminar bem. Não sei se foi pelo sorriso estranho que ela me deu, pelas guimbas de cigarro espalhadas no assoalho do carro, ou se foi o jeito como me olhou de cima a baixo quando respondi que tinha catorze anos.

Rodamos mais alguns minutos por aquela vizinhança (eu já

com a ideia maluca de abrir a porta e descer rolando como naqueles filmes de ação) até a Rochele parar bem em frente a um lugar que parecia mais uma boate abandonada (nesse momento, já estava escurecendo e as luzes da cidade começavam a se acender). Ela então saiu do carro e disse que ia falar com o ex-chefe, mas pediu que eu esperasse, pois voltaria rapidinho.

É claro que foi só a criatura sumir da minha vista para eu pular do carro, jogar fora a bola de lenços de papel usados e começar a correr. Não sabia nem para qual direção deveria ir, só sentia que precisava me afastar o máximo possível dali.

Depois de um tempo, meus pulmões começaram a falhar e eu soube que um ataque de asma estava próximo. Como esqueci a bombinha em casa e sentia um gato ronronando dentro do meu peito, parei de correr e comecei a caminhar.

A vizinhança ainda era desoladora. Muitos lugares pareciam abandonados, pouca gente circulava pelas ruas, e quem fazia isso ficava me encarando. Um garoto com cara de estrangeiro e uma calça jeans enorme ficou um bom tempo andando ao meu lado e falando comigo em inglês, enquanto me mostrava alguma coisa que tinha na mão. Não vi o que era, mas percebi pelo tom insistente que ele estava tentando me oferecer algo. Eu gelei, meu coração disparou parecendo que estava pulsando nos meus ouvidos, e então resolvi apressar o passo. Alguns minutos

depois, quando virei a cabeça para trás, vi que ele já estava abordando outra pessoa.

Mais à frente, andando na calçada onde eu estava, umas mulheres de roupas curtas e um tanto chamativas conversavam e riam. Só aí me dei conta de que eu estava bem longe do lado mágico de Orlando.

Comecei a me desesperar e a chorar de novo. Não sabia como voltar para casa e muito menos onde pedir ajuda. Nenhum lugar parecia confiável, mas eu sabia que tinha que sair dali de qualquer jeito. Antes que fosse assaltada ou coisa pior! Pensei em ligar para o Vini, para mamãe ou tia Vivian, mas não queria levar bronca deles nem receber nenhuma liçãozinha de moral. Já me bastava o que eu estava passando.

E foi aí que me lembrei dele. Sim! *Ele* viria me salvar, com certeza! Então tirei o celular da mochila e digitei o número. Quando o Theo atendeu, tentei explicar bem rápido o que tinha acontecido, mas os soluços faziam parecer que eu estava falando em qualquer outra língua menos em português.

“Babi, calma! Explica direito. Você está bem? Alguém te machucou? Para de chorar, por favor, e me diz o que aconteceu”, ele disse, nervoso.

“Eu... pe-peguei uma ca-carona e... e não sei onde vim parar. Theo, estou mo-morrendo de me-medo! Tem muita ge-

gente estranha a-aqui. Vem me buscar, por-por favor”, disse, soluçando.

“Onde você está?”

“Na-não faço ideia. Só me ti-tira daqui, pelo AMOR DE DEUS!”, gritei. Meu telefone soltou um bip avisando que a bateria estava baixa.

“Calma, Babi. Me escuta, tá bom? Faz o seguinte, olha em volta e me diz o que você está vendo”, Theo disse, meio esbaforido. Fiz o que ele mandou. Na calçada onde eu estava havia um clube com um letreiro luminoso escrito Baby Dolls e, do outro lado da rua, uma série de concessionárias de carros usados. Nem sinal das casinhas bonitinhas e familiares que eu via por Orlando.

“Cara, não faço ideia de onde você está. Tenta procurar uma placa de rua”, ele sugeriu. Pelo barulho no fundo da ligação, ele já devia estar ligando o carro.

Andei por alguns minutos para ver se achava alguma pista até que cheguei a uma esquina. Contei para ele que estava na Pauline Avenue com a S. Orange Blossom Trail. “Caramba! Você está na O.B.T.!” , ele gritou, e ouvi uma freada brusca do outro lado da linha. “Essa parte da O.B.T. é sinistra! Como foi parar aí?”

O tom do Theo me fez começar a chorar de novo. Eu estava

perdida, num lugar perigoso e com um celular prestes a ficar sem bateria. A vontade de estar a quilômetros dali, no Brasil, voltou com força total!

Foi Theo quem cortou meus pensamentos descontrolados dizendo para eu procurar um posto de gasolina, uma loja ou qualquer outro local assim, mas não ficar dando bandeira na rua. Falei que estava perto de uma lanchonete chamada Steak Out Snacks, e ele então disse para eu entrar e esperar lá.

Nessa hora meu telefone apitou e, segundos depois, apagou de vez, me fazendo entrar em desespero. Daí a falta de ar piorou e resolvi me arrastar até a lanchonete, já que minha única chance de sair dali era ficar no Steak Out e rezar para o Theo me encontrar. Quando entrei, vi que a lanchonete estava meio vazia. Só havia duas pessoas (estranhas) comendo, sentadas nas mesinhas, e outra (mais estranha ainda) pedindo um lanche. Decidi que seria melhor comprar alguma coisa, só para disfarçar, então pedi uma Coca pequena e fiquei à espera do Theo, olhando nervosa pela janela. Sem celular, não fazia ideia de quanto tempo tinha passado. Uma pilha de nervos, eu não sabia se batia o pé, roía as unhas ou tomava o resto do refrigerante. Os atendentes da lanchonete já olhavam desconfiados para mim, e eu retribuía sorrindo sem graça, rezando em silêncio para sair o quanto antes daquela situação.

De repente, um carro preto surgiu no estacionamento, fazendo meu coração disparar. Tinha que ser ele. E era!

Quando vi o Theo descer do Land Rover usando uma camisa da seleção brasileira e caminhar em direção à entrada do Steak Out, larguei o refrigerante e corri até ele, chorando. Não houve pergunta alguma. Ele apenas me abraçou apertado dizendo que estava tudo bem. Nunca senti um alívio tão grande. Acho que eu ficaria a eternidade inteira naquele abraço, sentindo aquele cheirinho (não era perfume, não, era o cheiro dele mesmo, e muito bom, por sinal), mas o Theo me deu um beijo na testa, secou minhas lágrimas e me levou até o carro.

Suspirei de alívio ao olhar pela janela do Land Rover e ver aquela vizinhança estranha ficando para trás. Foi aí que reparei que o Theo estava meio que espremendo os olhos. Ele notou que eu o estava encarando e deu um sorriso sem graça.

“Pode rir do cegueta aqui, mas a culpa de eu não estar enxergando é sua! Saí tão alucinado que esqueci de colocar as lentes”, ele disse. Acho que só me localizei por causa do GPS mesmo.

Eu ri, me estiquei no banco e dei um beijo na bochecha dele, ainda que parte de mim quisesse ter beijado em outro lugar ali perto.

“Nossa... Você devia ficar perdida mais vezes na O. B. T.”,

Theo disse.

Nós rimos, mas o rosto dele ficou tenso depois que ele apertou os olhos ao mirar o retrovisor. Eu me virei e vi que havia um carro da polícia colado na traseira do Land Rover. Theo então me pediu para ver o que estava escrito na placa de trânsito que estava vindo e foi o que fiz. Quando olhei para o velocímetro do carro percebi que o ponteiro já tinha passado do número que havia na placa, o que significava que ele estava bem acima do limite.

De repente, as luzes vermelhas e azuis do carro de polícia se acenderam e a viatura soltou um som que parecia mais um pio. Theo deu um soco no volante e perguntou se eu estava com o passaporte. Falei que sim, e então ele saiu da estrada e encostou o carro. Menos de um minuto depois um policial bigodudo já estava batendo na janela do Land Rover. Theo baixou o vidro e o saudou com a cabeça. O homem não respondeu, apenas olhou para mim e para o Theo de novo, ou melhor, para a camisa da seleção que ele usava. Sussurrei um: “Estamos encrocados?”, mas acho que o meu português só piorou a situação.

“*Passports, please*”, pediu o policial, sem o menor esforço para ser simpático. Entreguei o meu e o Theo falou algo em inglês, e então o policial rebateu, todo irônico, olhando de novo

para a camisa do Brasil: “*American? So, may I see your driver license?*”

Theo fez que sim, botou a mão no bolso e soltou um: “Ah, não...”

Na pressa em ir me buscar, ele tinha esquecido a carteira de motorista e, para piorar, não lembrava o número do *social security* dele, que é como eles chamam o CPF aqui. Ele e o policial conversaram algo que não entendi, e o homem fez um sinal para ele com a cabeça.

Theo então disse para eu pegar minhas coisas e sair do carro. Já do lado de fora, ele falou algo com o policial e tirou o celular do bolso, bem devagarzinho, acho que para o cara não achar que ele ia sacar uma arma ou coisa do tipo.

Pelo visto, Theo estava tentando ligar para o pai, mas o senhor Medina não atendia. Então acabou ligando para o Kevin, que, por sorte, não estava longe e chegou em poucos minutos.

Theo então entregou a chave do carro ao amigo e se virou para mim dizendo que teria de ir para a delegacia, mas que seria coisa rápida. E que o Kevin iria me levar para casa, e logo depois passar na dele para pegar os seus documentos.

Ao ouvir aquilo me desesperei. Como assim o Theo iria para a delegacia? Ele não tinha feito nada. Quero dizer, foi só uma multa de trânsito por estar acima do limite de velocidade. Você

não vai preso por isso, vai?

Ainda agarrei o braço dele, pedindo que não fosse, e daí o Theo segurou meu rosto, disse para eu não me preocupar, que só ia para a delegacia esclarecer as coisas, e que assim que o Kevin ou o pai dele chegassem lá com seus documentos todo aquele mal-entendido iria se resolver.

Depois foi escoltado até a viatura, e ainda não acredito na imagem dele passando por mim, sentando no banco de trás daquele carro, com aqueles olhos azuis cheios de culpa. Foi uma visão cruel. ELE NÃO TINHA FEITO NADA DEMAIS!

Minha primeira reação quando a viatura virou a esquina foi sentar no meio-fio, colocar a cabeça entre os joelhos e chorar um tempão, até cansar, o que o Kevin deixou, pois pelo visto não sabia como me consolar, já que eu não entendia quase nada do que ele falava. Depois ele me trouxe para cá, o que fez a Ana delirar quando o viu entrando, mas logo o garoto foi embora para socorrer o Theo.

Agora, a Ana continua ligando por mim para a casa do Theo em busca de notícias, já que o telefone dele só dá sinal de desligado. Mas, segundo minha prima, só tem caído na secretária eletrônica, o que indica que a família dele ainda deve estar na delegacia. Estou tão angustiada que minha mãe nem deu muito sermão pela encrenca em que me meti por pegar

carona com estranhos. Aposto que está guardando tudo para amanhã. Mal posso esperar.

P.S.: Deus, se você tiver alguma pena de mim, não deixe que nada de ruim aconteça com o Theo. Por favor, eu imploro.

5 de julho (terça-feira)

Roendo as unhas



8h02 – Contrariando minhas expectativas, a bronca da mamãe nem foi tão grande. Acho que essa reação foi resultado de uma mistura de várias coisas. A primeira é que ela viu o quanto fiquei desesperada com a situação. A segunda talvez tenha sido sua preocupação com o Theo ser maior do que a raiva pela minha burrada. Ele virou um herói para a mamãe por ter me ajudado. E a terceira é que ela está nervosa com o que vai acontecer amanhã. Afinal, não é todo dia que você recebe a missão de vender uma casa gigante para uns argentinos.

Pensando bem agora, acho que esse fator foi o mais

importante para a curta duração da bronca. Mamãe só falou que não sou mais criança, mas sim uma moça que vai começar a atrair a atenção dos outros e preciso saber me proteger, pois o mundo não é um conto de fadas. Além disso, reforçou que eu nunca aceite nada de estranhos e que essa regra eu devia ter decorado desde os quatro anos de idade. E, basicamente repetindo a mesma coisa (insinuando no meio que eu poderia estar morta agora), foi assim que os vinte minutos de bronca passaram. Pouco para dona Valkíria, se você quer saber. Sem mencionar que não estou de castigo. Ela provavelmente acha que o susto já me deu uma baita de uma lição.

Sobre a injustiça do *señor* Alcazar, mamãe não disse nada. Acho que ainda está remoendo e decidindo o que fazer. Coisas desse tipo sempre mexem com a mamãe, mas talvez ela tenha mudado nisso também. Afinal, dona Val nem conseguia falar direito com os nossos vizinhos no Sul e agora virou uma corretora cheia de simpatia e conversa. Vamos ver quantas surpresas mais mamãe tem para nos mostrar.

Já o Theo ainda não me ligou, e toda vez que ligo para ele cai na caixa postal. Não sei o que pensar sobre isso. Será que o pior aconteceu? Mas o que seria esse pior? Uma pena mais pesada do que uma simples detenção por algumas horas? Será que o que ele fez foi crime mesmo?

6 de julho (quarta-feira)

Na casa da tia Vivian



13h40 – Ele ligou! Eu tinha acabado de acordar, lá pelas onze da manhã (depois de ter ido dormir de madrugada mais uma vez, graças a outro ataque de asma), quando passei pela sala de camisola e ouvi minha mãe agradecendo a alguém pelo telefone. Quando ela notou minha presença, sussurrou que era o Theo e me passou o telefone. Ok, não foi bem assim. Ela ainda tentou se despedir do Theo. Eu é que arranquei o aparelho das mãos dela como uma louca.

Mamãe reclamou, perguntou onde estava minha educação e se eu queria arrancar a orelha dela junto, só que nem liguei, porque tudo o que eu queria ouvir era a voz do Theo. Ela ainda

resmungou algo e saiu, afinal precisava mostrar a tal casa aos argentinos ricos.

Sei que eu deveria ter sido mais compreensiva ou, ao menos, desejado boa sorte para ela, até porque a comissão vai ser boa se ela conseguir vender a casa, mas:

a) ela dificilmente vai conseguir fazer com que os argentinos fiquem com o imóvel, já que seu poder de persuasão ainda está na base do zero, na minha opinião;

b) esqueci de todo o resto quando o Theo me chamou de linda assim que ouviu meu “alô”.

E a nossa conversa foi mais ou menos assim:

Theo: Oi, minha linda, que saudade.

Eu: Também. O que aconteceu, afinal? Fiquei tão preocupada! Liguei para ti umas duzentas vezes. Por que não retornou?

Theo: Desculpa. Só deu para fazer isso agora. Foi uma noite cheia na delegacia. Meu pai quase foi preso por desacatar aquele policial. Acho que dá para imaginar como ele ficou revoltado pelo cara ter me detido.

Eu: Imagino. Mas você não teve de ficar lá, né?

Theo: Não. Não. Fui para casa logo depois. A culpa de tudo, na verdade, foi minha. Eu respondi de forma meio malcriada

para o policial quando ele perguntou sobre minha camisa do Brasil, e então o cara meio que me levou para a delegacia mais para me dar uma lição mesmo. O problema é que, por causa disso, o meu velho teve uma conversa longa comigo que, sei lá, acho que durou até as três da madrugada.

Eu: Ele brigou com você?

Theo: Tipo isso. Para ser sincero, o que aconteceu virou um bom motivo para ele falar o que sempre pensou, mas tinha medo de dizer achando que eu nunca mais fosse botar os pés nos Estados Unidos.

Eu: Mas o que ele disse?

Theo: Ah, falou que sou impulsivo, não raciocino antes de fazer as coisas, sou imprudente. Aí usou o exemplo de eu ter esquecido todos os meus documentos em casa para mostrar como sou afobado. Para ele, mesmo que fosse para ajudar uma amiga, eu deveria ter agido com mais calma. Sem falar do fato de eu ter reagido mal ao policial.

Eu: Entendi...

Theo: Até tentei me defender, argumentei que a O.B.T. não é um lugar seguro à noite e que eu não podia te deixar naquela situação e tal. Mas aí ele usou outras situações contra mim. Como num dia em que me viu passando acima da velocidade perto de casa.

Eu: Bom, realmente andar em alta velocidade não é legal...

Theo: Eu sei. Às vezes eu vacilo. Mas tenho maneirado. Juro. E ontem você viu que foi um acidente. Eu não estava enxergando direito o velocímetro nem as placas. E nunca iria correr com você no carro. Esquecer os documentos foi algo normal para quem está preocupado. Quando saí de casa só conseguia pensar em você sozinha lá, e isso me deu angústia e fúria ao mesmo tempo por te imaginar sendo machucada por alguém. Eu, eu... não sei explicar. Só sabia que tinha de ir lá o quanto antes.

Eu: Bom, impulsivo ou não, você é meu herói. Obrigada por ter me tirado de lá. Mesmo.

Theo (rindo): Ah, é? E o que ganho com isso?

Eu: Ei, heróis não fazem boas ações em troca de coisas.

Theo: Ah, mas você vai ter que me compensar de algum jeito. Sabia que eu estou de castigo?

Eu: Sério?

Theo: Sim. Esse fim de semana inteiro. E o pior, quando meu pai mostrou minha carteira de motorista, os policiais viram que eu sou obrigado a usar óculos para dirigir e me deram uma multa por estar sem. Por isso agora vou ter de trabalhar com o meu pai no escritório para aprender a ter um pouco de responsabilidade e pagar o que eu devo a ele. Sem falar que o

coroa apreendeu meu *notebook* e o celular e só vai me devolver quando achar que aprendi a lição sobre não dirigir e falar ao aparelho ao mesmo tempo.

Eu: Ixi, você fazia isso também é?

Theo: Algumas vezes. Mas eu já aprendi a lição. Só que parece que o meu pai aproveitou esse deslize de ontem para corrigir tudo o que eu fiz de errado até hoje. Então não vou poder te visitar durante esses dias nem ficar falando no telefone com você quando eu quiser. Sabe quanta saudade eu vou sentir?

Eu: Eu imagino. Porque eu vou sentir muita saudade também...

Senti meu rosto ficar vermelho nessa hora. Acho que foi a primeira vez que dei um sinal claro ao Theo de que gosto dele. Foi algo tão inédito que nem ele soube o que dizer. Ficou em silêncio por um tempo e, quando finalmente começou a falar, ouvi a voz de uma garota ao fundo.

Theo: Droga... Babi, tenho que ir. Estou falando escondido da garagem, mas Megan está me procurando. Quando der a gente se fala de novo. Promete que não vai ficar chateada?

Eu: Claro que não, Theo.

Theo: Que bom. Beijo, linda. Não se esquece de mim, não,

tá?

Eu: Nunca.

E assim nossa esclarecedora conversa terminou. Fiquei feliz porque ele vai sentir minha falta e ao mesmo tempo triste pelo castigo imposto por seu pai. Theo não é tão irresponsável assim. Meio impulsivo, é verdade, mas também é uma pessoa ótima.

Se bem que... Bom, se eu for mesmo voltar para o Brasil, esse castigo será um bom treinamento para eu ir desapegando dele. O problema vai ser se eu não quiser me desapegar. Pelo menos meu plano está parado por enquanto, já que ainda não consegui dinheiro suficiente para pagar a viagem de volta. O que me dá tempo para pensar.

Ao menos estou escrevendo agora com sombra e água fresca. Enquanto eu estava falando ao telefone com o Theo, o Vini e a minha irmã estavam montando uma piscina de plástico no quintal, embaixo de uma árvore. Não é equivalente a uma piscina de verdade, mas dá para o gasto. Pelo menos esse dia terrivelmente quente de verão ficará um pouco mais suportável.

7 de julho (quinta-feira)

Quero desaparecer!



19h40 – Sabe quando você chega ao ponto de preferir ser esmagada por um caminhão a continuar vivendo? É o que estou sentindo agora e, apesar da minha fama de ser ~~dramática e~~ ~~exagerada~~ emocionalmente intensa, tenho meus motivos para isso.

Tudo começou à tarde. Sem nada pra fazer, até pensei em ficar na piscina com meus irmãos, só que o Vini não sabia falar de outra coisa a não ser que o Theo mereceu o que rolou, então preferi pegar o celular e contar para os meus amigos de Estrela minha aventura horrorosa pela O.B.T.

Mari perguntou se minha mãe vai processar o *señor*

Alcazar, e Joana disse que ela deveria. Só respondi que, conhecendo dona Val, é bem provável mesmo que ela faça isso. Foi quando Douglas apareceu no grupo e lançou a bomba. Ou melhor, disse para eu ir ver a bomba com meus próprios olhos e me deu a senha da conta dele no Reddit.

Eu nunca tinha entrado nesse site, só sabia que é um lugar onde você posta *links* sobre qualquer coisa na internet e as pessoas votam e comentam se gostaram ou não. Até aí, normal, enquanto EU não era o alvo de uma postagem.

“Fizeram uma batalha de Photoshop com você”, Douglas escreveu na mensagem, e eu adivinhei logo o que isso significava. Alguém tinha colocado minha foto no site! Uma horrorosa, por sinal, em que estou com o braço levantado, de boca aberta e olhos arregalados, caindo na piscina, na festa do Theo. E, claro, usuários do Reddit fizeram várias montagens bizarras com ela.

Em uma, sou o Superman, com capa e tudo, sobrevoando a cidade. Na outra, me puseram num rodeio, em cima de um touro e vestida de caubói. Na terceira, apareço num ringue de boxe, como se tivesse vencido a luta e o juiz levantasse meu braço. Na quarta, meus olhos esbugalhados estão mirando uma bola de beisebol que vem em minha direção, pois me puseram luva, e o meu braço estendido está pronto para pegá-la. E havia mais.

Muito mais. Eu é que não consegui ver até o final.

Douglas ainda tentou me acalmar, escrevendo que tudo talvez fique só no site, mas era tarde. Virei piada na internet e, pior, isso só pode ter sido obra de algum aluno da Odyssey High.

Estou evitando até agora olhar o celular de novo. Já chorei de ódio e vergonha a tarde inteira só de pensar que sou o assunto, por um péssimo motivo, num lugar onde ainda nem estudo oficialmente. Duvido que alguém da minha antiga escola fizesse isso comigo. O ruim é que não posso falar com minha mãe, pois ela nem sabe que fui àquela festa.

Tomara que o Douglas esteja certo sobre o que disse. Imagina se a minha mãe vir? Ou alguém daqui me reconhecer por isso? Deus! Não sei onde vou enfiar minha cara. É muita humilhação.

Queria poder ir embora desse lugar agora mesmo!

8 de julho (sexta-feira)

A data mais feliz de todas



11h08 – Finalmente, peguei o celular e havia várias mensagens dos meus amigos. A maioria queria saber se eu estou bem, e, como pedi para não falarmos sobre as montagens, Mari perguntou se algo havia chegado para mim na casa da tia Vivian. Não fazia ideia do que ela estava falando até que ela explicou que mandou um novo pingente para a minha pulseira. Esta pulseira que meus amigos me deram e que basicamente me apresentou ao Theo, se eu for pensar bem.

Respondi que não chegou nada ainda e ela ficou preocupada. Perguntei o que estava acontecendo, e ela disse que

estava com medo de o presente não chegar a tempo do meu aniversário.

Beleza. Esqueci o meu próprio aniversário! Quero dizer, ainda faltam dez dias, mas quando criança eu fazia contagem regressiva desde junho. Neste ano, simplesmente esqueci que vou ficar mais velha.

Acho que toda a confusão da vinda para Orlando e meus últimos problemas ofuscaram a proximidade da data mais feliz de todas. Sei lá.

Enfim... Não contei para Mari que tinha esquecido meu próprio aniversário. Ela me mandaria fazer exames na cabeça, com certeza. De qualquer forma, ela disse que vai dar uma checada no site dos correios para ver o andamento da encomenda.

Perguntei qual pingente ela mandou, mas não consegui uma resposta. Mari apenas disse que vou adorar, e, quando desligou, mamãe chegou em casa. Fui correndo perguntar se ela estava percebendo algo diferente em mim. Um gancho barato para pegar a dona Val e, em seguida, engatar uma conversa sobre meu aniversário e o presente que ela iria me dar.

Mas nada ocorreu como planejei, obviamente. Minha mãe olhou para mim e a primeira coisa que perguntou foi: “Onde está o seu aparelho?”

O-ou!

A partir daí, começou um interrogatório. Há quanto tempo eu estava sem ele, se achava que fora da minha boca ele iria consertar algum dente, quando ia parar de ser imatura e irresponsável...

Só não me perguntou quando eu ia parar de mentir. Por isso não me senti culpada em inventar algumas respostas para não contar que estava sem meu aparelho desde a festa de boas-vindas do Theo. Festa, por sinal, que gerou todos aqueles memes.

Por isso disse que perdi no dia do incidente no Al's. Uma manobra bem esperta, diga-se de passagem. Afinal, minha mãe ficou irritadíssima com a injustiça do meu chefe e preocupada pelo meu trauma sério com a quase prisão do Theo.

Ok. Não foi tão sério assim. Mas fiquei mexida de verdade, e ela sabe disso. Então não me deu nenhuma bronca por causa do aparelho “perdido naquele dia”.

Está vendo no que dá mentir? Vira uma bola de neve. Você tem de ficar inventando mentiras e mais mentiras para esconder as primeiras. Chega a um ponto em que você não sabe mais o que é verdade ou invenção.

Ao menos tenho um diário para repassar todas as minhas histórias. Mas acho que o melhor para mim será não mentir

mais. Juro que vou tentar. Só não prometo resultados imediatos.

Voltando ao assunto da mamãe, ela disse que vai me levar a um dentista assim que puder, ou seja, tiver tempo e dinheiro para pagar. Parece que os clientes estão mãos-de-vaca e depois daquela megacasa ela não conseguiu vender mais nada. Andam até dizendo na imobiliária que ela teve sorte de principiante.

Mamãe está péssima por causa disso, então não mencionei nada sobre meu aniversário ou presentes. Vai ser demais para a cabeça dela. Ao menos disse a ela para não dar bola para isso, pois faz só alguns dias que vendeu a casa para os argentinos. Não dá para se preocupar já com uma possível queda nas vendas.

Mamãe ficou feliz com o que falei, mas sei que ainda está preocupada e não posso fazer mais nada com relação a isso. O jeito é esperar.

9 de julho (sábado)

Temporada de indiretas



15h45 – Mais um dia se vai e nada do Theo. Talvez o pai tenha lhe dado muito trabalho no escritório da Disney ou, o que é mais provável, vai ver que o senhor Medina não saiu da cola dele um único minuto nesse tempo todo. Pelo menos, como está sem celular, ele ainda não deve ter visto as montagens bizarras.

Além disso, tive uma alegria hoje. Norah, que trabalhava comigo no Al's Big Subs, veio me visitar. O motivo que a trouxe aqui foi muito fofo. Ela só queria dizer que ficou revoltada com o *señor* Alcazar por ter me demitido quando eu obviamente não tinha culpa de nada. Pelo visto, mesmo sem saber quem roubou o dinheiro, ela confia em mim.

Quase chorei diante de tanta consideração vinda de alguém que eu temia no começo. Logo a pessoa que ainda cumpre pena por um crime é a mais honesta e sensata que conheci em Orlando. Em retribuição a tudo o que me disse, eu a convidei para fazer um lanche em casa, mas Norah não aceitou, pois já estava atrasada para o trabalho e tinha se desviado demais da rota que sempre faz para ir ao Al's.

Ela riu, dizendo que, naquele momento, os policiais já deviam estar mandando todas as viaturas atrás dela por violar os termos da condicional. Fiquei apreensiva por Norah, que riu ainda mais. Mamãe chegou e conversou um pouco com ela. Eu já podia ouvir as sirenes da polícia na vizinhança vindo caçá-la, mas era só minha imaginação. Não falei para ninguém sobre meu aniversário que está chegando, mas vou começar a dar indiretas. Quanto mais cedo eles souberem, mais tempo vão ter para comprar os presentes.

Hehehe.

16h01 – Dani e Vini estão na piscina... fazendo Vines para postar! Meu primo está deliberadamente gravando vídeos do meu irmãozinho em situações vergonhosas.

O último Vine foi simplesmente... ok. Vou descrevê-lo. Vini achou um pneu de caminhão na garagem e, usando uma corda, o

pendurou na árvore que fica perto da piscina de plástico. Depois, ensinou meu irmão a cantar o refrão de uma música da Miley Cyrus. Conclusão: a criança foi lançada, agarrada no pneu de caminhão enquanto cantava *I came in like a wrecking baaaaaalll*, até cair em cheio na piscina, se esgoelando.

De um metro de profundidade.

E o Vini filmou isso.

E postou no Vine, claro.

Alice viu a cena e, depois de gargalhar, disse para mim que o Dani não vai sofrer nenhum dano físico com isso. Já a questão psicológica é outra história.

11 de julho (segunda-feira)

Surpresa: esqueceram de mim!



11h – Apesar da bolha de empolgação em que a Ana está porque vai a um show do Black Eyed Peas amanhã, meu dia foi tão entediante ontem que não valeu um pingô de caneta neste diário. A única coisa que me animaria mais que receber uma mensagem do Theo seria descobrir que todas aquelas montagens sumiram da internet. Mas nenhuma das duas coisas aconteceu ontem.

Acho que os domingos são assim, aqui ou no Brasil. Chatos. Já foram programados desse jeito.

Ao menos hoje as coisas começaram a ficar animadas de novo. E tudo por causa da Mari. Lembra que ela me mandou um

presente de aniversário adiantado? Pois é, ele finalmente chegou. Mamãe, que saía do quarto toda arrumada para ir ao trabalho, parou na sala achando que eu estava tendo um surto. E estava mesmo, pois nem ouvi o que ela perguntou depois.

Eu simplesmente A-M-E-I o presente da Mari. É um pingente prata e rosa, em forma de carruagem, tão lindo e fofo que deve ter custado uma fortuna. E eu, boba e emotiva, claro que comecei a chorar. Minha mãe veio em meu socorro sem entender nada. Daí expliquei que aquilo era um presente de aniversário.

Por um instante, mamãe congelou. Sei que ela tentou fazer cara de “claro que eu já sabia”, mas estava estampado no rosto dela que “tinha esquecido a bendita data”.

Minha própria mãe, que me pôs no mundo, segundo ela depois de quase vinte e quatro horas de contrações dolorosas, esqueceu meu aniversário. Isso nunca aconteceu com a Alice; pelo contrário, ela teve uma baita festa de vinte anos. E isso, claro, porque mamãe ainda diz que não tem preferência por nenhum filho.

Ao menos o presente da Mari chegou em boa hora. No *timing* perfeito, pois assim não precisei “ajudar” a dona Valkíria a lembrar nada. Agora ela já sabe que vacilou e vai tentar compensar de alguma forma. Claro que ela não disse nada sobre

isso. Só ficou repetindo o quanto o pingente é lindo, falando do bom gosto da Mari e do quanto ela foi esperta mandando o presente com antecedência para não passar da data.

Eu já ia pegar minha pulseira para adicionar o pingente quando o Vini saiu do quarto dele, ainda sonolento. O que não significava que não estivesse disposto a me azucrinar.

Tentei desviar dele, mas o ridículo ficou barrando minha passagem de um lado para outro. Se eu ia para a esquerda, ele ia para o mesmo lugar. Se desviava para a direita, lá estava ele.

Fiquei com tanta raiva que o empurrei com força para um lado e, correndo, me fechei no quarto. Não sei por quanto tempo vou aguentar as implicâncias do Vini, mas posso dizer que se o Theo tem a força magnética de me fazer querer ficar em Orlando, Vini acaba com toda a vontade que eu possa ter de viver aqui.

Apesar disso, voltei à sala logo depois para mostrar à Alice como o pingente ficou na pulseira. Não que ela estivesse a fim de ver, óbvio, mas eu queria mostrar mesmo assim. Quem não fica exibido quando ganha um presente tão legal?

Pela janelinha da cozinha, Vini percebeu que eu estava de muito bom humor, mesmo depois do nosso pequeno confronto, e me perguntou o que tinha me deixado tão feliz. Respondi um “nada” seco, mas Alice abriu o bico.

“Ganhou um presente brega de aniversário e agora está se achando”, foi o que ela respondeu.

Gritei que brega era ela. Vini então voltou à sala com um pote de Nesquik na mão.

“Pera, hoje é o seu aniversário?”, ele parecia surpreso.

Revirei os olhos e falei que seria só na semana que vem. “Humm... Bom saber”, ele disse.

“Por quê?”

“Assim a gente tem tempo de preparar uma festa surpresa”, ele disse, indo para a cozinha.

Quase engasguei. Nunca tive uma festa de aniversário surpresa, mas não quero que ele tenha parte na minha primeira. Por isso, revidei.

“Dã. Não é mais surpresa se tu está me contando, mané”, falei, indo atrás dele.

“Acredite, a gente pode te surpreender”, ele disse, e depois acrescentou, misterioso: “*Eu posso te surpreender.*”

Fiquei intrigada. Não sei o que o Vini está tramando, mas tenho medo. Por mais que eu tenha gostado de saber que alguém na família se importa, não fico nem um pouco animada por ter sido logo ele a dar mostras disso.

Pelo menos faltam alguns dias para o meu aniversário. Ainda dá tempo de ele desistir do que quer que tenha passado

por sua cabeça.

12 de julho (terça-feira)

Madrugada musical



7h20 – Só pode ser brincadeira! Ana me fez o favor de acordar às sete horas “da madrugada” e colocar toda a sua *playlist* do Black Eyed Peas para tocar.

Por um tempo fiquei me perguntando se ela está querendo castigar a família, mas depois lembrei que minha prima já está entrando no clima, pois ela e a Britt vão ao show do grupo hoje, em Miami.

Até fiquei com vontade de ir, mas nem em sonho gastaria meu rico dinheirinho acumulado. Não que eu não goste de Black Eyed Peas, esse show vai ser meio que épico, afinal a banda

voltou de um longo hiato e não sabe quando vai fazer apresentações de novo, porque cada um dos integrantes está tocando sua vida e carreira, mas mesmo assim, não ousou mexer no meu cofrinho.

Pelo menos a Ana disse que vai gravar tudo e tirar muitas fotos para eu ver.

8h19 – Corram para as montanhas, salve-se quem puder! Ana está descontrolada. Motivo? Britt está com problemas gástricos, uma forma bonita de dizer que foi possuída por uma baita diarreia. O problema é que a mãe da Britt as levaria para o show em Miami. E, sem Britt, sem carona para minha pobre prima.

Não que ela não tenha tentado mobilizar a família toda para isso. Pediu à tia Vivian, à minha mãe, ao irmão e chegou até a pedir ao tio Oscar e família, mas ninguém pode levar a criatura. Todos têm algum compromisso que os impede de levá-la até Miami, uma carona de, no mínimo, três horas daqui de Orlando.

Sério, a Ana está inconsolável. Ela disse que esse pode ser o último show do BEP. Estou com pena dela, mas não dirijo e não tenho carro. Saco isso. Não gosto de vê-la sofrendo assim. Posso ouvir seu choro daqui do sofá.

8h35 – A mãe da Britt acabou de ligar para a Ana, oferecendo o

ingresso da filha para mim ou para o Vinícius. Minha prima teve de respirar fundo. Afinal, não adianta porcaria de ingresso nenhum se não tem ninguém para levar a gente.

11h35 – Eu AMO esse garoto! Sério. Quando acho que o Theo não pode fazer mais nada para me surpreender, ele vem e faz isso!

Acabei de receber uma ligação dele, e adivinha? Theo vai nos levar, já que não está mais de castigo. Na verdade, ele disse que vai ser um duplo favor, já que o Fábio e a irmã dele, Vanessa, também vão ao show. Parece que vamos todos juntos, afinal! Ana está explodindo de felicidade e, sim, vou ao show com o ingresso da Britt!

Mamãe saiu para tentar vender um apartamento lá pelos lados de Downtown Orlando e só me mandou ter juízo e modos. Ela geralmente não confia em ninguém que seja praticamente da mesma faixa de idade que a minha, mas o Theo ganhou pontos com ela depois de me salvar daquela enrascada na O.B.T.

Então mamãe só me fez prometer que vou ligar para ela quando estivermos chegando e saindo de Miami. Só espero que o Theo consiga ingresso pela internet ou na hora mesmo, como está planejando se nada mais der certo. Seria muito chato ir até lá e assistir ao show sem ele.

13 de julho (quarta-feira)

Um sorriso bobo que não quer ir embora



12h02 – Acabei de acordar. Sim. Na hora do almoço. Também, depois do dia agitado de ontem, isso é o mínimo que poderia acontecer.

Na verdade, agitado não é o termo certo, mas sim longo. Parece que vivi uma semana em menos de vinte e quatro horas. Tudo isso por culpa do Theo.

Depois de horas de viagem, quando ninguém mais aguentava ficar dentro do carro, chegamos ao Miami Sun Life's Stadium.

Preciso fazer umas considerações sobre a cidade antes. É

cheia, bonita, mas nem se compara à beleza de Orlando. Tem um pouco de lixo na rua, além de muitos pedintes, algo que nunca vi na cidade do Mickey. Mesmo assim, Miami tem seu charme. Músicas latinas explodiam dos carros que emparelhavam com a gente nos sinais de trânsito. Parece ser um intenso caldeirão de culturas, mas vamos pular essa parte.

Ao chegarmos ao estádio, tivemos dificuldade para encontrar um lugar para estacionar pelo número já grande de carros e pessoas que estava circulando por lá. Nesse ponto, a civilidade americana deu lugar a um bando de gente impaciente. O próprio Theo começou a se irritar, pois sempre que achava uma vaga alguém a roubava, arrancando com o carro para ocupá-la antes dele.

Os momentos de estresse foram recompensados quando conseguimos uma vaga excelente, bem próxima do ginásio, graças a uma mulher que tinha ido levar as filhas e já estava voltando para casa. Depois disso, a jornada épica por um ingresso começou. Theo foi até os guichês com Fábio enquanto ficávamos na fila e, nesse meio-tempo liguei para mamãe dizendo que tínhamos chegado e estava tudo bem. Ao desligar, recebi uma mensagem do Theo.

Não tem mais ingressos

:/

Vou rodar por aí e ver se alguém está vendendo

Fiquei triste. Queria tanto que o Theo fosse com a gente que falei para a Ana e para a irmã do Fábio perguntarem às pessoas na fila se conheciam alguém que quisesse vender um ingresso, mas não tivemos sucesso. Ninguém queria se desfazer de seus passes para o show nem tinha nenhum sobrando, pelo que deu para entender. Para os fãs do BEP aquele era o evento do século.

Quando o Theo voltou, sua expressão era de decepção. Então eu disse que iria ficar fazendo hora com ele até o show acabar. Ana me lançou um olhar engraçadinho, que fingi não entender, e Theo até tentou me fazer mudar de ideia, mas eu garanti que nem era tão fã assim do grupo.

Quando os portões do estádio foram abertos e a entrada foi liberada, a fila começou a andar. Então o Theo e eu nos despedimos, dizendo que íamos rodar por Miami, e ficou combinado que eles ligariam assim que o show acabasse para virmos buscá-los. E então saímos de carro sem destino.

Algumas quadras depois, ele perguntou: “Ok. E agora? Para onde?”.

Eu não tinha a menor ideia. Não conhecia Miami nem sabia onde ficavam lugares legais que valessem a visita nem o que poderíamos fazer com todo aquele tempo livre, então só disse o que me veio à mente: “Você decide.”

Ele respondeu com um “tá legal”, mas estava na cara que também não fazia ideia.

Rodamos por uns vinte minutos até Theo finalmente dizer que iria me levar a um lugar especial, embora ficasse longe dali.

No caminho, a conversa acabou indo parar nas montagens com minha foto na internet. É. Ele viu tudo. Aquilo me fez querer morrer. Virei para a janela tentando esconder as lágrimas de vergonha que brotavam, o que não funcionou. No sinal vermelho, Theo gentilmente puxou meu queixo na direção dele para que eu o encarasse.

“Ei, não fica assim”, ele disse.

“Como? Você viu. Eu sou a piada de Orlando. Não sei porque tu ainda anda comigo.”

“Ei. Aquilo não define o que você é.”

“O quê? Um poço de problemas?”

“Não. A garota incrível com quem eu me importo a ponto de pegar um carro sem carteira e sem óculos para socorrê-la no meio da noite.”

Não tive como não sorrir. Ele então se virou para olhar o

sinal, e eu aproveitei para me erguer do banco e dar um beijinho em sua bochecha. Só não esperava que Theo voltasse o rosto de novo na minha direção, o que me fez, sem querer, dar um selinho nele.

Nós rimos e ele colocou a mão em meu rosto, me puxando para si, mas os carros atrás de nós buzinaaram. O sinal já tinha aberto havia muito tempo, por isso Theo, parecendo decepcionado, acabou tendo de seguir com o dele.

Depois disso, o caminho até o tal lugar durou quase uma vida.

Incontáveis quilômetros mais tarde, começamos a passar por uma rua cheia de árvores e achei que o lugar era tão ermo que comecei a ficar nervosa. Já estava pronta para fazer uma série de perguntas a ele, quando o Theo elucidou o mistério.

Disse que estávamos chegando ao Red Fish Grill, um restaurante que ficou conhecido por aparecer em *Quem vai ficar com Mary?* Mesmo não tendo visto o filme, adorei saber que o lugar era meio famoso. Ao descer do carro, num estacionamento com vista para o mar, achei aquilo lindo, mas ele garantiu que eu ainda não tinha visto nada.

Passamos então por uma cerca viva milimetricamente podada enquanto Theo me explicava que aquilo tudo fazia parte de um parque ecológico e que o pequeno atol que eu iria ver

tinha sido produzido pela mão humana.

Quando chegamos ao restaurante pude ver o lugar por inteiro, já que ainda estava claro devido ao fato de ser verão, e era tudo muito bonito mesmo. O atol parecia um grande lago de água salgada cercado por palmeiras. Havia também um pequeno caminho que o circundava, e Theo disse que nós o percorreríamos depois do jantar. Havia também uma cabine salva-vidas, o que me pareceu um exagero para um lugar tão pequeno.

Enfim, era tudo tão paradisíaco que eu me senti dentro de um sonho.

Claro que algumas coisas deram errado. Como não tínhamos reserva, Theo e eu tivemos de esperar um tempão do lado de fora, o que, mesmo assim, não estragou a noite. Quando fomos chamados pelo garçom, nos sentamos no espaço externo do restaurante para apreciar a vista e os pisca-piscas que circundavam as palmeiras. Logo o sol iria começar a se pôr, pois um tom alaranjado já começava a colorir o céu.

Pedimos frutos do mar, mas conversamos tanto que a comida chegou a esfriar. Quando terminamos a refeição resolvemos dar a volta pelo “atol-piscina”. Infelizmente a maré estava alta, o que fez o mar lançar ondas pelo caminho e impedir parte do nosso passeio.

Nós nos contentamos em caminhar por ali mesmo, perto do restaurante, enquanto apreciávamos o pôr do sol. O céu foi ganhando uma mistura de laranja e rosa, e, apesar de termos ainda muitas horas de carro pela frente, resolvemos nos sentar num banco de concreto perto do atol.

Como já estava começando a ficar com sono, mesmo com toda aquela claridade, encostei minha cabeça no ombro do Theo. Ele me afastou, mas para colocar a perna no banco e me puxar mais para perto, fazendo com que eu ficasse aconchegada entre seus braços e apoiada em seu peito.

Eu estava tão concentrada na vista que me assustei quando o Theo falou no meu ouvido.

“Bárbara, olha para mim.”

Estremeci. Ninguém me chama pelo meu nome, nem mesmo ele, que sempre me tratou pelo apelido. Será que eu tinha feito alguma coisa errada? Será que o meu cabelo estava chicoteando o seu rosto por causa do vento intenso à beira-mar?

“O que foi?”, perguntei, tratando de recolher todos os fios que pudessem estar incomodando e me virando apenas um pouquinho.

Ele respirou fundo, olhou rapidamente para o mar e depois para mim de novo. Eu ainda estava em seus braços, mas agora cara a cara e muito perto.

“O que foi?”, insisti.

Ele olhou para os meus lábios, depois de novo para os meus olhos, e disse apenas: “Me beija?”

Se era uma pergunta, meu corpo (ou meu cérebro?) entendeu como se fosse uma ordem. Aproximei meus lábios dos dele e, quando nos tocamos, me virei totalmente, agarrando o pescoço do Theo conforme ele me puxava pela cintura.

Quando senti sua língua se enroscar na minha, nossos corpos se comprimiram como se quisessem ocupar o mesmo espaço. O barulho do mar abafava o do beijo, e eu só pensava que não queria sair dali nunca mais, daquele lugar, daqueles braços.

Ao nos separarmos, no fim do beijo, ainda colados um ao outro, vi que ele estava vermelho de vergonha, mas feliz.

“É, acho que agora eu tenho certeza”, disse ele, encostando seu nariz no meu.

“Do quê?”

“De que estou apaixonado por você.”

Essa frase foi o suficiente para que o beijo a seguir fosse ainda mais apaixonado que o primeiro e tão longo quanto eu poderia querer. Parecia que estávamos descontando todas as vezes que quisemos nos beijar, mas fomos interrompidos.

E estava sendo tão bom, tão inesquecível, que ir embora não parecia ser uma opção. Ficamos ali por horas, toda a duração

do show do Black Eyed Peas, aproveitando o momento. Às vezes, parávamos de nos beijar e, enquanto ele me abraçava e eu me apoiava em seu peito, ficávamos olhando o mar escuro e as palmeiras se curvando com o vento. Mas isso não durava muito. Logo ele já estava mordendo minha orelha de leve, deslizando os lábios pelo meu pescoço, e, antes que eu me desse conta, eu já estava virada de novo, mergulhada num beijo de tirar o fôlego.

Já era bem tarde e, pelo jeito, estava chegando o horário de encerramento do restaurante quando Fábio ligou. Theo a princípio não queria atender, aquele mundo parecia só nosso e de mais ninguém, mas a vida chamava.

Quanto tempo a gente havia passado ali?

“Sério que o show já acabou faz meia hora?”, ele falou, surpreso, ao telefone.

Ao ver a hora em meu celular fiquei chocada. Já ia dar meia-noite.

“Foi mal, cara”, Theo começou a se desculpar. “Mas vai demorar ainda pra gente pegar vocês, viemos comer no Red Fish. Em cinquenta minutos a gente está chegando aí. Falou? Fica de olho no cel que dou um toque quando chegar.”

E desligou.

Ele não estava nem um pouco a fim de ir, nem eu, mas não tinha jeito.

“Vamos?”, ele perguntou e me estendeu a mão.

“É, né”, respondi, pegando a mão dele. E lá fomos de mãos dadas até o estacionamento.

O beijo que ele me deu quando me encostou na porta do Land Rover parecia o nosso último para sempre, pelo jeito como foi agarrado e urgente.

No caminho, ainda trocamos alguns selinhos, mas nada que pudesse atrapalhar a viagem. Não falamos nada além de bobearias, e, quando paramos diante do estádio, onde ainda tinha muita gente, percebi que não tínhamos feito nenhum acordo sobre contar ou não para os outros o que aconteceu enquanto eles se divertiam ao som do BEP. Se bem que o Fábio nem precisou de muitas dicas para descobrir. Theo estava tão contente e eu tão vermelha que acabamos nos denunciando.

A volta para Orlando foi muito cansativa, ainda mais para o Theo, que teve de fazer força para ficar acordado sozinho, já que todo mundo no carro dormiu. Inclusive eu, mesmo tendo lutado contra o sono durante uma hora.

Quando chegamos em casa, de madrugada, Theo se despediu de mim só com um beijo na testa.

Mas não me importei, todos os beijos dele estavam guardados na minha memória. E é nisso que vou ficar pensando o dia inteiro.

Por agora acho melhor ir almoçar, porque minha mãe já me chamou não sei quantas vezes.

15h25 – Sabe aqueles momentos em que você sai do ar lembrando as coisas boas que aconteceram, enquanto para o mundo real você está apenas com cara de idiota olhando fixamente para a parede?

Pois é. Essa sou eu hoje.

Mas como não lembrar o dia de ontem? De toda a fofura do Theo? Me arrepio só de repetir mentalmente a nossa conversa seguida por aquele beijo pedido de uma maneira que eu nunca poderia recusar.

Eu ainda estava acordada no meu mundo perfeito dos sonhos quando minha prima me chamou ao quarto dela e me forçou a contar o que tinha acontecido entre nós, o Theo e eu, depois de os deixarmos no estádio. Acabei revelando tudo. No final, quando falei do beijo, digo, dos beijos, ela só faltou pular da cama de alegria.

Não sabia que a Ana torcia tanto por nós. Ela gostava do Theo, sem dúvida, mas, de repente, nós viramos o seu casal favorito. Talvez ela tenha ficado tão feliz por ele salvar o show que decidiu ser pró-Theo em tudo. Vai saber.

No meio da conversa, no entanto, minha prima soltou uma

confissão. Ela disse que acha que o Fábio gosta dela, pois ele a tratou de um jeito diferente no show. Perguntei o que iria fazer sobre ele estar a fim dela, e a Ana disse até achá-lo legal, mas que gostava do Kevin e não queria estragar a oportunidade de se aproximar dele logo agora que o garoto sabia que ela existia.

Fiquei com pena do Fábio. Deveria existir uma lei biológica obrigando toda pessoa de quem você goste a também gostar de você. Isso evitaria uma série de corações partidos.

20h46 – contei tudo sobre o show, e tudo mais, para Mari, e minha amiga respondeu com várias mensagens em letras maiúsculas. O que eu, de certa forma, entendo. Tudo o que aconteceu foi mesmo de surtar. De uma forma boa, claro.

Depois, fui tomar um banho de piscina para espantar o calor, e Vini ficou me perguntando do show. Fiz o mesmo que havia feito com minha mãe: falei que foi bom e deixei a Ana contar todos os detalhes. Nem precisei forçá-la, minha prima estava adorando repetir para todo mundo como tudo foi incrível.

Vini ficou me encarando e comecei a achar que eu devia estar agindo de uma forma suspeita, pois ele parecia desconfiado. Como ainda estou sem paciência para lidar com meu primo, ignorei os olhares dele e fiquei de molho na piscina, tentando me recuperar de ontem.

Só me levantei uma vez, para pegar um suco, e meio que me arrependi.

Vini veio por trás de mim e, enquanto eu estava botando suco no meu copo, o engraçadinho, se aproveitando do fato de eu ter colocado uma camisa para me proteger do sol, enfiou dois cubos de gelo nas minhas costas. Eu me arrepiei toda, dei um grito e fiz o que parecia uma dança para tirar a droga gelada de dentro da roupa.

Quando consegui, corri atrás do Vini para atirar o gelo nele. Claro que meu primo se desviou, rindo, e ficou fazendo caretas para mim. Muito maduro, Vini! Muito maduro mesmo. Estou batendo palmas para você.

Depois fui tomar um banho, pois não aguentava mais o cloro na pele nem meu irmão jogando água para fora da piscina. Alice tinha saído com nosso primo Mark, e agora a criança estava incontrollável. Não que minha irmã tome conta do pirralho, mas ao menos ele fica mais calmo quando está perto dela.

Quando saí do banheiro, com o cabelo enrolado na toalha, meu celular tocou. Fui correndo para o quarto e me tranquei lá para que Vini não ouvisse a conversa.

Theo: Oi.

Eu: Olá, Medina.

Theo: Sentiu saudades de mim?

Eu: Claro. Já estava achando que você tinha esquecido meu número.

Theo: Só não liguei antes porque não tive tempo. Minha prima Bruna veio do Rio com amigas passar as férias aqui e me voluntariei para pegar o povo no aeroporto. Queria te apresentar a ela. Sei lá, a gente podia fazer um programa pela cidade. Explorar Orlando, já que elas não conhecem ainda.

Eu: Seria legal. Eu iria amar conhecer sua prima e a cidade também, porque, cá entre nós, ainda me sinto uma turista aqui.

Nisso ouvi batidas na porta. Ignorei, achando que fosse o Vini, até que a Alice começou a soltar um monte de impropérios para que eu abrisse.

Eu: Peraí, Theo. Só um minutinho.

Quando abri a porta, a Alice já estava irada, mas não fiz caso; me sentia tão feliz que deitei na cama e a ignorei. O que durou apenas um tempinho. Minha irmã entrou com algumas sacolas e foi enfiá-las no *closet*. Quando ela deixou cair uma no chão, vi guardanapos coloridos e copos de festa, o que só podia

significar uma coisa.

“Ai, meu Deus. Vocês vão fazer uma festa surpresa para mim!”, berrei.

Minha irmã enfiou tudo de volta no saco sem nem olhar para mim. Theo não entendeu nada do outro lado da linha.

“Ai, ai, você se acha mesmo especial. Tadinha. Pensa mesmo que eu ia perder tempo planejando festa surpresa para você? Se enxerga!”, Alice respondeu.

Tudo bem, normal minha irmã dar uma de intragável, mas nada me tira da cabeça que ela só usou seu azedume diário para me enganar. Assim que ela saiu, pedi um tempo ao Theo e conferi que, de coisas de festa, tinha mesmo só guardanapos e copos. Mas por que então ela compraria aquilo?

Será que ela está com o Vini nisso? Será que vou ter mesmo minha primeira festa surpresa, ainda que não seja tão surpresa assim? Enfim. Daí voltei a falar com o Theo:

Eu: Oi, desculpa. Fui checar uma coisa porque acho que minha família está preparando uma festa surpresa para mim. Minha irmã chegou cheia de coisas de festa e escondeu tudo no *closet*.

Theo: Espera! Seu aniversário está chegando?!

Eu: Humm. Sim, é dia dezoito.

Theo: E por que você não me disse?

Eu: Não é nada demais.

Theo: Claro que é! Tenho de comprar um presente para você, pô!

Eu: Não, Theo. É serio. Não precisa.

Theo: Ih, *no way*. Vou comprar, sim. Na verdade, estou até pensando numa coisa muito melhor.

Eu: Ai, meu Deus. O que você vai fazer, guri?

Theo: Você vai saber no tempo certo. Preciso falar com o meu pai antes. Mas, se der certo, será um dos melhores presentes de aniversário da sua vida.

E, com essa frase de efeito, ele desligou.

O que será que está tramando?

15 de julho (sexta-feira)

Próxima parada: castelo da Cinderela



10h23 – O hábito de ficar acordada até tarde vendo filmes com a Ana está me tornando uma completa zumbi pela manhã. Não consigo mais acordar cedo, e olha que o Dani faz barulho.

Mas hoje não fui despertada pelo relógio do celular, nem pela minha mãe, mas pelo Theo. Eu ainda estava com voz de sono, toda arrastada, quando reconheci a voz dele do outro lado da linha.

Theo: Olá, bela adormecida. Sonhou comigo ontem?

Eu: Infelizmente, não.

Theo: Poxa...

Eu: A que devo a honra do telefonema pela manhã?

Theo (rindo): Pela sua voz, tá parecendo madrugada.

Eu: Nem todo mundo tem a disposição que tu tem.

Theo: Mas espero que a senhorita esteja disposta amanhã. Temos um encontro com um certo rato famoso.

Eu: Oi?

Theo: Lembra que o meu pai trabalha para a Disney? Então, como funcionário, ele tem direito ao Blue Pass, um número de tíquetes para familiares ou amigos entrarem de graça nos parques. Como a Megan, a Ruby e eu temos passes que valem para o ano todo, esses de cortesia sempre ficam sobrando. Daí ele me deu ingressos para você, a Ana e o Dani irem comigo amanhã.

Eu: Não acredito!

Theo: Acredite, sim. E já pode ir pedindo para sua mãe, porque amanhã a gente vai ao Magic Kingdom!

Achei tudo aquilo incrível, e, antes de desligar, Theo ainda disse que a prima e as amigas dela também vão. Mas a melhor notícia é que minha mãe deixou. Claro que antes fez um comentário meio que insinuando algo entre Theo e eu, mas fingi não entender, e a animação do Dani ao saber que íamos ver o Mickey distraiu dona Valkíria.

Ana adorou saber que vamos, pois não vai à Disney faz séculos. Será que a entrada é tão cara assim?

Ah, e já estou arrumando a mochila para amanhã. Theo mandou uma mensagem agora a pouco dizendo que vem me buscar às sete e meia. Mal posso acreditar que, além de vê-lo, ainda vou passar praticamente a véspera do meu aniversário na Disney!

Vini é que não gostou nem um pouco. Ficou me olhando com uma expressão assassina no rosto, mas não disse nada. Tomara que ele ainda esteja dormindo quando o Theo vier amanhã.

16 de julho (sábado)

Onde os sonhos se realizam



23h48 – Queria que existisse um botão para voltar o dia de hoje, pois foi incrível!

Na entrada do parque, o Theo telefonou para a prima, e ela, as amigas e os pais de uma das amigas apareceram. Foi um tal de apresenta daqui e apresenta dali que fiquei tonta.

A garota de cabelo e olhos castanhos se chama Cléo, é meio bonitinha, mas parecia agoniada com alguma coisa. Ficava no celular o tempo todo. A outra era a Tathiana, que é toda simpática e nem se importa de sorrir com aparelho nos dentes. Eu tinha mania de não sorrir nas fotos por causa dele. Digo, até

perdê-los.

Já a morena alta era a Bruna. Tenho de dizer que ela é bem intimidante. Nada assustadora, mas superdescontraída, como o Theo. E não tem papas na língua. Fala o que vem à cabeça.

“Ah, então você é a famosa Babi. Theo só fala de você no Whatsapp. Ainda bem, porque eu não gostava mesmo daquela cara de lagartixa da Zoey. Ô garotinha chata”, ela disse, rindo, com um sotaque bem carioca.

Isso me deixou vermelha, afinal não sou namorada do Theo nem nada.

Fomos apresentados também à Fefê, irmãzinha menor da Tathi, e aos pais dela. Depois disso, seguimos para os guichês e entramos no parque, onde ganhei um broche dizendo que era aniversariante do dia. Como a maioria de nós estava visitando o Magic Kingdom pela primeira vez, deu para ver a emoção no rosto de todos, porque logo que entramos nos deparamos com uma via que levava ao castelo da Cinderela.

A primeira coisa que fizemos, claro, foi tirar fotos em frente a ele. Era tão grande e lindo que me senti num conto de fadas. Acho que todo mundo deve sentir isso ali. E então começamos a ir nos brinquedos, orientados pela Ana e pelo Theo. Fomos na Space Mountain e em todas as outras atrações da parte do parque chamada Tomorrowland, pois, como era bem

cedo, as filas ainda não estavam tão grandes. Mais tarde nos aventuramos nas atrações do outro lado do parque, como a Splash Mountain, e demos muitas gargalhadas com a Bruna, que falou em inglês para o funcionário que, se saísse molhada, voltaria para bater nele.

Depois fomos encontrar Ruby, Fefê e meu irmão, que tinham ido com os pais da Tathi na Fantasyland. Eles estavam se divertindo para valer nas xícaras de *Alice no País das Maravilhas* e no brinquedo voador do *Dumbo*, mas não ficaram muito por lá, pois começou uma parada com os personagens da Disney e todo mundo correu para ver.

Tirei várias fotos da Cinderela, da Bela, da Ariel. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, por isso agarrei a mão do Theo e agradeci pelo presente. Ele sorriu e me deu um beijo no alto da cabeça.

Quando a parada terminou, fomos almoçar num lugar chamado Crystal Palace, que, além de ser lindo, ainda nos agraciou com a visita dos personagens da história do ursinho Pooh. Meu irmão quase não comeu direito, pois ficava apontando pra eles o tempo todo e querendo falar com os bonecos. Ao menos, por ser meu aniversário, minha sobremesa foi grátis. Depois do almoço, fomos explorar o castelo da Cinderela, e Fefê e Ruby ficaram loucas com a Bibbidi Bobbidi

Boutique, um salão de beleza que transforma as meninas em princesas.

Nem preciso dizer que elas insistiram em ser transformadas.

Como iria demorar, deixamos as meninas lá, com os pais da Tathi, e fomos nos sentar perto do castelo, numa grama sintética, para descansar um pouco. Foi quando Theo se levantou e disse que precisava ir a um lugar. Falei que ia junto, mas ele disse para eu ficar, pois voltaria logo.

Mesmo achando estranho, fiquei conversando com as meninas, e elas acabaram me distraíndo.

“Ele gosta mesmo de você. Tá na cara”, Cléo disse enquanto a Bruna deitava no colo da amiga.

“É, mas, se partir o coração dele, vai se ver comigo”, a prima de Theo disse, rindo.

Olhei para Ana meio assustada, mas ela também estava rindo, então entrei na onda delas.

Tathi então perguntou se sou do Sul e se morar aqui é diferente de morar no Brasil. Eu queria dizer que é assustador, um desafio a cada dia, e que o processo de adaptação não é nada fácil, mas apenas respondi que sim, pois não valia a pena cortar o clima legal naquela hora. Cléo suspirou, dizendo que adoraria morar ali, porque tudo era mágico, ao que Bruna zombou a

amiga dizendo que aquilo era um parque.

Dani, ao meu lado, só ficou quieto por estar focado devorando um sorvete do Mickey; na verdade, um picolé recortado no formato do seu herói.

Quando Theo voltou, estava com três balões do Mickey e um par de orelhinhas da Minnie, que botou na minha cabeça antes de me dar um beijo. Apesar de envergonhada por ele fazer aquilo na frente das meninas, aproveitei o beijo até o Dani interromper.

“Por que você está beijando a Babi?”, ele perguntou, com a boca toda melada de sorvete.

“Porque gosto dela”, disse Theo.

“Eu gosto de você, mas não quero beijo seu”, respondeu meu irmão.

A risada foi geral.

Os pais de Tathi voltaram com as meninas, dizendo que teriam de ter feito reserva na Bibbidi Bobbidi Boutique, e a decepção no rostinho delas foi de cortar o coração.

Theo prometeu às duas que compraria orelhinhas da Minnie para elas, iguais às minhas, o que as alegrou um pouco.

Como o sol estava castigando, levantamos e nos espalhamos de novo em dois grupos para ir aos brinquedos. As meninas ficaram o tempo todo tirando sarro e falando “ooownn,

que lindooo” quando Theo e eu nos beijávamos.

Fiquei vermelha várias vezes, mas não liguei. Apesar de só nos conhecermos havia poucas horas, elas já pareciam minhas amigas de infância. Até me contaram “coisas do coração”, como a Cléo, que disse gostar de um garoto que parecia não ligar mais para ela. Fiquei triste pela guria, mas disse que o que ela tinha de fazer agora era aproveitar aquele lugar mágico e viver a vida.

Entre um brinquedo e outro, Theo me levou às lojas e comprou ursinhos para mim e para o meu irmão. Tentei recusar, dizendo que ele já tinha dado meu presente, mas não adiantou. Ele falou que os tíquetes tinham sido de graça, então agora sim estava gastando comigo.

À noitinha, já mortos de cansaço, vimos os fogos de encerramento, e foi o melhor momento do dia, com o Theo abraçado comigo enquanto as cores explodiam atrás do castelo da Cinderela.

Não sei se foi a música, o lugar, a companhia. Mas aquele momento pareceu repleto de paz e magia. Parecia suspenso nas horas, fora da realidade. E tudo ali era possível e belo.

Saí de lá flutuando, com a sensação de que nenhum mal podia me atingir. O único sentimento que eu pude experimentar ali foi a felicidade.

Quando chegamos em casa, Theo trouxe Dani no colo até a

porta, pois a criança tinha pegado no sono durante a volta, assim como a Bibi. Quando nos despedimos, agradei a ele por aquele dia tão mágico.

E ele me beijou no quintal da frente, rápido para minha mãe não ver, e mesmo não estando mais na Disney, senti que o mundo era mágico outra vez. Nada de ruim pode acontecer quando a gente vive um dia assim.

17 de julho (domingo)

O amor está no ar



9h03 – Acordei cantando e feliz como há tempos eu não me sentia. Isso fez Alice dizer que fui seduzida pela magia do capitalismo e que agora não tem volta. Não liguei para a estraga-prazeres, mas parece que todo mundo da minha família decidiu me zoar hoje.

Mamãe disse para eu não ficar mal-acostumada, pois esse período é como se a gente estivesse em férias, mas que vou ver só quando as aulas começarem. Dã, como se eu já não tivesse tido uma prévia de como a vida é difícil no Al's Big Subs. Tia Vivian ficou dizendo “como o namoradinho da Babi é fofo”. Falei que ele não é nada meu, mas o Vini ouviu tudo e fez uma cara

horrorosa de quem vai assassinar alguém. Por via das dúvidas, vou ficar enfurnada aqui no quarto até ele ir para o trabalho.

10h01 – Ana acabou de cochichar no meu ouvido que a operação “Níver da Babi” já começou. Como se eu não tivesse reparado! Todo mundo, de repente, começou a falar baixinho, a remexer nos armários, a fazer ligações escondidas. Quem esse povo pensa que engana?

Ana disse que vai convidar o Theo, a Bruna, a Tathi e a Cléo. Achei ótimo, só não sei se elas virão. Amanhã eles vão ao Animal Kingdom e duvido que estejam com disposição para passar na minha festa depois.

16h50 – Vini me encurralou agora há pouco enquanto eu lanchava. Achei que estaria feliz, pois é seu último dia de trabalho no McDonald’s, mas ele fechou a cara quando me viu e parou na minha frente com os braços cruzados.

“Que história é essa de você sair com o Medina, Bárbara?”

Sem saber o que fazer, continuei passando manteiga no meu pão e disse que não era nada, que a gente só tinha ido à Disney com uma galera.

Meu primo não ficou convencido disso.

“Esse garoto é pura ilusão. Ouve o que estou dizendo. Esse

cara perfeitinho e bom moço que todo mundo vê é uma casca. Eu conheço o verdadeiro Medina. Ele é manipulador e sonso.”

Falei para ele deixar aquela história toda do alarme de incêndio para trás, pois já tinha passado muito tempo, e Vini ficou surpreso e chateado por eu já saber e mesmo assim tomar o partido do Theo. Comentei que não entendia como alguém podia ter tanto rancor por uma coisa que tinha acontecido tanto tempo atrás, e foi aí que meu primo disse que não era só por aquilo que ele não queria me ver com o Theo.

“Sério mesmo que você ainda não percebeu?”, perguntou, e se aproximou de mim.

Desnorteada por ele estar vindo na minha direção, eu me levantei da cadeira e quase a derrubei. Será que ele ia tentar me beijar?

Para encerrar o assunto, disse que não ia me afastar do Theo e que era melhor ele ir se acostumando porque a Ana o tinha convidado para minha festa, mas meu primo respondeu, irado, que era para eu desconvidá-lo, pois a casa é dele e aqui só entra quem ele quiser.

Rebati dizendo que a casa é da tia Vivian e que o Theo vai vir sim, ele querendo ou não.

Então meu primo disse exatamente essas palavras: “Ah, é? Então, experimenta. Se esse garoto passar por aquela porta

amanhã, vai levar porrada.”

Falei que ele não seria capaz e ele riu.

“Ah, não? Todo mundo já me culpa mesmo de ter disparado aquele alarme de incêndio. Dar uns socos num playboyzinho besta seria pouca coisa.”

Para finalizar sua ameaça, meu primo pegou minha faca suja de manteiga e estourou um dos balões do Mickey que eu tinha trazido do parque e amarrado na cadeira. Depois saiu, me deixando assustada até agora.

17h20 – Recebi mensagens das meninas agora há pouco.

Oi, Babi. Vamos na sua festa “surpresa”, sim. Vai ser legal.

A mãe da Tathi vai nos levar. Beijo. Até!

Bru

Oi, oi, oi. Alguém está ficando mais velha? Olha, sou péssima para essas coisas e te conheço pouco, mas queria te desejar um ótimo aniversário e que tudo dê certo na sua vida. Pois até agora você tá parecendo ser uma garota muito legal :)

Vamos comprar um presente à sua altura. Quero ver sua cara quando chegarmos com ele. Bj.

Cléo.

Fiquei feliz com a fofura das meninas, mas o surto do Vini agora ocupa todo o meu pensamento.

Estou pensando seriamente em desconvidar o Theo ou meu aniversário pode terminar mal.

Ai, ai. O que devo fazer?

18 de julho (segunda-feira)

Meu aniversário!!!



11h34 – O dia começou bem. Quero dizer, ninguém me deu os parabéns nem nada, mas sei que é por conta da festa surpresa.

Todo está mundo fingindo que esqueceu e estou fazendo de conta que não percebi.

Mas o povo do Brasil não está sabendo da surpresa, então já recebi vários telefonemas e mensagens. A maioria foi da galera da escola (e da Mari, claro), além dos parentes do Sul. Isso me fez ficar com mais saudade ainda do Brasil.

Ah, e meu pai também ligou. Disse que está com saudade, que posso voltar a morar com ele quando quiser e que mandou

um presente. Não achei que fosse verdade até minha mãe me entregar trezentos dólares em nome dele. Mas isso não era tudo. Recebi por e-mail uma colagem com várias fotos minhas desde criança, sendo que a última é uma foto do quarto que ele fez para mim na casa nova, caso eu queira morar com ele ou visitá-lo nas férias.

Isso causou um efeito estranho em mim. De repente, me imaginei naquele quarto só meu, usando roupas que não foram herdadas da minha irmã, estudando com as minhas amigas e levando a vidinha sem maiores emoções que Estrela sempre me proporcionou. Nada de Vini, imigração, inglês...

Por um momento, quis voltar ao Brasil, onde tudo era mais fácil, e a Ana entrou no quarto dizendo que vamos passar a tarde na casa da Britt. É que me levar até lá foi o jeito que a minha família encontrou para me colocar para fora enquanto arruma as coisas da festa.

Eles acham mesmo que não percebi nada. Quero dizer, tá todo mundo aqui. Tia Vivian, que fechou a loja mais cedo, e tio Oscar, com a desculpa de que tinha de falar com minha mãe. E sei que a mulher dele e meus primos americanos estão vindo, pois o ouvi falando ao telefone com eles.

Sem falar que minha mãe mandou eu me arrumar para ir à casa da Britt. Tudo bem, mamãe odeia quando visto roupas de

jeca e sempre diz que tenho de sair com boa aparência, mas hoje ela quase me obrigou a caprichar. Está tão na cara que vai ter festa surpresa que seria melhor economizar a viagem à casa da Britt.

18h47 – E cá estou eu na casa da guria. Trazida pelo Vini, por sinal. Ana está toda animada enquanto ajuda a maquiar a Britt, que também foi convidada. Pelo visto, muitas amigas da minha prima também vão, o que é legal. Gosto de quase todas que conheci.

Minha preocupação é o Vini. O convite ao Theo continua de pé e, mesmo a Ana tendo dito que o irmão não fará nada contra ele, pois tia Vivian vai estar na festa, tenho minhas dúvidas. Nunca vi meu primo agindo assim. Na verdade, acho que não conheço mais o Vinícius. Ele não é o mesmo de antes, de quando éramos crianças, e isso me deixa nervosa pelo Theo.

Epa, Vini acabou de buzinar para nos pegar. Então é isso.

Festa surpresa (não tão surpresa), aí vou eu!

19 de julho (terça-feira)

A festa mais inesquecível... em todos os sentidos



9h – Ainda estou com sono, morta de cansaço e... Ai, a festa de ontem... Tantas emoções contraditórias que nem sei por onde começar.

Quero dizer, o início foi ótimo. Cheguei aqui já depois das sete. Ana, por motivos óbvios, falou para eu entrar na frente, e foi o que fiz. Estava tão escuro que não consegui ver nada.

Essa foi a deixa para acenderem as luzes gritando SURPRESAAAAAAAAAAAAA!

Eu me assustei um pouco, mesmo já estando meio que

preparada para o que viria, o que, por um lado que já vou explicar, foi bom.

Todo mundo veio me abraçar e me parabenizar e era tanta gente que até fiquei emocionada.

Estavam aqui a Norah, as amigas da Ana, ou seja, Jennifer, Carol, Luana e outras, meu primo Mark, sua mãe e a irmãzinha, além de alguns amigos do Vini que nem conheço, e ainda a Bruna, a Cléo e a Tathi.

A decoração também estava bem legal, cheia de balões coloridos, tinha um bolo lindo decorado com M&M's e vários cupcakes pela mesa. Mas algo (alguém, pra ser exata) muito importante estava faltando: Theo.

Quis desesperadamente perguntar às meninas o que tinha acontecido, mas todo mundo começou a me dar presentes e falar comigo, o que me deixou ocupada por um bom tempo.

Quando Bru se aproximou para me dar o presente que ela e as meninas compraram pra mim, quase perguntei pelo Theo, antes mesmo de dar um “oi”. Quero dizer, me segurei muito para não fazer isso. Abri o pacote e era uma máquina fotográfica dessas que tiram fotos instantâneas.

Fiquei muito feliz, e as meninas fizeram uma *selfie* de nós quatro para eternizar o momento. Apreendi com o Mark a colocar o papel na máquina e tiramos várias fotos.

Vini, que no começo estava manejando o som, deixou as músicas no *shuffle* e foi para o quarto jogar Silent Hill com o Mark e os amigos. Nem digo que foi falta de educação porque eu não o queria mesmo perto. Foi até melhor. Estava bem difícil suportá-lo. Ainda bem que foi o único que não me deu presente.

Já passava das oito e meia quando a música *Counting stars*, do OneRepublic, começou a tocar. E, sem que eu esperasse, o Theo chegou, junto com o Kevin, o Fábio e a Vanessa.

Ai, estão tocando a campainha. Já volto.

10h15 – Tia Vivian acabou abrindo a porta, porque estava indo para o trabalho, e daí viu os dois lá esperando. O susto dela não foi maior do que o meu, que não fazia ideia de como agir. Sendo sincera, eu nem sabia direito o que estava acontecendo. Foi só quando ela me mandou vir para o quarto e pediu a eles que entrassem e se acomodassem no sofá que me dei conta da bomba gigantesca que estava prestes a explodir.

Mas não adianta continuar falando disso sem explicar o episódio que tem relação direta com a aparição dos dois aqui. Porque a explicação está na festa de ontem. Lembra que o Theo chegou atrasado? Pois é. Foi a partir daí que o mundo começou a desabar.

Eu quis arrastá-lo para o quintal, onde tinha pouca gente,

mas minha mãe, que estava servindo refrigerantes, esbarrou no Theo, o abraçou e começou a falar o quanto estava feliz em vê-lo. Theo armou um sorriso capaz de amolecer até uma pedra e, quando minha mãe o largou, transferiu o sorriso para mim. Apontei para a porta que dá para o quintal, e ele me seguiu.

Sentei num dos bancos da mesa de piquenique, sem tirar os olhos da casa, com medo de o Vini aparecer a qualquer momento, e Theo começou a falar dos óculos que, estranhamente, estava usando. Perguntei por que não tinha posto as lentes, e ele disse que a Megan as escondeu em retaliação ao fato de ele ter passado, sem querer, por cima do celular dela com o carro.

Por segundos, fiquei com pena da Megan, mas logo passou. Theo então pediu desculpas pelo atraso, disse que o presente iria compensar e me estendeu uma caixinha pequena, amarrada com fita rosa.

Dentro havia um colar de ouro com um pingente em forma de coroa. Eu disse que não precisava e fui abraçá-lo, mas no meio do caminho ele pegou meu rosto entre suas mãos e me beijou, com tanta intensidade que precisei me inclinar para trás.

Foi quando alguém gritou. Theo e eu nos desvencilhamos sem entender nada, até que vi o Vini partindo feito um louco em nossa direção.

“Tira as mãos dela agora!”, ele gritou, empurrando o Theo. “Quem você pensa que é para invadir uma festa para a qual não foi convidado?”

Ofendido, Theo perguntou quem era aquele cara e respondi que era o meu primo, o que ele tinha encontrado no McDonald’s, o Vinícius. Ao ouvir o nome, ele pareceu perder um pouco da cor.

“Vinícius?”

Vini riu e disse: “Isso aí. Vinícius Frieling. Esse nome te lembra de muita coisa, não lembra?”

Theo ficou mudo.

“Aposto que você não esperava me ver de novo.”

“Cara, vamos deixar isso pra depois, por favor?”

Vini bateu palmas, dando um sorriso de deboche.

“Três anos e nenhum pinga de remorso. Isso porque você é o cara legal, o certinho, não é, Medina?”

Theo ainda tentou uma última vez.

“Olha, sei que você se ferrou com aquela história toda, mas não é hora de bancar o babaca.”

“Aí é que você se engana. Este é o momento perfeito pra gente ficar empatado.”

E depois disso, tudo foi rápido demais.

Vini deu um soco no Theo que fez os óculos dele voarem. E não parou por aí. Theo nem tinha se recuperado quando Vini

acertou outro soco, dessa vez no estômago.

Gritei e me lancei entre os dois. Ana também gritou, chamando por tia Vivian. Mas quem chegou mais rápido foi o Kevin e o Fábio. E, bom, o Kevin não deixou barato. Deu um soco no Vini que o fez cair de joelhos no chão. Ele ia chutar também, mas Fábio agarrou o amigo pelos braços para ele parar.

Quando tia Vivian chegou ao quintal, seguida pela minha mãe, quase surtou. Theo estava com um olho vermelho, e Vini sangrando pelo nariz. E, tenho de dizer, ela nem pareceu a mulher calma de sempre. Começou a gritar perguntando o que raios estava acontecendo.

Ana contou o que tinha visto, e minha tia mandou o Vini ir para o quarto. Ela estava tão furiosa com o filho que nem se preocupou em olhar para o Theo. Isso coube à minha mãe, que foi para dentro e voltou com um saco de ervilhas congeladas para ele botar no olho.

Ela não estava acreditando que o Vini tinha feito aquilo com o Theo por causa de uma rixa absurda de anos atrás. Na verdade, era muito mais do que aquilo, mas não seria eu a contar.

Nessa altura, a festa já tinha parado. Todo mundo estava meio que em silêncio ou cochichando. Bruna quis ir tirar satisfações com o Vini por ter batido no Theo, mas foi impedida pela Cléo e pela Tathi. Mark e os amigos do Vini ficaram

encarando o Kevin e o Fábio, e o tio Oscar pediu ao Theo e aos amigos que fossem embora antes que a coisa piorasse.

Theo não queria ir, mas pedi que fosse, e ele acabou cedendo. Fui com ele até o jardim da frente e dei um beijo de leve em seu rosto, com muitos pedidos de desculpas. Theo gemeu, pois o olho já estava inchando.

Cerca de meia hora depois que eles foram embora, cantamos parabéns pra mim, mas o clima da noite tinha sido arruinado. Vini não apareceu e nem eu queria dividir aquele momento com um troglodita que só sabe dialogar com os punhos.

Com o bolo cortado, as pessoas começaram a ir embora. Bru, Tathi e Cléo ainda ficaram mais um pouco, pois tinham de esperar os pais da Tathi. Aproveitei e pedi desculpas pelo Vini.

Só fui para o quarto quando restavam apenas o tio Oscar e o pessoal de casa. Minha mãe pediu para eu explicar o que tinha acontecido, e foi o que fiz, porém omiti a parte do beijo no Theo e o fato de o Vini ter visto. Já estava sendo difícil demais contar metade do que aconteceu.

O pior é que achei que hoje a poeira já teria assentado, o Vini esfriado a cabeça, e que as coisas voltariam ao normal. Mas claro que não foi isso o que aconteceu, pois agora o Theo e o pai dele estão lá na sala com a tia Vivian e não sei o que está

acontecendo, mas o homem parece furioso. Ou seja, o problema não foi resolvido ontem e pode ficar bem pior, pois meu nome vai aparecer nessa confusão e aí a família pode vir abaixo com esse lance do Vini supostamente gostar de mim.

Prevejo nuvens negras no horizonte.

Ainda 19 de julho (terça-feira)

Mais resquícios do aniversário



11h38 – Theo e o pai foram embora. Não os vi indo, pois ainda estava no quarto, trancada, como tinham me mandado ficar. Felizmente, eu tinha uma informante infiltrada, que me contou todos os detalhes. Ok, a Ana só estava ouvindo atrás da porta da cozinha, mas sua “abelhudice” foi vital para me manter informada sobre o caso. E as notícias que ela trouxe não foram nada boas.

Segundo Ana, o pai do Theo está furioso e até ameaçou processar nossa família. Ainda bem que tia Vivian conseguiu consertar a situação. Fez o Vini pedir desculpas, prometeu que o filho não vai nem chegar perto do Theo de novo e ainda se

ofereceu para pagar novos óculos para ele.

Mesmo tendo dinheiro suficiente para novos óculos, o senhor Medina aceitou as condições, dizendo que seria uma forma de o meu primo vândalo aprender. Claro que tia Vivian não aceitou esse comentário de cabeça baixa. Vini pode ser um idiota, mas é um idiota filho dela, então essa difamação não passou despercebida. Ana disse que os ânimos se exaltaram um pouco depois disso e que foi minha mãe quem conseguiu acalmar a situação. Então, depois de mais alguns momentos de atrito entre a minha família e os Medina, Theo e o pai foram embora.

E agora Vini vai ter de voltar a trabalhar, desta vez na loja da tia Vivian mesmo, para pagar os óculos do Theo, pois minha tia disse que ele tem de aprender com os próprios erros e que não pode relevar o que ele fez dessa vez.

Achei até que o senhor Medina reagiu bem a tudo, afinal, ele é sempre tão rígido que dá pena do coitado do Theo. Contudo, eu não sabia o que estava acontecendo na casa deles. Só soube quando o Theo me ligou agora há pouco. Ele disse que o pai não o deixou de castigo, mas ficou furioso com meu primo, querendo que ele fosse deportado e tudo, o que não vai acontecer porque ele não está ilegalmente aqui.

Sobre o olho, Theo disse que está inchado, dolorido, e me

mandou uma foto para eu ter noção de como ficou. Deu pena do guri, mas ele disse que o tom esverdeado deve sair em poucos dias e que Megan se prontificou a passar um corretivo poderoso nele no dia do casamento.

Pois é! O CASAMENTO. Com todo o lance da Disney, o meu aniversário e o Vini, eu já tinha abandonado esse compromisso nas profundezas da memória.

Garanti ao Theo que iria falar sobre isso com minha mãe e desliguei, já surtando porque faltava pouco tempo para resolver tudo. Foi quando Vini apareceu no quarto. Tomei um susto, e não apenas por ele ter surgido do nada. O nariz do meu primo estava tão inchado que ele parecia um daqueles caras azuis do filme *Avatar*. Além disso, um tom arroxeadado se espalhava pela pele abaixo de seu olho esquerdo. Ele estava horrível, com uma cara péssima de tristeza, mas mesmo assim veio falar comigo.

“Tudo bem? Posso entrar?”, perguntou.

Eu ia dizer *claro que não está tudo bem depois do que você fez com o Theo, e você já está aqui dentro mesmo*, mas resolvi ficar calada.

Mesmo com meu silêncio, ele se aproximou e me estendeu um presente.

“É para você. Não deu tempo de te dar ontem com aquela confusão toda.”

Que você causou, era o que eu queria adicionar.

Mas só disse que ele não precisava ter se incomodado, ao que meu primo falou que precisava sim e praticamente jogou o pacote em mim. Dei a desculpa de que ia tomar banho só para me livrar do meu primo, e então ele me estendeu o cartão e saiu.

Apesar de curiosa para saber qual era o presente, coloquei-o dentro do armário, de castigo, sem intenção de abri-lo, como se ele fosse o Vini. Já o cartão, não tive como resistir e acabei lendo. Tinha um ursinho com balões coloridos na frente. Dentro estava escrito:

Bárbara,

Às vezes, nós fazemos coisas muito estúpidas.

Algumas com as melhores intenções, outras que brotam no calor do momento.

Mas nunca duvide de que eu faria tudo por você.

Vinícius

Argh. Por que, Deus? Por quê?

23 de julho (sábado)

Um milhão de perguntas



10h01 – Nunca vi minha mãe passar tão rapidamente por estágios diferentes de sentimento como enquanto eu falava sobre ir ao casamento. Primeiro ela ficou surpresa, depois confusa e, no final, decidida, dizendo que Ana e eu deveríamos ir sim, para mostrar aos Medina que nossa família não veio da selva.

E, claro, logo entrou no seu usual modo “metralhadora de perguntas”, querendo saber todos os detalhes sobre o casamento e só faltou pedir uma print da imagem de satélite do lugar. Além disso, tentou arrancar alguma confissão sobre Theo, concluindo, por si mesma, que ele devia ter um motivo muito especial para

me chamar para um evento tão importante.

Fiquei sem fala. O que ela queria? Uma confissão? Sim, mãe, ele tem, mas como posso te explicar minha situação com o Theo se nem eu mesma sei o que está acontecendo?

Porque, tudo bem, estamos nos divertindo juntos e ficar perto dele é muito bom, mas nada disso significa que estamos namorando. Foi o que, já roxa de vergonha, contei para mamãe. E contei porque ela ia continuar me pressionando mesmo.

Então dona Val passou por mais uma série de estágios, desde o “ai, que lindo, minha filhota está apaixonada”, para “se esse garoto se meter a besta com você, vai se ver comigo” até dar uma de mãe deprimida dizendo “estou ficando velha e meus bebês estão crescendo rápido demais”.

Resolvi deixar mamãe digerindo tudo aquilo e fui botar para lavar o único vestido de festa que eu trouxe na mudança. Daqui a pouco, vou mandar uma mensagem para Mari contando as novidades.

10h22 – Falando nisso, acabou de chegar uma, e adivinha de quem é?

Indicação do dia

“Just the Way you Are”

Bruno Mars

Her lips, her lips

I could kiss them all day if she'd let me

Her laugh, her laugh

She hates but I think it's so sexy

She's so beautiful

And I tell her every day

Mal posso esperar pra te ver de novo

Respondi com um coraçõzinho, apesar de querer dizer muito mais.

18h09 – Ótimo. Alice vai fazer meu cabelo e me maquiar, já que mamãe disse que não estamos em condição de esbanjar com isso. Em compensação, Ana já marcou salão e tudo para ela.

Tudo bem. Posso conviver com isso. Mas será que eu deveria mesmo ir a esse casamento?

24 de julho (domingo)

A vida útil da paixão



19h45 – Finalmente abri o presente do Vini. É um perfume da Givenchy, que, claro, não posso usar por causa da minha asma.

A carta que encontrei no fundo da caixa é que foi, de fato, perturbadora, bem mais que o cartão. Nela, Vini dizia que sempre gostou de mim, desde que éramos pequenos, e que só não demonstrava porque eu era muito grudenta. Disse ainda que o Theo sempre foi impulsivo e já namorou muitas garotas, se dizendo superapaixonado por todas, mas sempre mudava de ideia do nada e terminava com elas sem se preocupar com os sentimentos das pobres coitadas, e que Zoey é mais um exemplo

disso.

Ainda não acredito no que li e estou fingindo para o Vini que não abri o presente. Embora, por um lado, tudo soe romântico, fico arrepiada com o quanto ele parece obcecado. Será que meu primo gosta mesmo de mim ou tudo isso é apenas para atingir o Theo? Bater nele já não foi suficiente?

Pra piorar, outras dúvidas começaram a me assombrar. Então, perguntei a opinião da Alice (para você ver como estou mexida com isso) sobre eu estar indo ao casamento da tia do Theo e se ela achava que as coisas estavam indo rápido demais entre nós dois.

Minha irmã disse que o tempo não é igual para todo mundo, que cada um tem um ritmo, e o dele parece ser mais acelerado. É como se eu estivesse contando a ligação que tenho com ele em dias humanos, e o Theo, em dias caninos. E, justamente por isso, talvez a vida útil da paixão dele por mim não dure tanto assim. A decisão sobre correr o risco ou não deve ser só minha.

Certo. Não era o que eu esperava ouvir.

26 de julho (terça-feira)

Do casamento ao hospital



11h38 – Minha mão dói. Nunca imaginei que fosse terminar a noite de ontem num hospital, mas agora aqui estou eu, em casa, após ter passado a madrugada num pronto-socorro. Juro: mesmo que me esforçasse para ser pessimista, eu não teria como desconfiar de que algo minimamente parecido com isso pudesse acontecer.

Tudo estava fluindo normalmente, com a Alice fazendo meu cabelo e me maquiando, enquanto Ana estava no salão. Mesmo tendo de aturar a chata da minha irmã resmungando sobre o quanto meu cabelo está sem vida, acabei adorando o resultado. Eu parecia muito bem. Não linda. Mas não vamos

exigir tanto do DNA, certo?

As coisas começaram a ficar preocupantes quando Ana me avisou que tinha tido um atraso no salão e que era melhor eu ir sem ela, que alguém poderia levá-la depois. Mas a pior notícia quem me deu mesmo foi mamãe. Ela ligou dizendo que ia ter de mostrar uma casa para uns clientes megaimportantes e que não poderia remarcar. Mas falou que pediria à tia Vivian para me levar.

Alguns pingos de chuva já começavam a cair quando ouvi a buzina em frente de casa. Foi ao ver quem estava ao volante que meu coração congelou. Era o Vini. Deixei na cara que tinha detestado vê-lo ali, e meu primo disse que também não estava feliz em me levar e que só estava fazendo aquilo porque tia Vivian não pôde sair da loja. E depois completou que se eu não quisesse entrar no carro ia ter de ficar em casa, o que para ele era até melhor. Sem opção, acabei dando o braço a torcer.

Foi só no meio do caminho que o Vini quebrou o silêncio que tinha se instalado dentro do carro.

“Ainda não acredito que você vai a esse casamento. Você não sabe nada sobre a família Medina, não sabe nada sobre o cara.”

Respondi que sabia sim e, para confirmar, disse que ele ama música, ao que Vini rebateu que todo mundo ama música.

Fiquei sem saber o que argumentar, e meu primo continuou: “Ele? Aposto que ele nem sabe qual é sua cor preferida, e isso é o básico”.

Bom, se Vini estava tentando me deixar confusa, conseguiu. Foi quando ouvi o aviso de uma nova mensagem no celular. Era do Theo, dizendo que sabia que eu devia estar linda para o casamento. Suspirei, e o Vini perguntou o que era. Disse que não era da conta dele, mas isso só piorou as coisas. Meu primo quis pegar o celular, e eu então enfiei dentro do vestido. Ele disse que daquele jeito era até mais divertido e continuou tentando pegar assim mesmo, enquanto eu o estapeava para que parasse.

Ficamos nessa briga perigosa até que percebi, pela trepidação, que estávamos indo para o acostamento. De repente, senti um solavanco, como se o carro tivesse passado por cima de algo. Vini freou, dizendo que tinha atropelado alguma coisa.

Quando saímos do carro, logo vimos a criatura imóvel no chão. Meu primo tomou cuidado ao se aproximar e só relaxou quando percebeu que o filhote de jacaré estava morto. Então começamos uma discussão sobre o pobre do bichinho, e Vini disse que era só um animal e que nem devia estar por aqui, já que é área da Disney e que eles são cuidadosos com essa coisa de bichos perto dos *resorts*.

Continuei reclamando, mas meu primo disse que eu nem

estava com pena do jacaré e que só queria um motivo para brigar com ele. Reagi, dizendo que, na verdade, ele já tinha me dado vários motivos, pois já fazia algum tempo que seu prazer era boicotar a minha vida.

Foi quando meu primo disse, parecendo ofendido: “Boicotar? Não fiz nem metade do que você merecia por estar andando com aquele filho da mãe mesmo sabendo o que ele aprontou comigo”.

E, então, respondi sem pensar: “Vini, eu não posso controlar o meu coração”.

Nisso, o rosto do meu primo se coloriu de vermelho.

“Você não sabe o que é paixão de verdade, Bárbara, nem como se boicota alguém. Então observe e aprenda”, ele disse, voltando para o carro.

Quando ele entrou, corri o mais rápido que consegui com aquele salto alto, mas Vini já tinha travado as portas no momento em que alcancei o carro. Bati no vidro para que abrisse, mas ele apenas me deu um tchauzinho e arrancou.

No começo não acreditei que aquilo estava acontecendo. Só depois de algum tempo, quando me dei conta de que ele não ia mesmo voltar, peguei meu celular na bolsa. O sinal da AT&T estava péssimo. Fiquei tentando ligar para minha mãe, mas quando finalmente consegui, a chamada caiu na caixa postal. Em

seguida, tentei ligar para tia Vivian, mas o telefone da tinturaria só dava ocupado. O telefone da Ana só chamava e chamava. Deixei então uma mensagem dizendo que tinha sido largada na estrada.

Havia uma quarta opção, mas eu não queria chamar o Theo, de novo, para me livrar de uma enrascada. Até porque a cerimônia já devia estar começando, e o pai dele só iria me odiar ainda mais se ele largasse tudo para ir me buscar.

Como o Vini tinha dito que estávamos em solo da Disney, caminhei um pouco para ver se conseguia visualizar o parque, mas foi em vão. E não ousaria pedir carona aos carros que passavam, não depois da minha experiência com aquela brasileira.

Foi quando me lembrei da Norah. Ela tinha dito que eu sempre poderia contar com ela caso precisasse, e aquele era o momento. Então liguei e, depois de ouvir um resumo confuso do que aconteceu, ela disse que ia me pegar, sem se importar com os policiais que poderiam ir atrás dela por causa do seu desvio de rota. Nesse meio-tempo o céu desabou, levando, literalmente, minha maquiagem e meu cabelo por água abaixo.

Não sei quanto tempo esperei, mas, quando chegou, Norah disse que eu estava horrível. Contei a ela toda a minha saga, e, de repente, a louca girou o volante e deu meia-volta na estrada,

dizendo para confiar nela, pois eu iria ao casamento de qualquer jeito.

Em pouco tempo, chegamos ao Downtown Disney, um complexo de lojas e restaurantes que fica perto dos parques. Não chovia mais, e, no estacionamento, ela me explicou que tinha amigas na Bibbidi Bobbidi Boutique, o salão de beleza para crianças igual ao que a Bibi e a Fefê não tinham conseguido ir quando estivemos na Disney, e que essas amigas iam dar um jeito no meu visual de graça, já que lhe deviam alguns favores.

Chegando lá, Norah falou com uma moça chamada Lauren, que exibia um crachá de “Fada Madrinha em Treinamento”. Ela me olhou de cima a baixo e disse que ia me atender assim que terminasse de ajudar uma menininha.

As crianças e os pais que as esperavam ficaram me encarando como se eu fosse louca. O que dava para entender, afinal eu era um borrão de rímel todo encharcado esperando por um *make over* de princesa exclusivo para meninas de até doze anos. E ainda estava usando uns trapos, digo, umas roupas que Norah tinha no carro e ia doar para o Exército da Salvação – o meu vestido a Norah estava tentando secar com uma daquelas passadeiras a vapor que a gente só vê em lojas e que mais parecem um aspirador de pó.

Quando chegou a minha vez de ser “transformada”, Lauren

fez meu cabelo ficar lindo, ainda que à base de um quilo de fixador. A maquiagem precisou ser feita com as cores infantis dos produtos que eles tinham lá mesmo, mas o resultado ficou bem melhor que o do *make up* que a Alice tinha feito em mim.

A vergonha mortal por estar ali até passou um pouco quando vi o resultado. Agradei dizendo que ia ficar eternamente em dívida com ela e comecei a levantar da cadeira, mas, antes que eu terminasse, ela pegou uma varinha e disse, fazendo movimentos circulares sobre a minha cabeça: “*Bibbidi bobbidi boo, the dream that you wish will come true*”, algo como “*Bibbidi bobbidi boo, que o seu sonho se realize*”.

Cumprido o mico rito obrigatório da loja, botei o vestido, já praticamente seco, e, depois de uma correria louca até o estacionamento, nos enfiamos no carro. Chegamos ao Grand Resort Hotel rapidinho, e a Norah, que disse já ter violado por muito tempo os termos de sua condicional, disparou com o carro para a casa dela.

No *resort*, só consegui encontrar o local do casamento depois de procurar bastante. O pavilhão da festa, na verdade, era uma pequena ilha dentro de um lago, e foi para lá que me dirigi.

O lugar era lindo, cercado por um jardim bem cuidado e com torres que lembravam um castelo, só que baixo. Como a cerimônia já tinha começado e a porta estava fechada, fiquei

esperando uma eternidade do lado de fora.

No final, quando os noivos saíram, Theo me viu e veio falar comigo, todo gato em seu terno preto. Disse que eu estava mais linda do que ele tinha imaginado e perguntou por que me atrasei. Expliquei que a história envolvia um jacaré morto, uma condenada pela Justiça e uma fada madrinha em treinamento, e ele riu lindamente.

Ana ainda não tinha chegado. Perguntei a ele que amigo queria vê-la, e ele confessou que era o Fábio, mas que o amigo tinha ido encontrar a mãe no salão onde seria a recepção, pois os pais dele trabalham na organização de casamentos na Disney. No meio da conversa, Bibi apareceu, linda em seu vestidinho cor-de-rosa, e começou a nos puxar. Theo disse a ela para ir caminhando na frente, pois queria falar comigo antes.

Como todos já estavam indo para a recepção, ele esperou o lugar esvaziar e tentou começar, mas gaguejou. Achei estranho, por isso o abracei, rindo, e ele disse que aquilo deixava tudo bem mais fácil. Perguntei: “O que você quer dizer?”, e ele, de repente, ficou sério.

“Bárbara, você quer namorar comigo?”

Pega de surpresa, fiquei em silêncio por alguns segundos. Por mais que não quisesse dar ouvidos ao meu primo, talvez ele tivesse um pouco de razão. E o que Alice tinha dito sobre a

paixão dele poder acabar tão rápido quanto começou também tinha me deixado insegura. Será que valia mesmo arriscar? Eu não queria me machucar. Minha mãe sofreu tanto com a separação que eu não queria passar pela mesma coisa. Então, de repente, resolvi fazer um teste.

“Theo, qual é a minha cor preferida?”, disparei.

Ele não esperava por isso. Pareceu não entender nada e não o culpo, porque eu mesma não sabia direito o que estava sentindo. Como ele não respondeu, eu disse que precisava pensar um pouco e que daria a resposta no final da festa. Theo disse que tudo bem, mas pareceu um pouco desapontado.

No caminho, enquanto andávamos para o salão do *resort*, encontramos a Ana. Mesmo percebendo o clima estranho entre nós, ela não disse nada. Perguntei por que demorou tanto, e ela disse que não tinha ninguém para trazê-la, já que o Vini tinha sumido. Então teve de esperar tia Vivian ter uma folga na loja.

Na festa, Theo me apresentou para metade dos Medina, dizendo que eu era sua amiga. Só ali fui descobrir que ele não conhecia o avô. O homem, que era porto-riquenho, abandonou o pai do Theo, o senhor William, meses depois de ele nascer. Por isso, só fui apresentada à avó, uma simpática senhora americana chamada Ruth.

A noiva, tia do Theo, filha do segundo casamento da avó

dele, foi supersimpática comigo, ao contrário do pai dele, que me olhava como a “prima-do-selvagem-que-machucou-meu-filhinho”.

Mais tarde, o Fábio apareceu, e minha prima não deu a mínima para ele. Continuou esperando pelo Kevin e, quando cochichei que não era ele o amigo misterioso que queria vê-la, ela ficou desanimada pelo restante da festa. Pelo menos começou a tratar o Fábio melhor, mas não como ele queria.

A certa altura, Theo falou no meu ouvido que tinha uma surpresa para os noivos e para mim, então se levantou, pegou Ruby pela mão e subiu com ela no pequeno tablado onde a banda estava tocando. Eu me levantei também, junto com a Ana, para pegar alguma coisa para comer.

No tablado, Theo saudou todo mundo em inglês e começou a fazer um discurso, traduzido para mim pela Ana, dizendo que estava ali junto com a irmãzinha Ruby para celebrar o encontro de duas almas que se procuravam havia muito tempo e que queria oferecer uma música ao novo casal Paige e Brian Spencer.

Achei o pequeno discurso fofo, e aí ele completou, em português, que aquela música também era pra mim. Meu rosto se incendiou, e Theo tratou de explicar ao microfone que era pra eu ficar calma, pois quase ninguém entendia português ali. Depois fez um gesto para a banda, que começou a tocar. Só

reconheci a música quando Theo cantou os primeiros versos.

I'm hurting, baby

I'm broken down

I need your loving, loving, I need it now

Era *Sugar*, do Maroon 5.

Theo podia não ser um Adam Levine, mas ao menos não era desafinado, e ainda tinha o apoio da vocalista da banda, que se fez de *backing vocal* para ele. Perto do refrão, Theo apontou para Bibi, que começou a cantar junto com ele. Nem preciso dizer que o salão ferveu com tanta fofura, mesmo com a pequetita cor-de-rosa só sabendo de cor aqueles poucos versos.

Eu estava achando tudo maravilhoso e tinha decidido aceitar o pedido dele quando Megan se aproximou.

“Vocês não *vai* dar certo. Ele faz isso com todas as meninas.”

Eu me contive, ignorei aquela provocação e o português ruim dela, e continuei olhando para o Theo e a Ruby no tablado. Megan então mexeu em algo na mesa e se afastou.

Theo estava de novo no refrão quando senti um calor nas costas. Olhei rápido e dei um grito: a ponta do laço do meu vestido tinha encostado numa vela da mesa e estava pegando

fogo!

Comecei a bater com a mão no tecido tentando abafar a chama, mas a labareda só crescia. Meus gritos agora eram desesperados. Ana largou a fonte de chocolate para vir me ajudar, e o Theo parou a música e desceu do palco ao me ver gritando. Eu ainda estava tentando apagar o fogo com as mãos quando um garçom despejou água em mim.

As chamas cederam, mas deram lugar a uma dor implacável.

Depois disso, Theo me botou no carro dele, junto com a Ana, e me levou ao hospital mais próximo. Minha mãe chegou praticamente junto conosco lá, pois Ana havia ligado para ela no caminho.

Tive de esperar para ser atendida. Quando finalmente o médico olhou minha queimadura, disse que tinha sido superficial, ainda que de segundo grau. O que significava que ele ia ter de drenar as bolhas para tratar minha mão. O procedimento foi rápido mas, apesar dos remédios, doeu tanto que gritei.

Minha mãe tentou me acalmar e perguntou como aquilo tinha acontecido. Falei da vela, mas não estava no clima para contar a versão estendida do drama.

Depois da drenagem das bolhas, o médico fez um curativo

com nitrato de cério e me mandou para casa. Voltei com minha mãe, mas Theo nos seguiu de perto até em casa. Ele estava desolado, mas eu garanti que tudo tinha sido perfeito, pelo menos até o momento do fogo. Então ele foi embora, prometendo me visitar assim que pudesse. Acabei não dando a resposta que devia a ele.

Vini não estava em casa, o que me tranquilizou um pouco. Com a mão doendo, além do desconforto de ficar tentando não encostar em nada, pois a pele estava muito sensível, fui dormir cedo.

É hoje que as coisas vão ser confrontadas e explicadas. E não estou falando apenas da Megan.

Decididamente, ontem foi um dia para eu esquecer.

Ainda 26 de julho (terça-feira)

Sozinha no mundo



22h10 – Fui refazer o curativo agora há pouco e doeu demais. Tenho de ficar igual a uma louca, apoiando o cotovelo nos lugares, para deixar a mão levantada e evitar qualquer contato na região queimada.

No começo da noite, assim que a tia Vivian e a mamãe chegaram do trabalho, acabei lançando a bomba que havia segurado o dia inteiro. Conteí tudo o que o Vini tinha feito.

Tia Vivian gritou pelo meu primo, que apareceu na sala como se nada tivesse acontecido, o falso!

“Vinícius, isso que sua prima está falando é verdade? Você a

abandonou na estrada?”

Tia Vivian nem precisou ouvir a resposta, porque já estava irada com tudo que meu primo vem fazendo.

“Claro que não. Por que eu faria isso?”, o sonso mentiu.

Quase explodi de raiva e perguntei como conseguia ser tão mentiroso. Meu primo então revidou perguntando se eu poderia provar que ele tinha me deixado lá. Falei que sim, que era só ligar para Norah ou ver as mensagens que deixei no celular da Ana, e aí Vini não teve mais como fingir.

“Meu filho, o que passou pela sua cabeça? Sua prima correu um sério risco! Você não tem noção?”, tia Vivian perguntou, horrorizada.

“Ela não iria ser sequestrada nem nada. A estrada era dentro da Disney, por onde só passam turistas deslumbrados e crianças felizes. Não façam drama”, ele respondeu.

Aquilo só fez mamãe ficar com mais raiva. Tia Vivian começou a se lamentar, perguntando em voz alta o que foi que ela tinha feito de errado ao educar o meu primo, e por um momento pensei que fosse chorar, mas não. Apenas olhou para o Vini toda desapontada e, finalmente, deu a sua sentença para o caso: ele não só iria continuar no castigo imposto antes, o trabalho na tinturaria da tia Vivian, como também teria de ir conversar com o pastor, além de passar a frequentar todos os

cultos na igreja e participar de todas as atividades que ela tivesse lá.

Isso não era um castigo propriamente dito, mas, acho eu, ela concluiu que só entregando a Deus, mesmo, para consertar a cabeça do Vini. Porque, fora isso, meu primo não parece ter se abalado com nenhuma palavra da minha mãe ou da minha tia.

Com o castigo estabelecido, além de mais meia hora de bronca, tia Vivian levou meu primo para a tinturaria, e a mamãe ficou mais um pouco em casa, pois só iria trabalhar lá pelo meio da tarde.

Depois dessa conversa, Dani e Alice vieram para a sala e resolvi seguir mamãe até o quarto e contar a ela o que aconteceu na festa. Ela me ouviu e não pareceu revoltada como uma mãe ficaria ao ouvir que alguém tentou incendiar seu filho.

“Ah, Babi. Você está imaginando coisas. Sempre foi estabanada e avoada. Aposto que nem percebeu que tinha aquela vela ali.”

Aquilo me deixou sem palavras. Ela ainda continuou, dizendo que só porque meu primo tem uma mente vingativa não significa que as outras pessoas também sejam assim.

Eu me esforcei para convencê-la e expliquei que Megan me odeia porque acha que o Theo tem de voltar com a amiga dela, mas mamãe achou minha história exagerada demais. Disse que

eu não tinha provas e que acusar alguém de algo tão grave assim gera processo no “mundo dos adultos”. Por um momento, pensei que eu só podia estar falando em algum idioma da Polinésia.

Eu não preciso de provas. É óbvio que aquela garota colocou fogo em mim!

Sabe o que dói, mais até que a minha mão? O fato de minha própria mãe não acreditar em mim. Tudo bem. Tenho mesmo um histórico de azar e de momentos embaraçosos por causa da minha falta de jeito, mas daí a inventar ou imaginar, como ela estava insinuando, era demais. Uma mãe normal iria imediatamente, feito uma leoa, na casa daquela bruaca da Megan para tirar satisfações com a garota e com os pais dela.

Qual é o problema da minha mãe? Ou será que o problema está na nossa relação?

Pergunto isso porque ela precisou de muito menos para ir correndo tirar satisfações com a mãe de um moleque quando o Dani arrumou confusão na escola. Lembro como se fosse hoje.

Meu irmão chegou em casa se queixando de que tinha apanhado de um coleguinha e a professora não tinha feito nada. Ele não tinha nenhum arranhão que fosse, mas mamãe foi no mesmo minuto para a escola e armou o maior barraco. Os pais da outra criança foram chamados, e minha mãe só faltou bater

neles, acusando-os de não saberem educar o filho. No final das contas, a criança não tinha batido no Dani coisa nenhuma. A escola tinha câmeras nas salas, o que permitiu que descobrissem que, na verdade, o menino só havia esbarrado no Dani, mas, por ser bruto, acabou por machucá-lo, o que meu irmão entendeu como agressão.

Portanto, se por muito menos ela fez isso, a regra seria agora ela deflagrar uma guerra.

Mas já entendi por que ela não se abala. É por que sou eu. Enquanto não mexerem com o queridinho do caçula que ela tanto quis ter, está tudo bem. Eu sou só a filha do meio, a menina que veio ao mundo quando, na verdade, os pais estavam ansiosos para ter um menino. A garota que não é fofa como o irmão menor nem inteligente e madura como a irmã maior.

Sério, essa preferência da minha mãe em relação a eles nunca doeu tanto quanto agora. Se eu sumir ou desaparecer hoje, ninguém nessa droga de família vai sentir minha falta. Minha mãe já tem seus dois filhos perfeitos e preferidos, a Alice parece que fala comigo apenas por obrigação, e o Dani gosta só da minha irmã, fica agarrado com ela o tempo todo.

É nessas horas que tenho certeza de que preciso voltar para o Brasil. Ninguém vai lamentar a minha falta mesmo.

27 de julho (quarta-feira)

A gota d'água



19h10 – Está chovendo muito e só consigo chorar enquanto escrevo aqui. Ana já veio tentar me animar, mas foi inútil. Ninguém pode voltar no tempo e retirar a mágoa e a decepção que se instalaram em mim.

Tudo começou com o inofensivo buquê de margaridas que Theo trouxe à tarde, dizendo que era para uma garota linda e estabanada. Como já era hora de acabar com essa fama, eu o convidei para sentar no sofá e me preparei para dar a notícia bombástica, afinal ele precisava saber o quanto a irmãzinha dele é doida.

Assim que eu disse que queria falar de um assunto com ele, Theo ficou nervoso, porque, aparentemente, quando você diz “precisamos conversar”, isso soa nos ouvidos do outro como “foi bom enquanto durou”. Ele perguntou o que tinha feito de errado e respondi que não havia sido ele, e sim sua irmã sem noção. Então respirei fundo e contei tudo o que aconteceu.

O rosto do Theo se fechou na hora. Em vez de ficar chocado com a irmã, ele perguntou se eu tinha visto a Megan colocando fogo em mim. Pensei um pouco e respondi que não tinha visto quando ela mexeu na vela, mas sabia que tinha sido ela.

Isso foi o suficiente para ele me encarar de um jeito estranho, quase bravo.

“Então você não viu, não é?”

“Eu estava prestando atenção em você no palco, mas sei que foi ela. A vela não estava tão perto assim”, foi o que respondi.

Daí ele veio com uma historinha de que sabe que a irmã costuma aprontar, mas que ela nunca faria algo desse tipo. Eu me senti sem crédito algum com ele.

“Por que eu inventaria uma coisa dessas, Theodoro?”, perguntei, falando o nome dele errado de propósito e me levantando do sofá de forma dramática.

“É Theodore, caso você não se lembre.”

“Que seja.”

Eu estava começando a ficar revoltada.

“Bárbara, você está acusando minha irmã de uma coisa horrível e não tem provas.”

“De uma coisa bem séria, por sinal”, respondi. “Ela é maluca!”

“Você deve ter se confundido.”

Pois é. A bruxa era ela, mas quem queimou na fogueira fui eu. Palmas para ele.

“Eu não me confundi. Tenho certeza de que foi ela. Você acha o quê? Que fico me lançando em chamas porque quero? Daqui a pouco você vai dizer que fiz aquilo só para chamar atenção!”

É. Nessa altura eu já estava gritando. Theo se levantou também e disse que não tinha falado aquilo, mas que eu era meio estabanada mesmo.

Sério? Todo mundo agora deu para acreditar mais na minha falta de coordenação do que na minha noção das coisas? Eu disse isso a ele e contei que minha mãe também não tinha acreditado, e sabe o que ele respondeu? Que minha mãe é mais realista que eu.

Aquilo fez meu sangue ferver.

“Bem que a minha família tem razão! Não dá para confiar

em vocês!”, berrei. “É isso mesmo, não dá para confiar nesse jeito impulsivo – que, pelo visto, sua irmãzinha herdou também – da sua família!”

E aí, claro, a coisa piorou, pois Vini, que aparentemente estava ouvindo tudo desde o começo, entrou na sala e me deu os parabéns por finalmente perceber quem são os Medina. Theo então disse para meu primo não se meter, porque aquilo era entre nós dois. Acha que o Vini se abalou?

“É claro que a Megan colocou fogo em você. É isso que os Medina sempre fazem: aprontam e saem sem culpa da história.”

Theo disse que Vini estava viajando, mas meu primo não deixou barato.

“Será que eu estou, Theodore? Ou você esquece o que não importa pra você?”

Ninguém disse nada por alguns segundos. Não entendi o silêncio do Theo, e o Vini continuou:

“Você jura pela sua família que não disparou aquele alarme de incêndio?”

“Isso de novo, cara?”

“Jura?”

Theo olhou para mim como se pedisse ajuda, mas havia alguma coisa estranha nele. E o Vini estava insistindo tanto naquilo.

“É verdade?”, perguntei, séria.

Ele apenas engoliu em seco e voltou os olhos para o chão. Não conseguia mais me encarar.

“É... Fui eu... Olha, Bárbara, sei que parece horrível...”

Foi a minha vez de explodir.

“Horrível? Você mentiu para mim! Pior, você deixou o Vini levar a culpa. Ele foi expulso por sua causa!”

Vini cortou o Theo, que, desesperado, estava tentando se explicar, certamente com outra mentira, e disse que o encanto havia acabado. Ainda disse que eu sempre gostei dele e que Theo foi apenas um desvio no caminho.

Pela janela, vi o carro de mamãe e comecei a entrar em pânico.

Parecendo meio desnorteado, Theo perguntou sobre o que o Vini estava falando.

“Ela tem uma queda por mim desde criança. Sabia que a sua namoradinha anda à noite com uma camisola que não cobre nem a calcinha só para me atiçar? Não vou mentir, é uma bela vista...”

Aquilo foi a gota d'água. Theo avançou sobre meu primo, mas fui mais rápida e me coloquei entre os dois. Ainda que eu mesma quisesse socar o Vini naquele momento, o que menos precisava era que minha mãe entrasse e visse os dois rolando

aos socos pelo tapete e que o senhor Medina decidisse processar nossa família por agressão.

“É sério? Você ainda vai defender esse aí?”, Theo gritou. “É por isso que você não quer namorar comigo?”

Aí fui eu que me senti ofendida. Falei que ele não devia me conhecer de verdade se tinha acreditado no Vini, e ele disse que não esperava isso de mim.

“Nem eu de você, Theo. Nunca achei que você fosse mentir para mim, o que só mostra que não te conheço mesmo”, respondi.

E então ele me lançou um olhar de raiva que por si só já dizia que estava tudo arruinado.

“É. Você tá certa. Só me faz um último favor? Esquece que eu existo.”

Ele saiu porta afora sem cumprimentar minha mãe, a Alice ou o Dani, que tinham aparecido na sala. Como eu não queria chorar na frente de ninguém nem ter de me explicar naquele momento, corri para o quarto e me tranquei.

Mamãe acha que é só dor de cotovelo mesmo, por isso está me deixando em paz. Sei que ela pensa que o motivo da briga toda foi só a Megan e acredita que vamos resolver isso logo.

Não, mãe. O que mal começou chegou ao fim, e, apesar de ele ter acreditado na irmã, e não em mim, de ter mentido e de

ter dado ouvidos ao Vini, eu me sinto mal porque, no fundo, mesmo com tantas dúvidas me assombrando, a verdade é que eu realmente gosto dele.

28 de julho (quinta-feira)

Invasão de privacidade



15h34 – Eu não estava preparada para isso. Juro que não. E agora não sei se mato alguém, morro de raiva ou me enterro neste quarto e fico aqui para sempre ignorando a existência do mundo.

Por quê? Bom, Bruna e suas amigas apareceram aqui. Pedi à Ana para dizer que eu não estava, mas era tarde. Quando a Bruna entrou, vi que a coisa era séria. Ela disse que queria falar comigo sobre o Theo, então pedi que ela sentasse no sofá e me preparei para a bronca. Essa garota tem fogo nos olhos!

Mas ela parecia calma. Quero dizer, a Cléo dava umas

cutucadas nela quando a amiga levantava a voz para mim. Era meio como se dissesse: “Calma, lá. Não exagera”. Pelo menos a guria estava tentando mesmo entender o que houve, ouvir minha versão da coisa toda, e, nesse ponto, não economizei detalhes sobre a confusão.

“Você ao menos o deixou explicar por que disparou o alarme?”

“Não. Fiquei com tanta raiva por ele não acreditar em mim... O que você sabe?”

“Nada. Desculpa. Tudo o que descobri foi pela Megan”, Bruna disse.

Cléo então contou que elas passaram na casa do Theo e tentaram arrastá-lo para dar uma volta lá no City Walk da Universal, mas ele nem quis sair do quarto e, segundo a madrastra, parecia meio deprimido. Aquilo me reconfortou um pouco, mas me blindei contra falsas esperanças. Quando você quebra um coração duas vezes, a dor aparece em dose tripla. Além disso, ainda acho horrível o que ele fez com o Vini.

E agora vem o motivo de eu querer matar alguém. Tathi reparou no meu diário, que estava na mesa de jantar, e elogiou a capa pensando que fosse um caderno. Quando contei o que era, Cléo arregalou os olhos como se eu tivesse dito que cuidava das renas do Papai Noel no *closet* e falou que nunca teria paciência de

escrever todo santo dia em um. Eu respondi que gostava, que teria explodido sem ele, e nós conversamos um pouco sobre isso e sobre o Brasil. Elas contaram que vão voltar para o Rio na quarta-feira, mas que sempre me visitarão quando vierem a Orlando.

Depois, a conversa voltou ao Theo, pois as meninas queriam de qualquer forma resolver nossa história, até eu dizer que estava tudo bem e que era melhor deixar para lá. Quando elas foram embora, eu estava mais leve, mas foi como se uma parte de mim também estivesse indo embora. Acho que me senti assim porque elas vão fazer o que eu sempre quis desde que cheguei aqui: voltar ao Brasil.

Só depois fui reparar que meu diário tinha sumido.

É claro que uma das meninas o levou, provavelmente enquanto eu fui à cozinha pegar água para elas.

Morrendo de raiva por causa daquela invasão de privacidade, liguei para a Cléo e exigi que o trouxessem de volta, o que elas fizeram uns quarenta minutos depois. Segundo a Bruna, a ideia delas era mostrá-lo ao Theo para provar que não gosto do meu primo, mas ele não leu porque foi levar a avó até sua casa em Boca Raton, outra cidade aqui na Flórida, junto com a Megan... e a Zoey! E vão ficar até domingo lá.

Só de pensar naquilo, meu estômago revirou. Eu queria

fechar a porta na cara das meninas e me exilar do mundo na escuridão do meu *closet*, mas mantive a pose e falei normalmente com elas até o final. Não demorou muito, para ser sincera. Os pais da Tathi estavam esperando no carro, e eu ainda estava fula da vida com elas, mesmo depois das milhares de desculpas que me pediram.

Agora o que me resta é esperar que toda essa dor passe. Pelo menos foi isso que Alice me garantiu. Que vai passar. Até porque, como ela disse, as pessoas não morrem dessa coisa que é ter o coração partido.

29 de julho (sexta-feira)

Quando tudo dá errado



19h27 – Ana me mostrou uma mensagem que recebeu no grupo das amigas da Odyssey High, e adivinha? Era mais uma montagem! Na verdade, era um GIF meu, pegando fogo no casamento, ao som da música “Girl on Fire” da Alicia Keys. Isso só pode ter sido obra da bruxa Megan e prova o quanto ela tem culpa na história toda.

Não sei onde enfiar a cara depois de mais essa. Sei que ainda nem conheço meus futuros colegas da Odyssey, mas as aulas começam no final de agosto e duvido que as pessoas esqueçam de tudo isso até lá. Já estou famosa entre eles. No mau

sentido, claro.

Isso tudo me deixou muito tensa e, como tanto minha cabeça como minha mão estavam doendo, resolvi ficar sentada sozinha no quintal para ninguém me incomodar. O que não foi possível, é claro.

Assim que chegou da loja da tia Vivian, meu primo veio sentar comigo, mesmo eu reforçando que não queria a companhia dele. Vini disse que eu não devia ficar triste pelo Theo e que o universo já tinha se vingado um pouco do guri. Meu coração deu saltos quando ouvi isso.

Eu o obriguei a falar, e ele disse que, logo depois da sua expulsão não merecida, o cachorro do Theo tinha desaparecido. O problema é que Vini disse isso dando um sorrisinho.

“Não acredito que você teve coragem de fazer mal ao bichinho. Eu vou contar para as nossas mães!”

Vini riu.

“Contar o quê? Abandonei o cachorro longe daqui, alguém deve ter adotado. E o que elas poderiam fazer? Eu já estou de castigo, sem mesada, tendo de ir naquele saco de igreja... Minha mãe não tem mais como me punir.”

Aquilo me deu calafrios. Senti meu estômago embrulhar e disse que ele não tinha coração, ao que Vini respondeu que tinha sim e que era só meu. Depois começou a dizer que gostava de

mim e que só me deixou na estrada porque estava com raiva, mas que tinha voltado para me buscar.

Não acreditei em nada. Até porque, se eu não conheço o Theo, descobri hoje que conheço meu próprio primo muito menos.

30 de julho (sábado)

Ninguém me entende



15h21 – Como se não bastasse a dor na mão queimada, minha cabeça também resolveu explodir ontem à noite. Claro que teve a ver com a descoberta da crueldade do Vini e com a maldade da Megan. Eu deveria contar sobre o lance do cachorro? Será que alguém acreditaria em mim dessa vez, mesmo sem provas? Pensando que a dor era só mais um efeito da queimadura, minha mãe me deu um analgésico potente que acabou me apagando.

Acordei quase ao meio-dia e me vi sozinha em casa. Mamãe tinha deixado uma mensagem na geladeira dizendo que tinha ido comprar o restante do nosso material escolar com o Dani e a Alice. Nem me importei, pois ela conhece o meu gosto e eu não

estava mesmo com vontade de colocar os pés para fora de casa.

Assim que eles chegaram, fui até a sala para ver o que tinham comprado. Mamãe e Alice estavam cheias de sacolas, o que me levou a crer que havia nelas um monte de coisas para mim. Eu não podia estar mais enganada.

Mal abri a primeira sacola e mamãe puxou-a dizendo que eram coisas do Dani. Percebi que a outra não era para mim também, pois só tinha um monte de maquiagens. Ou seja, só podia ser da Alice. Maquiagens, por sinal, que eram caras demais para os nossos padrões. Quando morávamos no Brasil, Alice vivia falando daquela marca e dizendo que um dia compraria o caríssimo estojo importado de sombras que ela tanto amava. Pelo visto, mamãe deu tudo aquilo a ela.

Para quem está com problemas financeiros, dona Val esbanjou. O material escolar do Dani parece um grande *outdoor* do Discovery Kids. É um tal de estojo com personagem para cá, mochila que pisca para lá.

Com tanta coisa legal saindo das sacolas dos dois, claro que criei expectativas em relação à minha, que foram como eu já deveria saber, destroçadas pela realidade. Para mim, mamãe tinha comprado apenas dois cadernos de capa preta, que podiam servir até para um menino, além de uma dúzia de lápis amarelos e algumas canetas básicas.

Não tive como não demonstrar meu choque.

“Só isso?”

“Oh, querida. Mas é claro que não”, ela disse, e então tirou uma borracha e um apontador do fundo de outra sacola. “O restante está aqui.”

Por um segundo, achei que ela estivesse brincando, e só pude constatar que não estava quando mamãe fez cara de quem esperava um agradecimento. Fala sério!

“Poxa, mãe. Custava comprar alguma coisa das princesas ou, sei lá, da Minnie? Aqui é a terra do Mickey. Pelo amor de Deus!”

Minha mãe riu.

“Por favor, Bárbara. Você já está no ensino médio. Nem ficaria bem usar um caderno da Cinderela como uma menininha de oito anos.”

“E desde quando maturidade tem a ver com o tipo de caderno que a pessoa usa?”

“Querida, é sério que você vai criar caso por causa do material escolar?”

Sim. Eu estava disposta. Porque simplesmente não é justo. É claro que consigo sobreviver na escola com aqueles cadernos. O problema real é a diferença no tratamento. Enquanto meus irmãos tiveram o melhor e sabe-se lá a que preço, mamãe

obviamente me deixou em segundo plano. E nada me deixou com mais raiva do que me dar conta, mais uma vez, de que na escala de amor da minha mãe (e em todo o resto) eu sempre estarei em terceiro lugar.

Fiquei tão chateada que nem tentei argumentar. Ela nunca vai entender. Por isso vim para o quarto e me tranquei aqui até ela ir embora para o trabalho.

Mas esse não foi o ponto alto (ou baixo) do dia. Acabei começando uma briga feia com Alice, na frente do Dani, por causa do que aconteceu.

Minha irmã ficou irada.

“Mas você é muito criança mesmo. Vai ficar emburrada o dia todo porque a mamãezinha não te deu o estojinho rosinha das princesinhas?”

Aquilo me irritou ainda mais.

“Não foi isso. O que me deixa chateada é ela sempre dar preferência a vocês e nunca a mim. O melhor sempre vai para você ou para o Dani. Já para a Babi aqui, nada.”

Com isso, minha irmã disse que eu não sabia o que estava falando e que, se não olhasse tanto para o meu umbigo, talvez soubesse o que se passa nesta casa. Fiquei em silêncio, tentando entender o que ela quis dizer, mas minha irmã não estava a fim de conciliação.

“Às vezes, eu queria que nossos pais tivessem pulado direto para o Dani. Isso teria me poupado um bocado de estresse e paciência, porque você já esgotou toda a que eu tinha”, ela falou.

Fiquei com tanta raiva que joguei nela o apontador de ferro que mamãe tinha comprado e, para o meu azar, acabei lascando o dente canino direito dela. Minha irmã gritou de dor e saiu do quarto direto para o banheiro.

Dani, vendo toda a cena, tomou as dores de Alice e me deu um tapa na barriga, que nem doeu tanto para falar a verdade. O pior foi ele ter dito que me odiava.

Fiquei cheia de remorso e fui atrás da Alice, mas ela só gritou para eu deixá-la em paz.

Quando mamãe chegou, a dedo-duro contou a ela tudo que aconteceu, e eu ainda tive de pedir desculpas, como se nós duas tivéssemos cinco anos de idade. Mesmo assim, Alice ainda não está falando direito comigo. Não sei por quanto tempo ela vai ficar nessa de me ignorar, mas está doendo. Ainda mais por saber que ela não queria que eu tivesse nascido. Como se não bastasse, minha mãe me deixou de castigo por uma semana, para eu aprender a não reagir “de forma intempestiva e violenta”. Por isso, me tranquei no quarto e tive mais uma crise de choro. Dona Valkíria já me ameaçou com mais castigos, dizendo para eu abrir a porta, mas não quero sair daqui tão cedo.

Eu me sinto vazia, um nada, e o pior é que ninguém me entende nesta casa.

Como eu odeio minha família, essa cidade, a Megan, o Vini, o Theo!

Não suporto mais isso.

31 de julho (domingo)

Ajuda?



14h30 – Ainda dói em mim, e não apenas a mão queimada ou o fato de o Theo nunca mais ter ligado. Dói tudo.

Ontem acabei tendo de abrir a porta do quarto para minha mãe e meus irmãos entrarem para dormir e recebi uma bronca daquelas. Meu castigo foi ampliado para mais duas semanas e estou sem mesada por um mês.

E você acha que a situação melhorou depois disso? Claro que não. Alice teve de ir ao hospital, pois acordou com uma dor aguda no dente. Enquanto entravam no carro, mamãe frisou que o meu ato infantil custaria ao bolso dela mais algumas centenas

de dólares, pois o preço do pronto-atendimento aqui é muito alto se você não tem algum plano.

Para o meu alívio, Alice vai se recuperar e conseguir ter o dente “colado”. O problema é que ela continua emburrada comigo e mamãe me olha como se eu fosse a pior pessoa do mundo. Meus amigos do Sul, ao menos, concordam comigo que estou passando por poucas e boas aqui. Quero dizer, peguei meu celular e contei a eles tudo o que aconteceu. Joana disse que não saberia lidar com um primo como o meu, já Cecília me abriu os olhos e disse que ainda vou ter muito drama pela frente. Até porque vou ter de lidar com a Megan e a Zoey na escola, encarar a indiferença do Theo pelos corredores, barrar os avanços do Vini, ter aulas de matemática em inglês e ainda aguentar as piadinhas dos alunos da Odyssey.

Esse último motivo, então... Vi hoje que várias pessoas começaram a postar coisas no meu perfil. Eram fotos de extintores de incêndio, carros de bombeiro, fogueiras. Piadinhas ligadas ao meu momento de tocha humana no casamento. Espiei o perfil de algumas delas e vi que estudam na Odyssey High, o que arruinou o restante do meu dia.

Naquele momento, percebi que eles não vão me deixar em paz tão cedo e que eu não tenho como fazer isso parar.

Bem, tentando me animar, o Douglas disse que se eu quiser

dar um tempo e ir visitá-los é só falar, pois terei hospedagem garantida em pelo menos quatro casas em Estrela. Fiquei emocionada. Significa que, não importa o quanto eu estou longe, eles me amam do mesmo jeito e sempre será assim.

Esse pensamento me deu um pouco de força e um sentimento de pertencer a algum lugar, coisa que Orlando poucas vezes me deu.

Não era nem um pouco doloroso viver em Estrela. Eu tinha os meus amigos, a minha casa, a minha cidade em que conhecia cada centímetro. Parecia tudo tão mais simples. Sem dramas.

E a Mari. Nossa, como eu queria abraçá-la agora. Tenho sentido tanta falta do carinho dela... Mas, pelo visto, vou ter de desabafar com minha amiga por telefone mesmo, e só mais tarde, quando ela voltar para casa. Joana disse que ela foi para a casa da avó em Floripa, mas volta hoje ainda.

E é bom mesmo que volte. Ainda não contei a ela tudo que me aconteceu nesses últimos dias, por causa da vontade zero de viver que se instalou em mim, mas preciso saber a opinião dela sobre tudo e ouvir seus conselhos. Ninguém faz isso melhor do que a Mari.

16h30 – Recebi agora uma mensagem do Douglas e não estou acreditando. Se o que ele disse aconteceu mesmo, se não foi um

mal-entendido, este é, de fato, um dos piores dias da minha vida. Porque saber que sua melhor amiga está sofrendo é pior do que qualquer corte ou ferida que possa acontecer com a gente.

19h34 – Era verdade. Todas as mensagens deixadas para Mari no grupo do Whatsapp, assim que a notícia se espalhou, confirmaram o que eu temia. O pai dela morreu! Comecei a chorar não só pelo sofrimento da minha amiga, mas também porque eu o conhecia. Passei minha infância na casa dele e só tenho lembranças boas do seu Carlos.

Mas agora tudo será só lembrança, mesmo.

Apesar da distância, eu precisava confortar a Mari de alguma forma, por isso pensei em ligar pelo Whatsapp, mas percebi mamãe falando ao telefone com a mãe dela.

O tom grave de dona Valkíria dizia tudo. Até ela estava sentida. Não que minha mãe seja insensível, mas às vezes ela consegue esconder as emoções como ninguém. Agora, no entanto, era óbvio que ela estava abalada.

“Meus sentimentos, Andreia. Você sabe que pode contar comigo para o que precisar, mesmo estando tão distante. Fique com Deus e não se esqueça de que Ele sabe o que faz. Carlos está na glória agora. Ele está ciente do quanto vocês o amam.”

Fiquei parada ouvindo minha mãe falar. Eram palavras que

tentavam dar algum conforto, palavras que muitas pessoas diziam para outras nessas situações, mas que, no fundo, só tentam amenizar a dor e não parecem surtir efeito, para ser sincera.

Quando mamãe começou a se despedir, fiz um sinal para ela parar e pedi o telefone. Ela me passou, e então pude perceber o quanto a tia Andreia estava destruída.

Eu: Eu sinto muito mesmo, tia.

Andreia: Obrigada, querida. Você sempre foi um amor.

Eu: Como a Mari está?

Andreia: Péssima. Foi tudo muito rápido. Ninguém esperava. Ninguém nunca espera.

Eu: Posso falar com ela?

Andreia: Sim. Vou chamá-la. Ela está no quarto com as amigas. Acho que o calmante que dei a ela ainda não fez efeito. Ela vai gostar de ouvir sua voz. Espera um pouquinho.

Devo ter esperado uns cinco minutos, mas mesmo sendo uma ligação internacional, eu esperaria uma hora se fosse preciso.

Quase não reconheci sua voz quando minha amiga atendeu.

Eu: Mari?

Mari: Oi, Bá.

É estranho e doloroso o modo como a tristeza se impõe em nossa voz. Como toma todo nosso corpo e nos faz pensar em desistir.

Eu: Como você está?

Eu sei. A resposta era óbvia. Mas é uma pergunta padrão e acho que mostra à outra pessoa que você se importa.

Mari: Mal. Está doendo muito. Não achei que fosse sentir isso algum dia. Eu tenho pés e não sei para onde ir. Ao mesmo tempo, sinto que não devo ir a lugar algum, porque tudo parece mais um pesadelo.

Eu: Posso imaginar.

Mari: Não, você não pode. Não dá pra imaginar o que é ver o seu pai morrer na sua frente e não poder fazer nada.

Ela começou a chorar, mas continuou falando entre soluços.

Mari: Tinha sido um dia tão bom. A gente se divertiu à beça na casa da vó. E ele estava bem. Não parecia que o coração dele ia parar.

Eu: É. Eu sei. Cecília me disse que ele começou a se sentir mal assim que vocês voltaram à Estrela.

Mari (com voz de quem segura o choro): Sim. Ele garantiu que não era nada demais. Só um mal-estar porque tinha passado muito tempo dirigindo. Disse que estava cansado. Eu o vi cair na cozinha logo depois. Comecei a gritar pela minha mãe. Ele levou a mão ao coração e gemeu. Tentei segurá-lo e dizer para ficar calmo enquanto minha mãe ligava para a emergência, mas ele fechou os olhos e não disse mais nada. Pareceu que a dor que tinha passado. E tinha mesmo. Ele morreu na minha frente. E eu... eu... nem me despedi. Eu só queria poder falar com ele de novo. Dizer que eu o amo, mesmo quando ele me dá bronca. Mas...

Nesse momento, Mari caiu num choro compulsivo, e eu já estava chorando também, porque o pai da Mari sempre foi ótimo. Fazia tudo o que podia pela filha e era presente, mesmo quando ela não queria que ele fosse.

Mari tinha uma família daquelas que você fica com inveja por se amarem tanto, por serem tão compreensivos uns com os outros. Agora aquilo havia acabado.

Eu: Sinto muito, amiga. Sei que nada que eu disser vai

melhorar o que você está sentindo, mas quero que saiba que eu amo você. E que o seu pai, onde estiver, sempre vai ter muito orgulho de ti, porque você é a menina dele. E não importa quanto tempo passe, ele vai viver, sim, dentro do seu coração.

Minha amiga ainda estava chorando. Deus, como aquilo era difícil!

Mari: Ob-obrigada, Bá. Eu, eu... também te amo. Queria tanto que você estivesse aqui.

Eu: Também queria estar.

Queria de verdade. Eu queria poder abraçá-la até toda a tristeza ir embora. O problema é que, com nós duas separadas por um oceano de impossibilidades, só me restava dizer aquelas palavras de sempre.

Mari: Se você estivesse aqui, acho que tudo seria um pouco mais fácil. Pelo menos você estaria ao meu lado. Sinto sua...

E essa foi a última coisa que ela disse antes de a ligação cair.

Eu nem estava conseguindo enxergar direito por causa das lágrimas, mas tentei digitar o número dela de novo. Minha mãe

não deixou e tomou o telefone das minhas mãos.

Berrei para ela me devolver, mas mamãe disse que eu poderia falar com Mari no dia seguinte. Logo reagi, falando que não acreditava que ela ia bancar a “pão-dura” logo naquele momento, e mamãe se defendeu, justificando que minha amiga precisava descansar um pouco enquanto tenta assimilar tudo o que aconteceu, pois perder alguém de forma fulminante não é fácil.

“Por isso mesmo. Eu preciso falar com ela”, foi o que eu disse, tentando puxar o telefone. De novo ela não deixou e ainda falou que eu não poderia fazer nada, que dizer sinto muito não vai mudar o que a Mari está sentindo e que o que ela realmente precisa é de paz e do conforto das pessoas ao lado dela.

Aquilo me deu muita raiva.

“Bom, eu estaria ao lado dela se você não tivesse inventado essa mudança maluca para essa droga de país”, reagi.

Mamãe perdeu a paciência e disse que sabia que eu estava triste por causa da minha amiga, mas que não usasse aquele tom com ela. Depois disso não tive como ficar quieta.

“Por quê? Você vai me colocar de castigo? Mais um mês no meu quarto? Sinceramente, nem precisa se incomodar porque essa cidade já é um grande castigo para mim.”

E então ela berrou para eu deixar de ser malcriada.

Eu não aguentava mais tudo aquilo. O peso ficou insuportável nas minhas costas. Todos que eu amava não me amavam de volta na mesma proporção. Minha mãe, Alice, Dani, Theo...

Constatar isso fez um ódio novo brotar no meu coração. E ele queria sair.

“Eu odeio você. Odeio essa casa, odeio esse bairro. Odeio Orlando. Odeio tudo! Tudo!”, explodi.

Minha mãe ensaiou todo um discurso sobre malcriação, mas eu não estava mais ouvindo. Vim para o banheiro e me tranquei, chorando.

E as ameaças de mais castigo só fazem uma ideia crescer na minha mente.

Depois de algum tempo trancada, essa ideia ganhou vida e me tomou por completo. Eu vou embora. Eu vou deixar Orlando para trás e morar com meu pai.

Ninguém vai sentir minha falta aqui e tem alguém que precisa desesperadamente de mim no Brasil.

É hora de voltar.

Ainda 31 de julho (domingo)

Operação DVAB (De volta ao Brasil)



23h45 – Saí do banheiro o mais tarde que pude, a tempo de receber uma bronca daquelas e ainda ver minha família indo lanchar no McDonald's e me deixar em casa de castigo.

Melhor. Isso só me dá mais forças para seguir em frente com o plano.

Confesso, porém, que não está sendo nada fácil.

O primeiro desafio foi encontrar o cartão de crédito de mamãe para comprar a passagem, já que chegar ao aeroporto com o dinheiro vivo que ganhei no Al's Big Subs e de presente de aniversário de papai seria muito estranho. Como ela tem dois, sempre esconde um deles em casa, para emergências.

Sabendo disso, vasculhei o armário inteiro até achá-lo. Eu sabia a senha (assim como sei a senha do cartão do meu pai), pois minha mãe nunca pensou que eu fosse usá-lo sem ela saber. Isso doeu um pouco, pois significa que ela confia em mim a esse ponto. Mas lembrei da preferência da mamãe pelos meus irmãos e isso fez minha raiva voltar.

O mais difícil foi comprar a passagem. Na verdade, demorei a entrar no site depois de encontrar o cartão, porque havia um motivo bem maior impedindo meu plano. Sendo menor de idade, eles não me deixariam viajar sem acompanhante. Eu até tenho uma autorização expedida por um tribunal brasileiro e assinada pelo meu pai, pois foi assim que vim para Orlando com mamãe, mas sozinha as coisas ficam complicadas.

Eu já estava frustrada, dando minha volta ao Brasil como algo que não iria acontecer, quando me lembrei da prima do Theo. Ela e as amigas vão embora nesta semana, e Bruna e Cléo estão sem os pais.

Se eu conseguisse ir no mesmo voo, poderia fingir que também estava com os pais da Tathi. Era uma jogada arriscada, mas eu não tinha muita saída. Mesmo sendo minha decisão, duvido que mamãe me deixasse ir morar com meu pai.

Então mandei uma mensagem para Bruna. Claro que não ia contar meu plano. Não sou burra. Apenas pedi a ela para

confirmar a companhia aérea, o aeroporto e o horário do voo, pois queria ir me despedir delas. Depois entrei no site da United Airlines. A compra da passagem deu um certo problema e levei tempo até localizar o voo das meninas. Acabei achando, mas foi difícil fazer a compra.

O site ficava dizendo que eu estava fazendo algo errado e não completava a ação. Achei que fosse o destino conspirando para eu ficar, até que consegui comprar o último lugar no voo. Fica numa poltrona horrível no fundão do avião, mas não importa.

Tudo bem que não tenho dinheiro suficiente para comprar também a passagem do Rio para o Sul, mas, quando chegar no Brasil, vou ligar para o meu pai e pedir que ele a compre pra mim. Não quero dar a notícia antes para não correr o risco de ele dar com a língua nos dentes.

E pronto. Está feito.

Agora é melhor dormir. Amanhã vai ser um longo dia de malas sendo arrumadas e de escrever cartas de despedida, tudo às escondidas. Sei que essa parte vai ser dolorosa, mas não quero deixar todos sem um aviso. Eles precisam entender por que fui embora, quem sabe para que não cometam os mesmos erros com outras pessoas.

2 de agosto (terça-feira)

Tempo para pensar



11h12 – Até o momento, meu plano está indo bem. Tia Vivian, Vini e mamãe foram trabalhar enquanto Alice levou Dani para brincar com Emma na casa do tio Oscar. Como estou de castigo e não pude ir à casa da Britt com a Ana, aproveitei para arrumar as malas.

Juro que senti um pouco de arrependimento de ontem para hoje e até pensei em desistir, mas nem por isso mudei meus planos. Na verdade, o fato de a Alice ter me chamado de ogra quando demorei tempo demais no banheiro só me deixou ainda mais certa sobre minha decisão, junto com o peso de saber que

minha amiga está deprimida em Estrela.

Ainda preciso escrever as cartas de despedida, então vou escrever os rascunhos aqui e depois passo a limpo.

Mãe,

~~Nem sei como começar essa carta. Sei que você deve estar espumando de raiva, pensando no quanto sou louca e infantil. Talvez eu até seja mesmo.~~

Mas tenho motivos fortes para voltar. Nunca quis vir para essa cidade, e você nos obrigou. Na verdade, tomou a decisão sem nos consultar e impôs sua vontade. Não pensou nos amigos que iríamos deixar para trás nem no conforto que a cidade de Estrela nos dava, principalmente pra mim.

Mas isso não é o pior. O que mais me magoa é você sempre pensar mais nos meus irmãos do que em mim. A preferência pelo Dani é óbvia, e eu até conseguiria conviver com isso, se não existisse a Alice e, se nessa linha de adoração, eu não ficasse em terceiro lugar. Você até esqueceu meu aniversário! Não dá para ignorar isso.

É difícil ser a filha do meio. É difícil ter de fracionar o amor e ainda recebê-lo em migalhas. Ser a filha de bronze, enquanto os de prata e de ouro recebem todos os mimos. Apesar disso, não odeio você como eu disse algumas vezes. Eu te amo, mãe. E me dói bastante ter de ir embora assim.

Mas meu desajuste nessa cidade é tão grande que já

percebi que nunca vou me encaixar, nunca vou me acostumar. Vou ser sempre aquela garota estrangeira e estabanada que não sabe falar inglês direito. Sabia que já tem vídeos rolando entre os alunos da Odyssey High sobre mim?

Sim. Já sou motivo de chacota entre meus futuros colegas. E não quero isso para mim. Então estou voltando para Estrela, para a nossa terra, onde todos são bem-vindos independentemente de onde venham. Porque o Brasil é assim, um lugar que está de braços abertos para qualquer um. E eu preciso desse abraço de novo.

Além disso, minha amiga precisa de mim e não posso deixá-la sozinha nesse momento.

Desculpe-me por não ser a filha que deveria ser. Eu sei que esperava alguém melhor, mas tu tem a Alice e o Dani.

Vou continuar telefonando para ti e falando por Skype, ou o que for. Apesar da distância, você sempre vai ser minha mãe.

Te amo.

Babi

Ana,

~~Queria te dizer~~

A essa altura, você já deve saber que fui embora. Mas

nunca ache que também foi por sua causa. Para ser sincera, você foi uma das poucas pessoas que me fizeram repensar essa viagem, pois ter você na minha vida de novo foi surpreendente.

Quando cheguei a Orlando, achei que nossa antiga rivalidade infantil fosse continuar, porém você foi um amor, sempre generosa comigo. Se eu pudesse escolher uma irmã, ela seria você.

Mas, mesmo você te tendo ao meu lado, ficar não seria fácil. Tu viu como sou uma completa tapada em inglês. Viu o gif e as fotos com os meus micos que já estão rolando na internet. Imagine como seria minha vida no colégio, sem conhecer ninguém e sabendo que todo mundo já me viu da pior maneira? Uma tortura!

Saiba que sempre vou me lembrar de ti com carinho, e as portas da minha casa em Estrela sempre vão estar abertas.

Um beijo, diga para tia Vivian que agradeço por tudo e que nos vemos algum dia no Brasil.

Babi

Vinícius,

Nem sei o que dizer nessa carta. Eu esperava encontrar um Vini diferente quando cheguei a Orlando. Um garoto que ia me esnobar e fazer piada sobre meu amor infantil bizarro. ~~As minhas bobagens.~~

Nos primeiros dias, achei que tinha me enganado, pois tu parecia ter ficado maduro e crescido, mas depois de um tempo é que comecei a ver o que tu virou. Um garoto possessivo, egoísta, vingativo, que não tem o menor respeito por mim e só quer satisfazer o seu ego, custe o que custar.

Hoje, depois desse tempo convivendo contigo, deixo Orlando decepcionada. Triste por ver o primo que eu adorava ter se transformado nessa pessoa tão ruim.

Espero que essa carta ao menos te dê um pouco de luz. É o que você mais precisa agora.

Babi

Acho que está bom. Não são tão compridas, mas dizem o suficiente.

Resolvi não escrever uma carta para o Theo. Eu teria de entregá-la na casa dele e não quero correr o risco de dar de cara com ele lá. Não sei se ele já voltou de Boca Raton. Acho melhor mandar uma mensagem quando eu estiver indo embora.

23h19 – Minha mala está só esperando por mim. Coloquei algumas coisas nela e a mantive onde sempre estive, guardada no armário, para não chamar a atenção. Não estou levando muita coisa, até porque um bando de cabides vazios daria muita bandeira e grande parte do que tenho foi herdado da Alice.

Talvez, no Brasil de novo, eu tenha minhas próprias roupas.

Agora é só esperar.

3 de agosto (quarta-feira)

Nunca é fácil dizer adeus



12h47 – Andei pela casa feito um fantasma, me despedindo em silêncio de tudo e de todos durante a manhã. Minha família não sabe, mas hoje é a última vez que nos vemos neste lugar.

Esse tempo que passei em Orlando pareceu uma vida. Foram dias intensos de descobertas e frustrações. Confesso que vou sentir saudade. É um lugar lindo e hipnotizante como um sonho, e, por isso mesmo, fica difícil separar a ilusão da realidade. Mas em algum momento a vida te chacoalha, até te machuca, e, então, você finalmente acorda e percebe tudo. Como eu percebi.

Por falar em ilusão, preciso mandar uma mensagem para a

maior de todas. Melhor escrever aqui primeiro e só depois enviar. Tenho algumas coisas para dizer e não quero esquecer de nenhuma.

Theo,

Escrever estas palavras dói demais, porque achei que tínhamos algo especial. Mas a culpa é minha por ~~ser uma boba~~, mesmo crescida, ainda acreditar em contos de fadas. Por achar que o “felizes para sempre” alcança a todos.

Não é bem assim. Agora eu sei que não. Na verdade, só com a separação dos meus pais eu já devia ter percebido a mentira dessas historinhas.

Apesar de estarmos nesse lugar mágico, cheio de princesas, castelos e momentos deslumbrantes, nada disso é real. Você não é o Príncipe Encantado nem eu sou a Cinderela. Somos pessoas de carne e ossos,

com defeitos e qualidades. Acho que, às vezes, com mais defeitos do que qualidades, para ser sincera.

~~Sabe, eu sei~~

Isso não significa que tudo o que passei aqui foi triste. Não, tive momentos incríveis contigo que vou guardar para sempre. E, apesar de estar com muita raiva de ti, não te desejo mal.

Mas agora é hora de partir. Encarar a realidade e ir em busca do que é melhor para mim. ~~Eu preciso dessa~~

Sei que vou sentir saudades, mas é assim que deve ser. E se nenhuma palavra dessa mensagem te fizer entender o que eu sinto, acho que essa música diz tudo. Sim, eu estou indicando uma música para ti. Talvez um dia ela se transforme numa máquina do tempo, como todas as outras que tu me mandou.

Indicação

“Big Girls don’t Cry”

Fergie

I hope you know, I hope you know
That this has nothing to do with you
It’s personal, myself and I
We got some straightening out to do

And I’m gonna miss you
like a child misses their blanket
But I’ve gotta get a move on with my life
It’s time to be a big girl now
And big girls don’t cry

Adeus. Tenha uma boa vida.

Babi

Tenho de confessar que chorei um pouco escrevendo essa mensagem. Pelo menos o plano está dando certo. A maior parte da minha família foi trabalhar, Ana está na casa de praia da Britt, em Clearwater, tia Jane pegou Dani para dar uma volta com Emma e a única pessoa em casa é Alice. Ainda bem que ela estava vendo TV e adormeceu no sofá da sala.

Vou dar uma olhada e checar se ela continua apagada. Se estiver, passo a mala pela janela, volto para fechar a porta do quarto e saio pelo mesmo lugar. Desse jeito, minha irmã vai achar que me tranquei mais uma vez, o que vai me dar tempo de chegar ao aeroporto.

Só falta pedir um táxi. Claro que dar o endereço da tia Vivian só me denunciaria para Alice, por isso vou esperar no começo da rua, que é mais seguro. Mesmo não entendendo inglês direito, acho que consigo falar o básico com o taxista.

É o que eu espero.

Ok. Chegou a hora.

14h40 – Ainda nem consigo acreditar que a fuga da casa da tia Vivian deu certo e muito menos que cheguei direitinho aqui ao aeroporto de Orlando.

Tremi na hora de fazer o *check-in*, quase desmaiei na fila, e, apesar de a atendente da United ter me olhado de modo

estranho, não disse nada quando viu meu documento da Justiça brasileira. Está tudo indo tão bem que comecei a desconfiar do destino.

Depois de despachar as malas, me sentei aqui na praça de alimentação para escrever enquanto espero a hora do embarque.

Ainda não vi as meninas, não sei se fizeram *check-in* e já estou começando a ficar com medo de ter escolhido o voo errado. Sem elas, como vou fazer o teatro de que estava de turista na Disney?

Não vai colar, e eles vão me impedir de viajar.

Mas nada está perdido ainda.

18h20 – Consegui achar as gurias! Mande uma mensagem dizendo que estava no aeroporto esperando por elas e recebi uma resposta da Bruna logo depois, explicando que tinha acontecido um problema no cartão de crédito da mãe da Tathi na hora de fazerem o *check-out* no hotel, mas que elas já estavam chegando.

Quando me viram perto do portão de embarque da companhia pareciam felizes, até que perceberam o passaporte na minha mão. Expliquei que não tinha vindo só para me despedir, e então elas se olharam sem entender nada.

“Estou indo para o Brasil também, no mesmo voo que

vocês.”

“Como assim?”, Bruna perguntou, desconfiada.

Nem precisei fazer uma cara triste. Foi só lembrar os últimos dias e os sentimentos vieram à tona.

“O pai da minha melhor amiga morreu, e ela está arrasada, então vou lá dar uma força. É o mínimo que posso fazer.”

“Nossa, que lindo. Aposto que ela vai gostar muito de te ver”, foi o que a Cléo disse.

Fiquei com vergonha de ter envolvido a Mari na mentira, mas, em grande parte, eu estou indo nesse momento por ela mesmo. Minha amiga está esvaquiada por dentro e sempre prometi que estaria ao seu lado quando precisasse. Bom, havia chegado a hora de provar que eu não falava isso da boca para fora. Porque amigos são para isso, para reunir os pedaços do que restou de você quando a vida te dilacera.

“Mas cadê sua mãe?”, Tathi estranhou.

Sim. O momento embaraçoso havia chegado.

Respondi que ela não estava comigo e que eu ia sozinha.

Bruna achou aquilo estranho. Disse que nem a mãe dela nem a da Cléo deixariam as duas fazerem isso, então precisei continuar mentindo, contando que a minha mãe confia em mim.

As meninas ficaram admiradas por eu ter uma mãe tão desprezada e perguntaram quando eu voltaria. Como não tinha

pensado nisso, falei a primeira data que me veio a mente: no final da semana.

Depois disso, o assunto começou a girar em torno do Theo. Bruna perguntou se ele tinha me ligado e, quando falei que não, Cléo disse que, com certeza, ele ligaria e pediria milhares de desculpas quando eu voltasse para Orlando.

Imaginei a cena, sabendo que nunca iria acontecer, pelo simples motivo de que não vou voltar. Essa constatação fez meu coração doer um pouco, mas segui com as meninas para o portão de embarque. Meu coração continuou doendo a cada passo, pois eu não estava mais certa se era aquilo mesmo que eu devia fazer, mas então a Mari veio à minha cabeça e sua voz cheia de dor preencheu todos os espaços da dúvida.

Eu sei que tenho de ir, estou firme em minha decisão. Mas confesso que, quando ouvi uma voz de garoto chamar o meu nome, meu coração acelerou. Por mais que eu não espere, por mais que minha mente não queira, há uma parte de mim que quer ficar.

Uma parte de mim adestrada pelos filmes esperava que aquilo acontecesse. Era SEMPRE assim. Era o destino. Ele tinha vindo me buscar. Quando me virei, meu coração parou no peito. Apesar da corrida que fez até ali, ele me olhou sorrindo e, pelo choque, não consegui sorrir de volta.

“Acho que é você não, é? Bárbara?”, o garoto desconhecido disse, em português, me estendendo um passaporte.

Inundada pela frustração, levei tempo para perceber o que estava acontecendo. Só despertei para a realidade quando a Bruna me cutucou. Agradei ao garoto e peguei o passaporte que, segundo ele, eu havia deixado cair alguns metros atrás.

Com o passaporte e as passagens em mãos, além da tristeza que me tomou por inteiro, fiquei mais perto das meninas e dos pais da Tathi para conseguir passar pela representante da companhia aérea.

Ela viu a autorização das meninas e, quando chegou a minha vez, pareceu demorar mais. Algo me dizia que ela tinha encontrado algum problema, que talvez fosse a data. Não. Era tudo invenção da minha cabeça culpada.

Depois de alguns segundos, ela me estendeu as passagens junto com a autorização e o passaporte e sorriu, me mostrando o caminho a seguir.

Só então percebi que o medo tinha prolongado ilusoriamente esse momento, pois as meninas comentaram como a mulher nem olhou direito nossos documentos.

Após passar por todo o controle de segurança, comecei a sentir falta de ar e tive de pegar minha bombinha antes que começasse a ter uma crise de asma. Passei a maior parte do

tempo quieta, mesmo que as meninas falassem sem parar. Pelo menos elas atribuíram minha tristeza à morte do pai da Mari e não me importunaram.

A hora do voo chegou, e mais uma vez tive de encarar um funcionário conferindo meus documentos. Dessa vez, ele se demorou mais, porém foi no passaporte.

Nem acreditei quando ele me liberou e segui para meu assento, que fica bem afastado do das meninas. E estou aqui escrevendo enquanto vamos para Miami. Ainda vou enfrentar mais uma etapa de estresse, mas, assim que conseguir passar pelos funcionários da companhia por lá, não vai ter volta.

Minha última parada vai ser o Brasil.

3 de agosto (madrugada do dia
4, quinta-feira)

Cenas de cinema



3h25 – Ainda não consigo acreditar em tudo o que aconteceu. É surreal demais. Coisas que só vemos nos filmes. Assim que chegamos aqui no aeroporto de Miami, nos acomodamos na área de embarque, esperando a hora do próximo voo. Foi quando aconteceu a movimentação.

Pessoas começaram a passar para lá e para cá, agitadas. Umas cochichavam, outras arregalavam os olhos. Vários passageiros se levantaram das cadeiras da sala de espera, para tentar descobrir o que estava acontecendo. Ao longe, vi alguns

guardas correndo. Ninguém sabia qual era o problema, e as suposições começaram. Um brasileiro disse que alguém podia estar tentando invadir o terminal.

Fiquei apreensiva, e então o pai da Tathi foi atrás de informações. Na mesma hora, alguém começou a falar pelo alto-falante. Os olhos da Bruna, da Cléo e da Tathi se arregalaram. Olhei para elas sem entender, até que a mãe da Tathi agarrou a filha menor, Maria Fernanda.

“Vamos!”, ela disse, gritando para a gente.

O pai da Tathi já estava voltando quando os seguranças surgiram em bando. As pessoas entraram em pânico. Gritei para saber o que estava acontecendo, mas, na correria, ninguém me respondeu. Algumas pessoas choravam e tiveram de ser escoltadas pelos guardas.

“Suspeita de bomba”, Tathi disse, algum tempo depois, quando estávamos sendo conduzidas por funcionários para fora do terminal.

Alguns tentavam manter a normalidade, mas a histeria já tinha se instalado, e eu era uma dessas pessoas histéricas. Na minha cabeça aquilo era um pesadelo. Não podia estar acontecendo. No meu último dia nos Estados Unidos, eu corria o risco de explodir pelos ares graças a algum maluco! Se eu precisava de mais um sinal para ir embora daquele país, acho

que esse foi bem forte.

Apesar de termos sido levados para uma área que, segundo as autoridades, era segura, comecei a chorar. Bruna me consolou, mas, mesmo sendo durona, também estava tremendo. Ficamos sentadas durante quase três horas naquela parte do aeroporto.

Pelo celular, Tathi buscou informações na internet sobre a história da bomba. Ninguém explicava nada para nós, mas as redes sociais diziam que a polícia e os esquadrões especiais estavam fazendo uma varredura no terminal e num determinado avião, e que ainda não haviam encontrado nada.

A mãe de Tathi rezava enquanto o pai tentava distrair a Fefê.

Algum tempo depois, que pareceu uma eternidade, afirmaram que estava tudo bem e que já podíamos voltar para nosso terminal, pois a suspeita era relacionada àquele avião em específico, que a polícia levava para um hangar isolado. Fizeram uma varredura nele e não encontraram sinal de bomba.

Apesar da confusão, conseguimos ser colocados em outro voo, que sairia às onze. Fiquei nervosa enquanto caminhávamos pelo aeroporto, imaginando que eles podiam ter deixado passar alguma bomba e que ela podia explodir a qualquer momento. Não aconteceu, mas meu medo me fez usar a bombinha de novo

para não entrar em crise.

Então, tentei varrer os pensamentos ruins para longe da minha mente. Foi quando ouvi uma discussão se aproximar de nós. Era um grupinho de pessoas falando inglês, a maioria funcionários da United e... advinha?

Lá estava minha irmã Alice, furiosa, apontando para mim enquanto falava em inglês com os funcionários (pra ser mais exata, ameaçando processar a companhia por ter deixado uma adolescente embarcar sozinha sem o consentimento dos pais).

Nervosa, perguntei o que ela estava fazendo ali, ao que minha irmã disse: “Essa é a pergunta que toda a nossa família quer fazer para você: o que está fazendo aqui, sua maluca?”.

Os pais de Tathi e as meninas olharam para mim sem entender o que estava acontecendo. Mentir, claro, não adiantaria. Tudo que eu temia havia virado realidade. Então expliquei mais uma vez que não aguentava mais viver em Orlando e que precisava ver a Mari porque o pai dela morreu.

“É. E por causa disso você quase mata nossa mãe do coração. Sabia que ela teve de ir para o hospital? Ela teve uma crise de hipertensão por sua causa. Por isso eu tive de vir. O médico pediu que ela ficasse em observação até a pressão normalizar. Mas está difícil... Ela continua muito preocupada com você e sua fuga maluca.”

Meus olhos se encheram de lágrimas. Se antes eu já estava começando a ficar arrependida, naquele momento fiquei totalmente arrasada. Tinha perdido a confiança das pessoas da minha família e ainda colocado minha mãe no hospital. Onde é que eu estava com a cabeça quando achei que fugir era uma boa ideia?

Comecei a me desculpar, explicando que não conseguia mais me ver vivendo aqui, quando minha irmã me interrompeu.

“Ah, é? E aí você achou que atravessar um oceano e deixar sua família em pânico era a solução? Desculpa, mas a vida não funciona desse jeito!”

A essa altura, todos ali já tinham entendido tudo. Cléo levou as mãos à boca, horrorizada por saber que eu estava fugindo, e os pais da Tathi me lançaram um olhar de repreensão, balançando a cabeça, desapontados.

Felizmente, o voo deles começou a ser chamado e todos se despediram dizendo que iam embarcar, reduzindo meu constrangimento. E foi aí que a ira da Alice se mostrou de verdade, ainda que tivéssemos os funcionários da United como plateia.

“Você não entende”, soltei depois de um tempo para minha irmã.

“O seu comportamento imaturo? Com certeza não.”

“Você fez coisa pior quando fugiu com o seu namorado gótico maluco”, lembrei.

“É, e achei que você tinha aprendido com meu erro. Mas não...”

Ainda tentei argumentar dizendo que ela não sabia o que eu tinha passado e o quanto ela e o Dani são os queridinhos, e que isso só tinha ficado mais claro nos Estados Unidos, especialmente depois de todas aquelas compras que mamãe tinha feito para os dois.

Isso fez minha irmã começar a rir de forma debochada.

“Você é mesmo tão boba”, ela disse. “Só olha para o seu umbigo.”

“O que você quer dizer?”

“Mamãe ama você, sua tapada. Tanto quanto me ama e ama o Dani. Sempre que compra uma coisa para um de nós, ela fica desesperada para compensar os outros, fazendo contas e vendo o que pode ou não gastar. Aquelas maquiagens custam uma merreca. Elas só são caras no Brasil porque lá são importadas, cheias de impostos que aumentam o preço. E sabe por que mamãe comprou aquilo? Para tentar me animar, pois eu estava deprimida. Sabia que nossos vistos de turista vão expirar e vamos ficar ilegais? Sim, mamãe está tentando conseguir um *green card* para que isso não aconteça, já até pagou três mil

dólares por cada um de nós para um advogado de imigração que está agilizando os papéis do nosso processo. Mas, se ele não conseguir, não vou poder fazer faculdade de psicologia aqui. E por isso eu estava deprimida naquele dia.”

É. Eu não fazia ideia.

“E sei que sou chata com você às vezes, mas todo o drama que você faz me irrita. Você age como se fosse a única a ter sentimentos. Eu também tenho, sabia? Mesmo que não pareça. E, apesar dos meus sonhos, meus sentimentos pela minha família são maiores. Por isso larguei a faculdade e vim com vocês para Orlando. Por isso me dediquei a cuidar do Dani, para nossa mãe trabalhar em paz. Eu também fiz sacrifícios. Até maiores que os seus. Tudo pela nossa família.”

Senti pena da Alice. Ela era uma chata comigo, mas eu não tinha percebido tudo que ela tinha abandonado para estar com a gente.

“E a mamãe... Nossa. Ela passou por tanta coisa, teve a vida tão revirada em poucos meses, que era difícil aguentar você choramingando pelos cantos de Estrela como se nós estivéssemos arruinando apenas a *sua* vida. E quando nos mudamos, as coisas não melhoraram. Você só enxerga a sua dor e a de mais ninguém. Aposto que nem percebeu que o quarto ficou diferente depois que nós chegamos.”

(Não, é claro que eu não tinha percebido.)

“É. Porque a primeira providência que nossa mãe tomou foi tirar o carpete e comprar roupa de cama hipoalergênica por sua causa. Eu mesma tive de dormir na cama de solteiro e te deixar no colchonete novo porque o colchão estava velho e cheio de ácaros.”

Todo aquele discurso fez eu me sentir uma idiota, e Alice disse que eu devia mesmo me sentir assim, pois mamãe sempre fez o melhor por todos nós. A preferência sempre esteve na minha cabeça, não na dela. E ainda disse que, da próxima vez que eu pensar em fugir, eu deveria lembrar que eles me amam muito.

Rebati dizendo que não tinha fugido e que ela estava dizendo aquilo da boca pra fora, e então Alice fez algo que eu não esperava.

“Não. Não estou. Você é minha irmãzinha, querendo ou não. A irmã que tanto pedi à mamãe. Posso ter dito que não queria que você nascesse, mas foi num momento de raiva, Bárbara. Eu vibrei quando você nasceu, fui eu quem escolheu o seu nome, sempre ia dormir na sua cama quando você tinha medo do escuro, e te defendia quando alguma garota ridícula na escola te chamava de pastel de vento por causa da asma. Lembra? Se somos diferentes agora, é porque amadureci mais

que você e já tenho um olhar diferente para tudo. Só isso.”

Comecei a chorar, e então ela me abraçou, como não fazia há anos, dizendo que me entendia um pouco, pois já foi muito parecida comigo, mas que sair de Estrela para fazer faculdade em Porto Alegre tinha mudado a na vida dela.

“Cidades pequenas, às vezes, geram mentes pequenas. Não é regra, mas foi o seu caso”, ela completou.

Passamos um tempo em silêncio, ainda abraçadas, e então minha irmã prometeu que vai tentar ser mais compreensiva comigo, pois eu ainda estou crescendo e fazer algumas besteiras nesse processo é normal.

Mas, pasme, ela não apenas disse tudo isso como também pediu desculpas, o que aceitei na hora. Afinal, conheço Alice o suficiente para saber que tudo aquilo tinha um valor imenso para ela. Minha irmã nunca foi do tipo que se desculpa por qualquer coisa.

Como talvez nunca mais tivesse coragem de dizer aquilo para ela, falei baixinho que a amava e recebi de volta um “eu também te amo, sua boba”.

Depois de nossa reconciliação, os funcionários da companhia foram conversar com minha irmã. Tenho certeza de que eles estavam com medo de que ela fosse de fato processá-los pela negligência comigo, por isso não cobraram pelo nosso

voo de volta para Orlando.

É. Eu estou conformada. Por mais que queira ver a Mari e não goste daqui, nada pode se colocar entre minha família e eu. Às vezes, por mais que não queira, e pelo bem dos que ama, você precisa fazer sacrifícios. E é o meu momento de demonstrar que não sou uma criancinha, mas uma pessoa que entende os outros e seus problemas.

Enfim... Ainda vou mofar um pouco nesse aeroporto porque nosso voo só sai às cinco. Vai ser o ponto final de minha aventura, o que não significa que tudo esteja, de fato, terminado.

Digo isso porque recebi um áudio do Theo, só que, em vez de música, era uma mensagem que acabei de ouvir. E ela dizia isso (sim, vou copiar para não esquecer):

Oi. Não sei se você vai ouvir essa mensagem, mas preciso falar. É a única forma que tenho de explicar as coisas agora.

Bom, fui a Boca levar a vovó, não sei se você sabe. Eu estava me sentindo desconfortável, e não era só pela Zoey estar o tempo todo no meu pé (sim, ela foi, mas não tive culpa nisso). Eu sabia que precisava falar com você, só que ainda estava irado com seu primo e toda aquela história. Foi quando minha prima começou a me mandar várias fotos. Achei que fossem da viagem e, como estava sem paciência pra nada, não olhei.

Só muito depois, quando ela me ligou e explicou o que

eram as fotos, eu resolvi dar uma olhada. Eram partes do seu diário (calma, foram poucas, eu juro) e que me fizeram entender o que estava acontecendo, as suas dúvidas, o que você realmente sente...

Por isso acho que agora você precisa saber a minha versão da história também. Sabe o caso do alarme de incêndio? Bom, tinha uns caras que odiavam o Vinícius na escola. Eles sempre implicavam com ele, mas, naquele dia fatídico, eles me escolheram para fazer uma pegadinha com o seu primo porque, segundo eles, ninguém ia desconfiar de mim. Então me deram uma caixa com uma cobra e disseram para eu botar no armário do seu primo durante a aula de educação física e falaram que, se eu não fizesse isso, iam me bater. Pensei em contar tudo ao professor, até fui em direção à mesa dele, mas os olhares que os caras me lançaram acabaram com a minha coragem e acabei pedindo para ir beber água. Foi no corredor que tive a ideia de disparar o alarme. Achei que assim, com a confusão, seu primo e eu ficaríamos livres, ele da cobra e eu de apanhar, mas você sabe o que aconteceu.

Eu realmente quis tirar a culpa do Vinícius. Foi meu pai quem me obrigou a ficar quieto. E, como castigo do universo, os dois garotos começaram a me perseguir no lugar do seu primo. Foi por isso que fui morar com minha mãe no Brasil. Eu não aguentava mais sofrer bullying nem a direção só sugerir que eu mudasse de escola.

Bom, é isso. Vou entender se você não acreditar em mim. Mas, se isso acontecer, eu só quero que saiba que me importo com você e ter te perdido doeu demais. A essa hora, a Alice já

pousou no aeroporto de Fort Lauderdale e deve estar indo de táxi para te pegar no aeroporto de Miami, porque o lance da bomba parou o tráfego aéreo aí. Se ela tiver conseguido, eu só queria pedir desculpas. Vou fazer de tudo para compensar a tristeza que te causei. E se você ainda quiser me dar essa chance, vou estar te esperando no aeroporto. Alice é minha aliada agora, e ela prometeu me ligar quando tiver notícias. Então... Um beijo e talvez até daqui a pouco.

Bom. Eu estou voltando, sim, e de certa forma feliz com esse áudio, porque tudo agora faz sentido. Theo errou, mas tentando acertar, e acabou sofrendo as consequências. O problema é que ainda existem outras coisas para ser resolvidas... Bem, é melhor eu deixar o momento acontecer.

4 de agosto (quinta-feira)

Casa de tia Vivian. O mesmo lugar, um novo caminho



8h57 – Alice e eu estávamos no saguão do aeroporto dois meses depois de nossa primeira aterrissagem em Orlando, e mais uma vez tive uma sensação de recomeço.

Agora, no entanto, eu vou ter de me esforçar mais do que da outra vez, porque Orlando e eu já temos nossas diferenças. Somos alienígenas tentando conversar. Mas depende só de mim tentar superar essa barreira. Se meus antepassados, ao chegarem ao Sul do Brasil, tiveram de aprender o português e se habituar à rotina brasileira, eu também consigo aprender inglês

direito e me adaptar.

E, por mais que eu odeie estar aqui, essa cidade de alguma forma me mostrou o quanto o mundo é diferente e que mudar pode trazer surpresas boas.

Theo é uma delas.

Ele não estava no saguão principal quando passamos, o que me deixou preocupada, daí Alice sugeriu que procurássemos pelo balcão de informações da United para saber o que poderiam fazer sobre minhas malas, que deviam estar seguindo para o Brasil.

Fui atrás dela, nervosa e sem um pinga de sono, pensando que o Theo não fosse nos achar, mas assim que pegamos a escada rolante eu o vi parado no saguão inferior, esperando por nós.

Não consigo descrever minha sensação ao vê-lo. Ele me acompanhou com os olhos e deu alguns passos tímidos em direção à escada.

Aquele percurso, de no máximo quinze segundos, pareceu conter um milênio disfarçado. Quanto mais eu me aproximava, mais o sorriso do Theo aumentava, e eu não conseguia imaginar como tinha tomado a decisão de nunca mais vê-lo. Parecia impossível ficar sem ele agora.

Por mais que ele tenha mudado um pouco desde que o

conheci (ou talvez seja só impressão, já que as pessoas parecem diferentes depois que as conhecemos melhor), ainda tem aquele jeito moleque e vivo de quando nos esbarramos no avião. A pele branquinha cheia de pintas adoráveis, parecendo uma constelação, e os olhos azul-piscina, magnéticos como ímãs atraindo ferro. Quando chegamos ao final da escada, ele se aproximou.

“Eca, esse olhar meloso de vocês dois me dá diabetes”, minha irmã disse.

Claro. Tínhamos voltado ao normal, com Alice sendo Alice. Mas minha irmã não ficou por ali, ela apenas deu um “oi” para o Theo e disse que ia procurar o balcão da companhia.

Fiquei meio sem saber o que fazer quando Theo e eu paramos frente a frente, então apenas sorri, meio tímida, enquanto ele deixou seu lado extrovertido falar por nós dois.

“Que aventura, hein”, disse ele, rindo.

“É. Posso dizer que sim.”

“Você sabe que também foi meio maluquice, não é?”

Revirei os olhos.

“Ah, não, Theo. Por favor. Já tomei uma megabronca da minha irmã. Dá um tempo, vai.”

“Tudo bem. Não vou bancar o maduro cheio de conselhos, até porque também faço umas burradas de vez em quando. E,

além do mais, você ainda vai ouvir bastante da sua mãe.”

Essa lembrança fez meu crescente entusiasmo murchar. Na real, estou agitada até agora e tremendo só de imaginar como vai ser. Mesmo tendo acabado de ouvir a bronca da minha tia (que foi de partir o coração desde o momento em que botei os pés de novo aqui dentro), a pior com certeza vai ser a da dona Val. Só não a ouvi ainda porque tia Vivian deu um calmante tão forte a ela que mamãe acabou apagando antes que eu chegasse em casa. Mas não adianta. Mais tarde sei que não escapo. E, mesmo que me doa pensar nisso, estou merecendo.

Voltando à conversa, pedi ao Theo para mudar de assunto, e ele então pediu desculpas.

Fiz uma pausa como se fosse pensar, quando, na verdade, precisava apenas criar coragem, o que acabou acontecendo, pois não tinha mais nada a perder.

“Que tal a gente falar sobre a Megan antes?”

Theo ficou calado por alguns segundos, e então respirou fundo e tirou seu celular do bolso, dizendo que queria me mostrar uma coisa.

Era uma gravação da festa de casamento e, ainda que o vídeo fosse direcionado para o Theo e a Bibi no palco, pela posição em que a pessoa estava via-se claramente a Megan e eu. E finalmente vi o que aconteceu. Um garotinho foi devagar até a

mesa e, olhando para os lados, esticou a mão para pegar uma sobremesa. Com isso, derrubou uma vela, que estava próxima ao prato, e saiu correndo sem perceber que ela havia rolado até mim.

Quando a gravação terminou, eu não sabia o que dizer. Aquele vídeo parecia resultado de um evento ocorrido num universo alternativo. “Viu? Eu te disse. A Megan não é má. É só uma garota de cabeça fraca influenciada por péssimas amizades. Ah, e também não foi ela quem fez o GIF. Pressionei Zoey, que acabou admitindo tudo.”

Aquilo me deixou péssima e envergonhada. Também, o que ele queria? A garota me odeia e eu não a conheço direito, como ele. Pelo histórico entre nós duas, era normal que eu pensasse aquilo sobre Megan. Daí Theo tirou um papel amassado do bolso.

“Falando em conhecer...”, ele disse, limpando a garganta e começando a ler como se fosse uma lista. “Sua cor favorita é lilás. Você já teve um cachorro chamado Bubu e, quando criança, seu maior medo era se perder de sua família no supermercado. A marca no seu joelho direito é porque você caiu de bicicleta quando tinha oito anos...”

Perguntei quem tinha contado tudo aquilo a ele, e Theo respondeu, rindo, que tinha sido a Alice.

“Mas, sabe o que eu sei mesmo sobre você?”, ele

continuou. “Sei que você tem o sorriso mais lindo do mundo, que quando você está ouvindo música fica acompanhando a letra, murmurando e enrolando o cabelo. Sei também que ninguém olha para mim como você e que ainda preciso te conhecer mais, mas isso vai acontecer aos poucos. Só não posso te prometer que tudo vai ser sempre perfeito, porque não depende apenas de mim, e a gente não sabe o que vai acontecer daqui a dois minutos nem daqui a dois anos. O que prometo é que vou dar o meu melhor para que seja perfeito. Porque vale a pena. Com você *tudo* tem valido a pena.”

Ao dizer aquilo, Theo encostou seu corpo no meu e me deu um beijo como nunca havia dado. Todas as incertezas foram embora naquele momento. Eu gosto dele, ele gosta de mim, e é nisso e em tudo o que vamos fazer daqui para a frente que devemos nos concentrar.

Quando o beijo acabou, ele riu e disse: “Ah, tem uma coisa sobre mim que você não sabe. Eu já fui mesmo estrábico, de verdade”.

“Sério?”

Ele fez que sim com a cabeça. “Até os oitos anos. Depois fiz tratamento.”

Perguntei o que mais ele tinha para me contar, mas Theo disse que preferia deixar para depois, pois tinha algo mais

importante a fazer. E então me beijou.

Embora para mim tivessem passado apenas alguns segundos ao lado dele, Alice já tinha voltado e estava fazendo hora olhando para o teto, longe de nós, para não estragar o clima. Isso sim me deixou com vergonha.

Pelo menos agora, mais do que nunca, eu sei que esperar pela perfeição é algo ilusório. Theo tem seus problemas, e eu tenho os meus, e, quando você aceita contar com uma pessoa ao seu lado, está aceitando os problemas dela também.

Acho que, se aprendi algo desde que cheguei a Orlando, é que a vida não é feita só de momentos perfeitos. Ela até tem alguns, mas é preciso que você lute por eles, e nem sempre você vai vencer. Mesmo quando vencer, eles podem não durar tanto quanto você esperava. Mas, como o Theo disse, vale a pena tentar, mesmo que o prêmio seja apenas um breve segundo.

Nunca vou me esquecer disso.

Na saída do aeroporto, o céu limpo de Orlando brilhava para mim. Era o presente de boas-vindas daquela cidade pela segunda chance que dei a ela.

Decidi tentar entendê-la melhor, mesmo com seus quilômetros sendo medidos em milhas, graus Celsius, em graus Fahrenheit e tantas outras coisas que ainda não compreendo. Acho que esse é justamente o problema das pessoas: a gente

sempre rejeita o que é novo ou o que não entendemos com medo do que vamos encontrar se explorarmos a fundo.

Mas, assim deixamos que um mundo de possibilidades se vá e, no final, saímos perdendo. Então vou tentar entender este país e olhar de outra forma para minha família. Por mais que eu não possa recuperar o que perdi, sempre há a chance de fazer tudo diferente. E melhor.

Fim

Agradecimentos

A Giancarlo, meu amigo e companheiro, que há mais de uma década tem tornado meus dias mais felizes. Eu não teria conseguido tudo isso sem você ao meu lado.

A Graciette, minha avó/mãe, por ser essa mulher cheia de fibra que me criou e lutou com todas as forças para me dar a melhor educação possível.

A Mônica, minha mãe, por manter a chama da leitura acesa em mim.

A família Machado pelas hospedagens em Orlando e por terem sido inspiração para este livro. Em especial, à Márcia (Ana). Sua doçura não a impediu de se mostrar a mais valente das guerreiras.

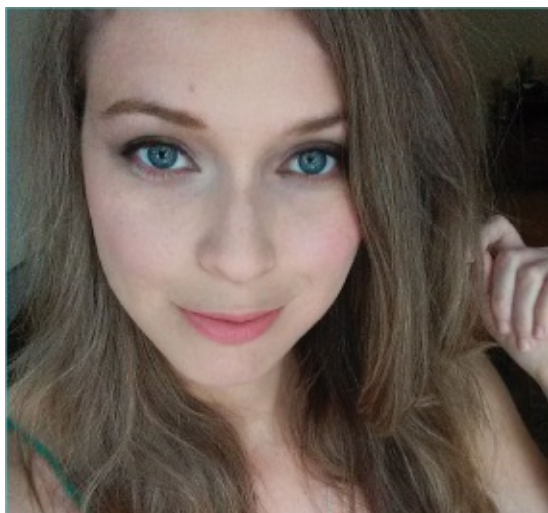
A Raquel Cozer, minha editora, pela paciência e cumplicidade.

A Paula Pimenta, por ter lido DIB mesmo estando em férias em Orlando. Se eu pudesse, construiria aí em Minas um castelo com joias preciosas só para você morar.

A meus amigos da Letras da UFF, Laís, Sabrina, Priscila,

Thayane, Thiago, Victória, Ana Luiza, Regina e Joana. Vocês sempre serão a minha família beletrista.

E, finalmente, às Chrisnáticas, esse grupo maravilhoso de meninas e meninos que leram DIB no Wattpad. Cada palavra deste livro ressoa o nome de vocês.



Nascida no Rio de Janeiro, **Chris Salles** vivia lendo pelos cantos da casa na infância, costume que levou para a vida adulta. Hoje é também fascinada por viagens, paletas de cores, filmes do John Hughes e canetas coloridas, além de ser PhD em humor autodepreciativo e em se esquecer do mundo quando está com fones de ouvido. Formou-se em Serviço Social na Universidade Federal Fluminense e engatou no curso de Letras, quando percebeu que seu destino era a literatura. Em 2013, começou a publicar suas histórias no site Wattpad, onde seus escritos tiveram mais de 5 milhões de visualizações, atraindo leitores adolescentes de várias partes do mundo.

<http://www.twitter.com/thechrissalles>

<http://www.instagram.com/christsalles>

<http://www.facebook.com/PlanetadeLivrosBrasil>